



WAGNER GABY



ATÉ OS CONFINS DA TERRA



PREGANDO O EVANGELHO
A TODOS OS POVOS ATÉ A VOLTA DE CRISTO

WAGNER GABY

ATÉ OS CONFINS DA TERRA

PREGANDO O EVANGELHO
A TODOS OS POVOS ATÉ A VOLTA DE CRISTO

1^a Edição



Rio de Janeiro
2023

SUMÁRIO

Capítulo 1

A Grande Comissão: Um Enfoque Etnocêntrico 7

Capítulo 2

Missões Transculturais: A sua Origem na Natureza de Deus.... 14

Capítulo 3

Missões Transculturais no Antigo Testamento 24

Capítulo 4

Missões Transculturais no Novo Testamento..... 32

Capítulo 5

Uma Perspectiva Pentecostal de Missões 42

Capítulo 6

Orando, Contribuindo e Fazendo Missões 53

Capítulo 7

A Responsabilidade da Igreja com os Missionários..... 66

Capítulo 8

Missionários Fazedores de Tendas 76

Capítulo 9

A Igreja e o Sustento Missionário 85

Capítulo 10

O Desafio da Janela 10/40 96

Capítulo 11

Missões e a Igreja Perseguida..... 108

Capítulo 12

O Modelo de Missões da Igreja de Antioquia 121

Capítulo 13

O Propósito de Missões..... 134

Capítulo 14

Missões e a Volta do Senhor Jesus.....	143
Referências.....	157

CAPÍTULO 1

A GRANDE COMISSÃO: UM ENFOQUE ETNOCÊNTRICO

I - A GRANDE COMISSÃO

Trata-se do mandamento do Senhor no sentido de levar e proclamar o seu evangelho a todas as nações. A ordem imperativa deixada por Jesus aos seus discípulos aponta para a universalidade da pregação do evangelho a toda criatura. Isso está de acordo com os ensinamentos constantes no Antigo Testamento (Is 45.22; Gn 12.3) e no Novo Testamento (Mt 9.37,38; 28.19; At 1.8).

James Hudson Taylor (1832–1905), missionário inglês na China por 51 anos, disse: “A Grande Comissão não é uma opção a ser considerada. É um mandamento a ser obedecido”.

1. O que é a grande comissão?

A Grande Comissão pode ser mais bem compreendida como a ordem pós-ressurreição de Jesus Cristo aos seus discípulos como registrado em Mateus 28.18-20, Marcos 16.15-20, Lucas 24.46-49, João 20.21-23 e Atos 1.4,5,8.

Nas palavras do Dr. George W. Peters (1907–1988), professor de Missões Mundiais no Dallas Theological Seminary, nos Estados Unidos, na sua obra *Teologia Bíblica de Missões* (CPAD):

A Grande Comissão como relatada pelos quatro autores dos Evangelhos apresenta um padrão abrangente e detalhado de nosso

compromisso missionário. Ela não declara todas as tarefas da igreja neste mundo ou a sua missão completa. A Grande Comissão preocupa-se, principalmente, com a expansão da igreja no universo dos que ainda não pertencem à igreja, quem quer que seja e onde quer que esteja. Ela é um grande guia para a evangelização do mundo e não um programa para tornar o mundo cristão, nem mesmo uma prescrição para a edificação da igreja. A ênfase, portanto, é fazer discípulos e evangelizar as nações. Esses dois imperativos devem ser realizados com tensão constante, equilíbrio e perspectiva histórica adequadas até que todo o mundo tenha tido oportunidade de ouvir a boa nova da salvação de Deus em Cristo Jesus.

A Grande Comissão tem como objetivos proclamar o evangelho em palavras e ações a toda criatura; discipular os novos convertidos, tornando-os fiéis seguidores de Cristo; e integrá-los espiritual e socialmente na igreja local a fim de que cresçam na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, por intermédio da ação do Espírito Santo na sua vida, desfrutando sempre da comunhão dos santos.

A Grande Comissão não torna o cristianismo uma religião missionária. O cristianismo assim o é devido à sua fonte, natureza e designio absoluto. Os apóstolos tornaram-se missionários não por causa de uma comissão, mas pelo fato de o cristianismo ser o que é devido à presença do Espírito Santo, que é um Espírito que se comunica e testemunha. Peters lembra que o próprio Cristo fala da missão do Espírito Santo como uma missão de testemunho (Jo 15.26; 16.8-15). Dessa forma, o autor conclui com a seguinte observação:

Se as palavras particulares da Grande Comissão nunca tivessem sido registradas ou preservadas, a responsabilidade e o ímpeto missionários da igreja não seriam nem um pouco afetados. Ela prospera onde quer que o Cristianismo seja realmente conhecido, plenamente acreditado, genuinamente vivido e implicitamente obedecido.

A Grande Comissão pode ser assim esboçada, como Peters percebe pela análise das palavras:

1. O poder (soberania) do Rei “toda a autoridade”.
2. O propósito do Rei “fazei discípulos”.
3. O preceito do Rei “ir... batizar... ensinar”.
4. A presença do Rei “Estou convosco”.

2. A questão cultural

O “Ide” é para toda a Igreja. Ela não pode omitir-se à responsabilidade com as missões nacionais e transculturais. Quer orando, quer contribuindo, quer enviando missionários, a Igreja do Senhor precisa estar envolvida.

3. A ordem de fazer discípulos em todas as nações

A Igreja é a verdadeira e legítima agência missionária, responsável pelo envio e coordenação de qualquer projeto missionário; logo, a Igreja, a *ekklesia* ou os “chamados para fora”, e que o aceitaram como Salvador, foram convocados pelo Senhor para uma missão. Consequentemente, a Igreja está incumbida de espalhar a mensagem de Cristo ao mundo inteiro.

Consequentemente, a Igreja deve ver a obra missionária como um privilégio jamais concedido ao mundo. Esse privilégio é tão grande que os anjos queriam realizá-lo, mas não puderam (1 Pe 1.3-12).

4. A eficácia e os objetivos da Grande Comissão

Para que a Grande comissão seja eficaz, é essencial que o Espírito Santo habite nas pessoas com poder (Lc 24.49; At 1.8), pois o Espírito Santo convence do pecado (Jo 16.8), é o autor da regeneração (Tt 3.5) e capacita os homens a confessarem Jesus como Senhor (1 Co 12.3). Compreendemos que nem todos são chamados especificamente para realizar essa obra, porém a responsabilidade de levar a semente “andando e chorando” (Sl 126.6) é de todos, direta ou indiretamente.

O Conde Nicolaus Ludwig Von Zinzendorf (1700–1760), líder do movimento missionário conhecido como os Morávios e que influenciou profundamente os pensamentos e sentimentos dessa obra na Europa no século XIX, influenciado pelo Pietismo, tinha como lema o seguinte:

1. Cada cristão deve entregar-se totalmente a Cristo para trabalhar em qualquer lugar do mundo e com total amor à família humana.

2. Cada cristão é um missionário e deve compartilhar a sua fé onde está.
3. Cada missionário é um trabalhador e sustenta a si próprio e a sua família.

II - MISSÕES TRANSCULTURAIS

1. Conceito

O prefixo *trans* vem do latim e significa “movimento para além de”, “através de”. Em linhas gerais, portanto, missões transculturais é transpor uma cultura para levar a mensagem do evangelho. Essa mensagem não pode restringir-se a uma só cultura, mas tem alcance abrangente em todos os quadrantes da terra, onde quer que haja uma etnia que ainda não a tenha ouvido.

Cultura, nesse sentido, diz respeito às leis não escritas que governam o modo de viver de um povo, abrangendo língua, costumes, hábitos, religião, tradição... enfim, tudo aquilo que é característico desse povo. Por exemplo, na cultura hindu, as mulheres usam sáris; na cultura chinesa, o povo leva alimentos à boca com palitos. Algumas culturas têm muita coisa em comum, como acontece entre Brasil e Portugal; outras são muito diferentes, como entre o Brasil e a Indonésia.

2. Visão transcultural da Bíblia

Quando se fala em missões transculturais, a Bíblia Sagrada é o padrão a ser seguido. O Antigo Testamento registra a revelação de um Deus não nacionalista, um Deus missionário. Em, pelo menos, três ocasiões específicas no livro de Gênesis, Deus tratou com toda a humanidade, e não somente com uma nação: 1) Em Gênesis 3.15 – A Queda do homem; 2) Em 6.15 – O Dilúvio; 3) e em 12.3 – A eleição de um povo para abençoar a todos os demais após a Torre de Babel.

Missões transculturais é parte fundamental da Igreja, pois ela é a agência executiva de missões. Deus não escolheu nenhuma outra instituição, por mais poderosa financeiramente que seja, para esse mister. Entretanto, Ele selecionou a sua Igreja, que Ele próprio estabeleceu na terra, com a missão de expandir o seu Reino em todas as nações (At 9.15; 13.15; 22.14,15,21; 26.16-18; 16.5).

Toda pessoa enviada para o campo missionário onde haja outra cultura deve, em primeiro lugar, familiarizar-se com ela o máximo possível para realizar um trabalho eficaz. Está mais do que claro que a mensagem do evangelho, ao ser levada a uma nova cultura, num idioma diferente, não consiste em levar estereótipos de uma cultura para a outra, mas é, no dizer de Larry Pate, a proclamação do “amor de Deus, que ultrapassa as fronteiras culturais, raciais e linguísticas. Ele deseja que todos, dos pigmeus da África aos homens de negócio da Ásia, tenham a oportunidade adequada de seguir a Cristo”. Ambos estão em polos distantes e costumes distintos, mas são alvos da graça de Deus e precisam conhecê-lo no seu próprio meio.

Sadhu Sundar Singh (1889–1929), conhecido evangelista indiano, certa vez afirmou: “Se você está indo levar água para um hindu, leve-a em um copo hindu”. Isso significa que, em nosso mundo natural, a composição da água é a mesma, H_2O , mas o vasilhame utilizado pode ser diferente.

O missionário não deve ir para o campo sem ter conhecimento prévio da cultura do país onde vai trabalhar!

O método da comunicação da mensagem do evangelho poderá ser diferente. O mais importante não é o método em si, mas a mensagem a ser comunicada. Todos os povos, independentemente da sua cultura, necessitam da mesma mensagem. Contudo, há diferentes maneiras de pregar e ensinar as verdades bíblicas, sem a necessidade de violar os valores culturais (1 Co 9.20-22). O apóstolo Paulo deixou-nos exemplos a esse respeito no livro de Atos ao viajar por diversos países de diferentes culturas, ao proclamar o evangelho de Cristo. Ele utilizou várias metodologias, só que a mensagem era sempre a mesma: “Jesus Cristo crucificado, sepultado e ressurreto”.

Aos romanos, com idioma e costumes bem diferentes dos judeus, ele disse:

Pois sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes; por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma. Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego. (Rm 1.14-16, ARA)

Já aos Coríntios, povo de outra cultura bem diferente, Paulo declarou: “Porque decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado” (1 Co 2.2, NAA).

3. Barreiras nas Missões Transculturais

Existem barreiras complexas para a evangelização do mundo que a Igreja precisa conhecer e estar preparada para realizar a sua tarefa missionária:

- a)** Barreiras geográficas — novas nações e novas culturas;
- b)** Barreiras culturais — valores de vida, costumes e hábitos;
- c)** Barreiras econômicas — diferenças de moeda e comércio;
- d)** Barreiras linguísticas — as línguas do coração;
- e)** Barreiras religiosas — Islamismo, ateísmo, materialismo, secularismo, etc..

III - VISÃO GLOBAL DO EVANGELHO NO MUNDO

Uma visão global da Grande Comissão aplicada às Missões Transculturais pode ser resumida da seguinte forma:

- a)** Em Mateus 28.18-20, a ênfase é o propósito de missões, tendo como propósito o “fazer discípulos” em todas as nações a guardar o que Jesus ordenou.
- b)** Em Marcos 16.15-20, a ênfase recai na maneira de fazer missões, e o seu objetivo é “pregar, anunciar” o evangelho a todo o mundo e a toda criatura.
- c)** Em Lucas 24.46-49, a ênfase é na mensagem missionária, tendo como objetivo a “pregação” e o “testemunho”, visando ao arrependimento para a remissão dos pecados.
- d)** Em João 20.21,22, estão enfatizados a motivação e o exemplo de missões, mediante a capacitação do Espírito Santo.
- e)** Em Atos 1.8, a autoridade de Jesus tem por objeto o “sermos testemunhas” no poder do Espírito Santo, “tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra”, anunciando o testemunho de Jesus.

CONCLUSÃO

O pastor Oséas Macedo de Paula, na sua obra *Manual de Missões* (CPAD), diz:

A Grande Comissão é uma prioridade na vida de cada discípulo de Jesus. O alvo é alcançar o mundo inteiro com a mensagem do Evangelho, dando as informações necessárias para que cada pecador tenha, de forma clara, condições de optar, positiva ou negativamente, pela sua própria salvação. Sejamos discípulos de Jesus, e não apenas adeptos ou simpatizantes do Cristianismo! Estamos conscientes de que esta será sempre uma obra inacabada, pois sempre haverá o que fazer.

E Ronaldo Lidório, na obra *Restaurando o Ardor Missionário* (CPAD), complementa:

A Grande Comissão não foi dada a uns poucos escolhidos, mas a todo cristão comprometido com o Reino de Deus. E essa ordem de Jesus não é antiga ou ultrapassada. Apesar de grandes avanços em todas as áreas da existência humana, o coração de milhões de pessoas continua buscando sentido para a vida. O que você tem feito para que a água da vida chegue aos que morrem de sede espalhados por todo mundo?

CAPÍTULO 2

MISSÕES TRANSCULTURAIS: A SUA ORIGEM NA NATUREZA DE DEUS

O significado da palavra “transcultural” traz a ideia de um missionário que transpõe as barreiras culturais de um povo ou civilização para apresentar o amor de Deus, segundo o Espírito Santo.

A missão transcultural implica estender-se a todos os grupos étnicos da terra, cuidando dos diferentes aspectos da vida das pessoas. Quando falamos sobre missão transcultural, falamos primeiro sobre a missão de Deus. O Senhor é um missionário. A missão existe simplesmente porque Ele ama as pessoas e quer resgatar a humanidade da sua desumanização nas áreas moral, espiritual, física, intelectual, social, econômica, política e cultural. O estabelecimento do seu Reino é a missão dEle.

Missões transculturais implicam o esforço de a igreja transpor fronteiras, ir além do seu campo de atuação, cruzar barreiras geográficas, línguas, costumes, religiões, etnias, etc., tornar a igreja acessível para cada um dos povos não alcançados e permitir que eles entendam a mensagem e nossa missão enquanto igreja. A tarefa mais importante da Igreja neste tempo é a evangelização transcultural, visto que, pode-se dizer que, ainda hoje, 25% da população mundial nunca ouviu falar do evangelho sequer uma vez.

É preciso entender o que são missões transculturais e saber que, ainda que os tempos sejam de crise, o “ide” do Senhor não pode parar, e Ele designa cada um para o lugar que Ele mesmo escolheu, para que assim a salvação possa ser alcançada por todos.

Ronaldo Lidório ensina que o evangelho de Deus é: supracultural, pois define o ser humano, e não o contrário; multicultural, pois atrai ao Senhor Jesus pessoas de toda tribo, língua e nação; intercultural, pois a igreja é viva e deve viver em comunhão; cultural, pois o próprio Senhor Jesus revela-se em nossos dias, em nossa história, mas sem pecar nosso pecado; transcultural, pois deve ser levado de uma cultura para outra pela obra missionária; e, por fim, contracultural, pois alcança o ser humano onde ele está e transforma-o.

Deus escolheu Israel para ser uma nação missionária, a fim de participar da sua missão de redimir a humanidade. Os israelitas deveriam ser servos de Deus, as suas testemunhas, os seus sacerdotes e mediadores diante das nações (Is 42.5-7; 43.10-13).

De Abraão a Cristo, transcorreram cerca de 2 mil anos, prazo que Israel teve para cumprir a sua tarefa missionária. Israel, entretanto, perdeu a visão missionária pelas seguintes causas:

1. Eles ficaram mais preocupados em ser abençoados, pensando em si mesmos, do que em ser abençoadores;
2. Eles confundiram eleição com elitismo, isto é, pensaram que Deus estava somente preocupado com eles;
3. Etnocentrismo, isto é, o povo de Israel pensou que a sua cultura era melhor que a dos demais, causando-lhes uma profunda cegueira racial e espiritual.

Deus não havia determinado que apenas algumas famílias ou povos fossem alcançados, mas que todas as famílias, ou povos, fossem alcançados. No entanto, ainda que Israel tenha falhado, o Senhor não desistiu do seu propósito e continuou na sua meta de alcançar o homem até o Novo Testamento. (Vide *Guia Prático de Missões* da EMAD – CPAD.)

I - A NATUREZA MISSIONÁRIA DE DEUS

Qual o modelo missionário de que dispomos na Pós-Modernidade? Figuras ilustres da História da Igreja? Projetos contemporâneos de pessoas de feitos notáveis? Os modelos de hoje e os do passado merecem nossa atenção, a fim de ampliar nossa visão missionária, principalmente na aplicação das missões transculturais. Porém, o primordial

que temos é-nos oferecido pelo próprio Senhor Deus, cuja natureza missionária é-nos demonstrada em toda a Sagrada Escritura.

A origem das missões transculturais está intrinsecamente relacionada com a natureza de Deus. Para conhecermos a natureza de Deus, é mister voltarmos à revelação especial que o próprio Deus proporciona-nos na sua Palavra de várias maneiras. Uma delas é mediante os seus diversos nomes e títulos.

A *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* (CPAD) explica sobre o nome de Deus e os seus títulos:

Sobre o nome “Deus”. O Deus verdadeiro revelado nas Escrituras apresenta-se a si mesmo com diversos nomes e títulos que são inerentes à sua natureza e que revelam suas obras e seus atributos. Há três termos no Antigo Testamento hebraico para “Deus”. São eles: *El*, *Eloah* e *Elohim*. O Novo Testamento grego usa o substantivo *theós* para “Deus”. *El* (no hebraico, “Deus”), que se encontra no singular, ocorre cerca de 250 vezes na Bíblia, e enfatiza a ideia de força (Gn 14.18-22). O nome *El* significa “ser forte, proeminente”, sendo um termo semítico muito antigo para a divindade, usado para identificar o Deus de Israel: “*E levantou ali um altar e chamou-lhe Deus, o Deus de Israel*” (Gn 33.20). É, contudo, empregado também para deidades dos antigos povos semitas como nomes próprios e como apelativos. *Eloah* é uma forma expandida de *El*, e *Elohim* é o plural de *Eloah*. O nome *Elohim* refere-se à ideia mais abstrata da deidade, de um Deus universal e Criador do mundo, indicando a transcendência da sua natureza. Deus é apresentado pela primeira vez na Bíblia com esse nome: “*No princípio, criou Deus os céus e a terra*” (Gn 1,1). É o único nome empregado para o Criador no relato da criação em Gênesis, capítulo 1.

Sobre outros nomes de Deus. Outros nomes são mencionados nas Escrituras, os quais também revelam a natureza e os atributos do Deus de Israel, como *Elyon*, *Shadday* e *Yaweh*. O nome *Elyon* significa “Altíssimo”. “*Bendito seja Abrão do Deus Altíssimo*” (Gn 14.19); *Shadday* quer dizer “Todo-poderoso”: “*apareceu o Senhor a Abrão e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-poderoso*” (Gn 17.1); e *Adonay* indica “Senhor”: “*eu vi ao Senhor assentado sobre um alto e sublime trono*” (Is 6.1). O nome *Yaweh* é conhecido por meio do Tetragrama (as quatro consoantes do nome divino YHWH), identificado também como “Jeová”, cuja forma foi inventada no final da Idade Média quando as vogais do nome

Adonai foram inseridas no Tetragrama. A forma híbrida “Jeová” não é bíblica, mas assim ela foi passada para a cultura ocidental, entretanto, aos poucos, esse nome vem sendo substituído pela forma Iavé ou Javé, que é a pronúncia mais próxima do original.

Segundo Stanley M. Horton, o nome Yaweh aparece 6.828 vezes em 5.790 versículos do Antigo Testamento, sendo a designação mais frequente de Deus na Bíblia. É provável que esse nome derive-se do verbo hebraico que significa “tornar-se”, “acontecer”, “estar presente”:

O Tetragrama vem do verbo “ser”, no hebraico, da expressão: “EU SOU O QUE SOU” (Êx 3.14). Isso revela que Deus é o que tem existência própria, ou seja, existe por si mesmo. É o imutável, o que causa todas as coisas, é autoexistente, aquEle que é, que era e que há de vir, o Eterno. O nome Javé aparece quando as características estão claras e concretas, sugerindo, assim, um Deus pessoal que se relaciona diretamente com o povo: “E Deus disse mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O SENHOR, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós; este é meu nome eternamente, e este é meu memorial de geração em geração” (Êx 3.15), e nisso difere do emprego do nome *Elohim* no Antigo Testamento. A partir de 300 a.C., o nome Adonai passou gradualmente a ser mais usado que o Tetragrama, até que o nome Javé tornou-se completamente impronunciável pelos judeus.

Sobre a natureza divina

Romanos 1.19,20 indica que a existência de Deus é algo que pode ser aprendido por todos através da revelação geral. Entretanto, para conhecermos a natureza divina, será mister voltarmo-nos à revelação especial que nos proporciona o próprio Deus. Na sua Palavra, Ele revela-se de variadas maneiras mais empolgantes de conhecê-lo; como já vimos, é através dos seus diversos nomes.

Passando dos nomes e títulos de Deus usados nas Escrituras e que falam da sua natureza, examinemos, de forma abreviada, alguns conceitos importantes acerca da natureza divina. Deus é, antes de tudo, infinito, ou seja, nada o pode limitar.

Além de conhecermos os diversos nomes de Deus, há alguns conceitos importantes acerca da natureza divina: “Deus é simultaneamente *transcen-*

dental (acima, além e maior do que o Universo que Ele criou) e *imanente* (presente e ativo nesse mesmo Universo). A *transcendência* preserva a distinção entre Deus e o Universo. A ideia da imanência divina, por sua vez, reconhece ser a presença de Deus, no Universo que Ele criou, sumamente necessária para preservar a sua amável relação com os seres que Ele também criou (Êx 8.22; At 17.24,25,27,28)". O apóstolo Paulo afirmou a esse respeito: "...ainda que não está longe de cada um de nós" (At 17.27).

Deus também é imutável (não suscetível a mudanças) e eterno. A natureza divina não muda, jamais mudará (Ml 3.6). Deus será sempre fiel a si mesmo.

A missão é a atividade de Deus no mundo. Deus, e não outro, é o maior protagonista das atividades missionárias. Ele age no mundo pela sua graça a fim de reconciliar o mundo consigo mesmo (2 Co 5.19).

II - AMOR DE DEUS: O PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA HISTÓRIA DA REDENÇÃO

O Deus da Bíblia é o Deus da História. Ele tem um propósito para ela. A Bíblia toda é clara quanto a isso e descreve esse propósito do início ao fim. Se cremos que a Bíblia é a Palavra de Deus, devemos necessariamente crer que Missões Transculturais é o programa de Deus, visto que, de Gênesis a Apocalipse, elas revelam-nos o amor de Deus pelas nações da terra (Gn 12.3b; Is 49.6; Ap 5.9).

1. O amor de Deus

Deus ama todos de forma profunda e perfeita. No seu amor, Ele criou um plano de redenção e felicidade para proporcionar-nos todas as oportunidades e alegrias que estivermos dispostos a receber, incluindo tudo o que Ele tem e É. Para conseguir, Deus estava disposto a oferecer o seu Filho amado, Jesus Cristo, como nosso Redentor: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). Ele tem o amor puro de um Pai — um amor universal e, ao mesmo tempo, individual.

Deus é amor (1 Jo 4.8,16). Segundo Edgar Young (1860–1928), amor é

a qualidade de se auto doar, presente na natureza divina, que leva Deus a procurar o maior bem e a mais completa possessão de suas criaturas. O amor de Deus para com o homem busca despertar um amor como resposta do homem a Deus. Em sua forma final, o amor entre Deus e homem significará uma doação mútua, completa e ilimitadas, e a posse mútua total.

O amor de Deus é uma realidade e, como tal, conduz as pessoas nas sendas da caridade.

O amor de Deus no Antigo Testamento é visto na sua preocupação com todos os homens (Dt 33.3), mas especialmente na escolha de Israel (Dt 7.7,8; 10.15; Is 63.9; Os 11.1; Ml 1.2) e o seu voto de aliança constantemente renovado para com eles, contido na sua aliança de “misericórdia” (Dt 7.9; 1 Rs 8.23; Ne 9.32) e “benignidade” (Is 54.5-10). Esse amor garante a Israel a proteção e a redenção de Deus (Is 43.25; 63.9; Dt 23.5) e é estendido a cada um (Pv 3.12; Sl 41.12).

O Novo Testamento reitera o amor que Deus tem por todas as criaturas (Mt 5.45), porém se enfatiza em Cristo e no Calvário (Jo 3.16; Rm 5.8; 8.31-39), eventos que mostram a vida eterna para o crente. Deus é revelado como amoroso porque Ele próprio é amor (1 Jo 4.8,16). O amor é a sua própria essência; o amor é outro termo juntamente com “luz” (1 Jo 1.5), que descreve a qualidade moral do seu ser.

2. A redenção no Antigo Testamento

Redenção é o ato ou efeito de redimir ou remir, que significa liberação, reabilitação, reparo, salvação. É o ato de adquirir de novo, de resgatar, de tirar do poder alheio, do cativeiro. É livrar-se de um passo arriscado, das penas do Inferno.

Redenção significa o livramento de alguma forma de escravidão com base no pagamento de um preço por um redentor. Trata-se de um conceito básico para a visão bíblica da salvação.

No Antigo Testamento, a redenção está integralmente associada à vida familiar, social e nacional de Israel: a) resgate para libertação de um escravo (Lv 25.48-55); b) para recuperar um campo (Lv 25.23-34); c) ao invés de sacrificar um macho primogênito (Êx 13.12-16); d) em favor de alguém que, de outra forma, seria condenado à morte (Êx 21.28-36).

Qual o propósito do plano da redenção? Quando Adão e Eva pecaram, Deus não só lhes expôs as terríveis consequências do seu erro, como também lhes anunciou a existência de um maravilhoso plano que lhes garantiria a vitória final sobre o pecado e a morte. Essa lição trata exatamente do plano da redenção.

Logo no início do Antigo Testamento, Deus revelou a si mesmo como agindo de forma redentora em favor do homem. Jacó invoca a Deus como aquEle “que me livrou de todo o mal” (Gn 48.15,16).

Deus declarou a sua intenção de livrar Israel da servidão do Egito, dizendo: “[...] vos resgatarei com braço estendido” (Êx 6.6).

Para os judeus, a figura da redenção é tida na libertação divina da escravidão no Egito como evento mais notável do Antigo Testamento. Essa redenção fora feita de duas maneiras: 1) por meio do sangue do cordeiro (Êx 12.1-13); e 2) pela libertação do poder do inimigo (Êx 12.26,27; 13.13,14).

3. A redenção no Novo Testamento

Em grego, a palavra é *lutron*, que literalmente significa “resgate”, “preço de soltura” ou “preço de um resgate”. Também pode significar “reabilitação”, “libertação”, “salvação”, “reparo”.

De acordo com o latim, a palavra é *redemptio*, que vem de *redimere*, onde *emere* significa “comprar”, “obter” ou “ganhar”. Então, a junção das palavras forma: recomprar ou reobter, ou seja: comprar de volta, obter novamente.

Em Teologia, redenção é o resgate da humanidade por Jesus Cristo. No conceito cristão, os privilégios da redenção incluem o perdão dos pecados (Ef 1.7), a justiça (Rm 5.17) e a vida eterna (Ap 5.9,10).

No Novo Testamento, a redenção é estritamente uma atividade divina que é realizada por Jesus Cristo e através dEle (Ef 1.7; Gl 3.13; 4.5).

A libertação do pecador é assegurada com base no preço de resgate pago a Deus Pai por Jesus Cristo na sua morte na cruz (Tt 2.14; Hb 9.12; 1 Pe 1.18,19).

A perfeição redentora de Cristo está claramente declarada no Novo Testamento (Hb 9.25-28). No entanto, a experiência de redenção do indivíduo redimido só estará completa na segunda vinda de Cristo (Lc 21.28; Rm 8.23; Ef 1.14).

III - VISÃO BÍBLICA DO CARÁTER TRANSCULTURAL DA MISSÃO

Quando se fala em missões transculturais, a Bíblia Sagrada é o padrão a ser seguido.

1. Um Deus missionário

A Bíblia revela um Deus missionário em cada página das Sagradas Escrituras. Por vezes, pensamos erroneamente que o movimento missionário começou no Novo Testamento e que Deus não tinha preocupações missionárias antes disso. Esse, porém, é um grande erro. O Senhor é um Deus missionário. Todavia, quando olhamos um pouco mais atentamente, vemos que Ele primeiramente criou toda a raça humana. Aprouve a Ele escolher um povo para ser o “seu povo”, para torná-lo conhecido a todas as nações; isso, todavia, não exclui as demais nações, os demais povos do plano salvífico.

Em Abraão, Deus renova o seu chamado missionário: “De ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem, em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.1-4, ARA).

Salmos 2.8 aponta o Senhor como um Deus missionário: “Pede-me, e eu te darei as nações por herança e os confins da terra por tua possessão”.

O Antigo Testamento registra a revelação de um Deus não nacionalista, mas um Deus missionário. No livro de Gênesis, vemos Deus tratando não somente com uma nação específica, mas com toda a humanidade: a) A Queda do Homem (Gn 3.15); b) O Dilúvio (Gn 6.13); c) A eleição de um povo para abençoar a todos os demais após a Torre de Babel (Gn 12.3). Nesses textos, fica caracterizada a falha do homem, o juízo de Deus e a sua promessa.

O Deus missionário estabeleceu uma estratégia de abençoar a todos os povos, escolhendo Abraão para abençoar todas as famílias da terra: “Abençoarei os que te abençoarem [...]; e em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3). Vemos aqui Deus escolhendo um homem, gerando dele uma família que se tornaria um povo, e Ele abençoaria a todas as famílias da terra por meio de Abraão.

2. A escolha de Israel e a sua missão

Deus escolheu Israel para ser o seu povo especial ao longo da História, em parte por causa da fé de Abraão, o patriarca fundador dessa nação. Mas o que é mais importante é que Ele escolheu os israelitas para participarem de modo especial do seu plano de redimir toda a humanidade. Em Deuteronômio 7.7,8, Moisés disse, guiado por Deus, ao povo de Israel no fim do êxodo:

Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o SENHOR vos amava e, para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão poderosa e vos resgatou da casa da servidão, do poder de Faraó, rei do Egito.

Ao estabelecer um relacionamento vertical correto com o Senhor, Israel seria o exemplo para as demais nações. Ele queria que a nação de Israel fosse distinta como uma joia preciosa. Deus queria que a formosura da santidade de Israel atraísse para Ele o restante das nações. Israel seria um exemplo vivo do poder e da graça de Deus para com os povos.

A constância e a obediência de Abraão aos mandamentos de Deus abriram as portas das bênçãos e das revelações de Deus. Fé é confiança no Senhor e na sua vontade. Obediência é a resposta voluntária à fé. Israel foi chamado para receber as bênçãos de Deus e cumprir uma missão especial entre as nações da terra), porém fracassou pela desobediência.

A promessa estabelecida em Gênesis 17.8 foi quebrada pela apostasia de Israel e pela infidelidade de Judá e a sua desobediência à Lei de Deus (Is 24.5; Jr 31.32); por isso, Israel foi levado para o exílio na Assíria (2 Rs 17), enquanto Judá foi posteriormente levado para o cativeiro em Babilônia (2 Rs 25; 2 Cr 36; Jr 11.1-17; Ez 17.16-21).

3. A escolha da Igreja

Deus ainda deseja que os gentios sejam levados à luz. A salvação por meio de Cristo é o cumprimento divino da promessa dada a Abraão de abençoar todas as famílias da terra. Israel fracassou no seu ministério

intercultural, mas esse ministério foi transferido aos filhos do Novo Testamento, a Igreja de Deus! Agora a Igreja é chamada a participar com Deus da evangelização de todo o mundo.

A Igreja herdou o direito exclusivo que pertencia a Israel de ser o povo de Deus. Ela herdou as bênçãos de Deus, mas também recebeu as suas responsabilidades. Fomos chamados para ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13-14).

Paulo descreve a responsabilidade da Igreja como “o ministério da reconciliação”, porque “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação” (2 Co 5.18,19).

“DEUS NÃO DETERMINOU QUE APENAS ALGUMAS FAMÍLIAS DA TERRA FOSSEM ABENÇOADAS, MAS QUE TODAS AS FAMÍLIAS, OU POVOS, FOSSEM ALCANÇADOS. EMBORA ISRAEL TENHA FALHADO, DEUS NÃO DESISTIU DE SEU PROPÓSITO, E CONTINUOU COM SUA META DE ALCANÇAR O HOMEM ATÉ O NOVO TESTAMENTO.”

CAPÍTULO 3

MISSÕES TRANSCULTURAIS NO ANTIGO TESTAMENTO

Levando em consideração o Antigo Testamento como um todo, constata-se que o conceito de “missão” não aparece senão marginalmente. O povo de Israel, desde as suas origens até o período do exílio (VI séc.), não mostrou nenhuma tendência a difundir o conteúdo e a prática da sua fé entre os outros povos. Somente no período pós-exílio, o povo de Israel começou a desenvolver uma visão mais universal, que já estava presente em tradições mais antigas e que também incluía as nações como destinatárias do mesmo projeto de salvação do Deus de Israel.

J. H. Bavinck (1895–1964), um holandês erudito em missões que foi durante muitos anos missionário na Indonésia, observa:

À primeira vista, o Antigo Testamento parece oferecer poucas bases para a ideia de missões [...]. Mas, se nós investigarmos o Antigo Testamento completamente, tornar-se-á claro que o futuro das nações é um ponto de grande interesse [...]. De fato, não poderia ser de outro modo, pois, desde a primeira página até a última, a Bíblia tem o mundo todo em vista, e seu plano divino de salvação é revelado como pertencente ao mundo todo. (*An Introduction to the Science of Missions*, 11)

No dizer de George W. Peters, na sua importante obra *Teologia Bíblica de Missões* (CPAD):

O Antigo Testamento não contém missões; ele é por si “missões” no mundo. Como uma voz solitária no deserto, o Antigo Testamento proclama ousadamente o monoteísmo ético revelador em protesto ao enoteísmo grego, egípcio e, mais primitivo, hindu — os vários sistemas de politeísmos e o monismo incipiente filosófico do Ocidente.

Por seu turno, vemos que Deus, de uma forma gloriosa e miraculosa, preservou tanto a essência dos livros do Antigo Testamento e o povo como o seu portador (Israel). Peters conclui afirmando que, de fato, o Antigo Testamento é um livro missionário, e Israel, um povo missionário.

É bom lembrar, no entanto, que o Antigo Testamento não fala explicitamente de “missão” em sentido atual.

I - ISRAEL, UM POVO ESCOLHIDO PARA UM PROPÓSITO MISSIONÁRIO

No Antigo Testamento, a palavra *bahar* expressa o termo “escolher”, e a primeira vez que aparece é em relação a Israel, em Deuteronômio 7.6, quando eles recebem a ordem de destruir todos os objetos de culto pagãos em Canaã porque “[...] povo santo és ao SENHOR, teu Deus; o SENHOR, teu Deus, te escolheu”. Isso não era assunto para orgulho nacionalista, porque a escolha de Deus era baseada no seu amor, que é cheio de graça, e na sua promessa a Abraão, e não nos números ou no mérito da nação (Dt 7.7).

Como consequência, eles eram um povo salvo somente pela graça e estavam incondicionalmente compromissados com a vontade e a causa de Deus (Sl 105.6; 135.4).

Mais tarde, a escolha de Deus foi confirmada quando Ele libertou Israel do cativeiro da Babilônia (Is 14.1) para cumprir um papel missionário no mundo, como os seus servos (Is 41.8; 44.1.2), particularmente na pessoa do Cristo que viria, o Escolhido de Deus por excelência (Is 42.1).

Outras ocorrências do conceito de povo escolhido estão em 1 Reis 3.8 e Ezequiel 20.5. Importantes referências no Novo Testamento são 1 Coríntios 1.26-28, Efésios 1.4, Tiago 2.5 e, em especial, 1 Pedro 2.9,10.

1. O plano de Deus

Segundo John V. York, no seu livro *Missões na Era do Espírito Santo* (CPAD), Deus arquitetou todo um planejamento para que o seu testemunho sobre Jesus Cristo fosse dado a todos os habitantes da terra (Gn 12.3; Mt 24.14; 28.18-20). O Senhor queria, desde então, que todos os moradores da terra viessem a ter conhecimento sobre a pessoa de Jesus, começando, assim, a “Missão de Deus”, ou *Missio Dei*.

O livro de Gênesis, capítulos 1 a 11, trata da origem e desenvolvimento da raça humana como um todo. O período compreendido nesses capítulos é conhecido como “Universalismo”, enquanto no capítulo 12, nos versículos 1 a 3, o período narrado denomina-se de “Particularismo”, haja vista que Deus trabalha por meio de uma nação chamada Israel. Esta foi chamada para ser uma “nação missionária”. Os israelitas deveriam ser servos de Deus, as suas testemunhas, os seus sacerdotes e mediadores diante das nações (Is 42.5-7; 43.10-13).

O Antigo Testamento contém aproximadamente três quartos da Bíblia Sagrada, mais de trinta autores, cuja ênfase está centrada na história do homem e, principalmente, no êxito do povo hebreu, que foi escolhido como nação sacerdotal e porta-voz da verdade espiritual para o mundo.

Para alguns estudiosos da Missiologia, o período do Antigo Testamento foi conhecido como um período de “missões pátrias”. Os profetas, sem dúvida, foram missionários no sentido mais verdadeiro.

Apesar de que houve convertidos entre os antigos hebreus, principalmente entre estrangeiros, que, por várias razões, tinham fixado residência nos territórios ocupados por Israel, incluindo cativos de guerra e habitantes de territórios conquistados, dificilmente poderíamos chamar Israel de uma nação missionária. O judaísmo posterior tornou-se mais missionário, algo sobre o que o Senhor Jesus comentou de forma negativa (Mt 23.15).

Contudo, no Antigo Testamento, o livro de Jonas aparece, de forma surpreendente, como um livro evangelístico, pois esse profeta tornou-se missionário no estrangeiro (Nínive) — embora relutante. Por essa razão, esse livro tem sido chamado de “o João 3.16 do Antigo Testamento”. O seu fim é tão incomum que os eruditos liberais têm sentido necessidade de conferir-lhe uma data mais recente a fim de que se ajuste à atmosfera mental de séculos mais tarde.

II - O AMOR DE DEUS PARA COM OUTRAS NAÇÕES

1. Os olhos de Deus sobre todos os povos

Johannes Blauw (1912–2007), erudito que escreveu *Os Fundamentos do Antigo Testamento para Missões*, afirma que, desde o início, Deus mantinha os seus olhos em todas as nações e povos. No livro de Isaías, nos capítulos 40 a 55, e no livro de Jonas, vemos que a preocupação universal de Deus é clara no Antigo Testamento.

Encontramos profecias de restauração nos livros proféticos, inclusive um dia futuro em que as nações estarão entre os redimidos (Is 45.6,22; 49.6; 52.10).

2. A viúva de Sarepta e o profeta Elias

Sarepta é uma antiga cidade fora dos limites de Israel pertencente à Sidônia, na costa mediterrânea do Líbano. Atualmente, o sítio de Sarepta localiza-se no distrito libanês de Sarafande. Tratava-se de um território fenício a uns 18 km ao sul de Sidom. O termo Sarepta significa “fornalha de fundição”, “fundir”, “refinar” e “cadinho”, provavelmente devido à atividade de fundição de metais existente naquele local à época do relato bíblico.

Jezabel provavelmente era a mulher mais conhecida do território de Sidom. Quando essa princesa casou-se com Acabe, rei de Israel, começou uma das piores épocas na história de Israel. Esse casal introduziu todo tipo de idolatria em Samaria e irritou ao Senhor Deus com as suas muitas abominações. Jezabel colocou-se contra os profetas de Deus. Em 1 Reis 18.4, ela havia-se lançado a um extermínio dos profetas de Javé. Muitos deles esconderam-se para não serem mortos. Ela odiava Elias, um dos maiores profetas de Deus, e tentou matá-lo.

Elias foi chamado para servir de porta-voz de Deus na ocasião em que o Reino do Norte alcançara a sua mais forte posição econômica e política desde a separação feita pelo governo davídico em Jerusalém.

Enquanto a liderança real estava comprometida com a adoração a Baal, Elias, através das suas mensagens e milagres, tinha a responsabilidade de lembrar aos israelitas que eles eram o povo de Deus.

O pai de Jezabel, sogro do rei Acabe, era o controlador do território fenício. Quando Elias profetizou a grande seca que haveria na

terra e castigaria Israel, o Senhor enviou-o justamente à cidade de Sarepta, na casa de uma viúva. Essa viúva era muito pobre. Quando Elias chegou, ela estava preparando a última comida que tinha em casa, já convencida de que ela e o seu filho morreriam logo depois. Todavia, quando a viúva obedeceu à palavra de Elias, foi abençoada com o milagre da botija (a multiplicação da farinha e do azeite), com comida suficiente para comer muitos dias.

Mesmo assim, o filho dela adoeceu e morreu. Elias, porém, fez uma coisa maravilhosa que ela nunca esperava. Ele, pelo poder de Deus, ressuscitou o menino e restaurou-o à vida. A mãe do menino falou: “Nisto conheço, agora, que tu és homem de Deus e que a palavra do SENHOR na tua boca é verdade” (1 Rs 17.24).

Enquanto a princesa de Sidom negava as evidências e tentava acabar com a fé do povo de Israel, uma mulher pobre e humilde, cidadã do mesmo país, converteu-se a Deus. Ela foi ricamente abençoada, enquanto a princesa Jezabel morreu e foi comida por cães (2 Rs 9.30-37).

3. A missão de Jonas em Nínive

Jonas foi um dos poucos missionários bíblicos para os estrangeiros. Não é por acaso que o tema do seu livro é “a misericórdia de Deus para com todos os homens” (Jn 1.2; 3.2; 4.4-11).

Mesmo não tendo um conhecimento mais claro sobre de que maneira Israel deveria abençoar as nações, Jonas recebe a ordem específica de ir a Nínive para advertir aquele povo sobre o juízo divino que estava prestes a cair sobre a cidade, como consequência dos muitos pecados cometidos por ela.

Nínive era a capital da Assíria, uma nação perversa, cruel e imoral (Na 1.11; 2.12,13; 3.1,4,16,19). Pelo fato de serem inimigos de Israel, o profeta Jonas pensava que os habitantes de lá não eram merecedores e alvos da misericórdia de Deus, razão por que ele esperava que a cidade fosse condenada.

O capítulo 1 descreve a chamada de Jonas e a sua desobediência inicial, que redundou no castigo divino. O capítulo 2, por sua vez, revela a oração feita no ventre do “grande peixe”, quando ele agradece ao Senhor Deus por ter-lhe pouparado a vida e promete obedecer à sua chamada. O capítulo 3 registra a segunda oportunidade que

Jonas recebe de ir a Nínive e ali pregar a mensagem divina ao povo daquela cidade.

A *Bíblia de Estudo Pentecostal* (CPAD), ao comentar o capítulo 3, destaca ter sido um dos despertamentos espirituais mais notáveis da história, quando o rei conclama todos ao jejum e à oração, sendo que o juízo não recaiu sobre eles.

O Senhor teve compaixão até dos animais daquele país! Nesse caso, não admira que a mensagem do evangelho foi dirigida a todos os homens de todos os lugares, com um convite para quem quiser vir.

Como a cidade não foi condenada em razão do arrependimento do povo, o profeta ficou profundamente indignado. Todavia, o Senhor fez Jonas ver que Ele ama a humanidade: “E não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que estão mais de cento e vinte mil homens, que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda, e também muitos animais?” (Jn 4.11).

III - ALIANÇAS ENTRE DEUS E A HUMANIDADE NO ANTIGO TESTAMENTO

1. Alianças de Deus

Com a Queda do homem e toda a criação, todos ficaram sujeitos ao pecado. Entretanto, Deus providenciou os meios para redimir a humanidade e restaurar a comunhão perdida. O Senhor estabeleceu algumas alianças com o homem a fim de tornar conhecida a sua glória entre as nações e receber delas a legítima adoração.

Aliança em hebraico é determinada pelo termo *berit karat*, que significa “fazer (literalmente ‘cortar’ ou ‘lapidar’) uma aliança”.

Em grego, o termo é *diatheke* (que pode significar tanto “pacto” como “último desejo e testamento”), e o verbo é *diatithemi* (At 3.25; Hb 8.10; 9.16; 10.16).

2. Aliança incondicional e condicional

Uma aliança é um acordo entre duas ou mais pessoas em que quatro elementos estão presentes: partes, condições, resultados, garantias.

Existem na Bíblia alianças condicionais e outras incondicionais. J. Dwight Pentecost (1915–2014), em *Manual de Escatologia*, define a Aliança Divina com o seu povo da seguinte maneira:

- 1) É uma disposição soberana de Deus, mediante a qual Ele estabelece um contrato incondicional ou declarativo com o homem, obrigando-se em graça, por um juramento irrestrito, a conceder, da sua própria iniciativa, bênçãos definidas para aqueles com quem compactua;
- 2) É uma proposta de Deus, em que Ele, num contrato condicional e mútuo com o ser humano, segundo condições preestabelecidas, promete conceder bênçãos especiais ao indivíduo, desde que este cumpra perfeitamente certas condições, bem como executar punições precisas em caso de não cumprimento.

São oito as principais alianças de significado especial que explicam o resultado dos propósitos de Deus para com o homem: 1) Aliança Edênica (Gn 2.16,17), que condiciona a vida do homem na inocência; 2) Aliança Adâmica (Gn 3.15), que condiciona o homem caído e dá a promessa de um Redentor; 3) Aliança Noética (Gn 9.11-15), que estabelece o princípio do governo humano; 4) Aliança Abraâmica (Gn 12.1-3), que inaugura a nação de Israel e confirma, com acréscimos específicos, a promessa adâmica da redenção; 5) Aliança Mosaica (Êx 19.5,6), que condena a todos os homens, “pois todos pecaram” (Rm 3.23; 5.12); 6) Aliança Palestiniana (Dt 30.1-3), que garante a restauração final e a conversão de Israel; 7) Aliança Davídica (2 Sm 7.16), que estabelece a perpetuidade da família davídica cumprida em Cristo (Mt 1.1; Lc 1.31-33; Rm 1,3), e do reino davídico sobre Israel e sobre a terra, a ser cumprida em e por Cristo (2 Sm 7.8-17; Zc 12.8; Lc 1.31-33; At 15.14-17; 1 Co 15.24); e 8) Nova Aliança (Hb 8.8), repousa sob o sacrifício de Cristo e garante bênção eterna, sob a Aliança Abraâmica (Gl 3.13-29), de todo aquele que crê. É a última das alianças que Deus fez com Israel. É incondicional, definitiva, eterna. As demais trouxeram o povo de Deus até ela. O Reino de Deus firmado com Davi, e com alcance mundial, agora é manifesto a todo o mundo.

As alianças bíblicas são importantes como uma chave para duas grandes facetas da verdade: Soteriologia e Profecia.

Soteriologia – O plano de Deus através de Jesus Cristo para redimir os seus eleitos está revelado de uma maneira ampla e profunda nas sucessivas alianças.

Profecia – As alianças abraâmicas, palestiniana, davídica e as novas alianças abrem todo o panorama relacionado à primeira e à segunda

vinda de Cristo, e o seu reinado milenar na terra. A maior parte das grandes alianças revela fatos relacionados ao sofrimento, sacrifício, governo e reinado do Messias.

Não restam dúvidas de que os desígnios de Deus abrangem toda a humanidade. O seu alvo é revelar a sua glória e conhecimento a todos os povos, raças, línguas, tribos e nações. Israel foi por diversas vezes advertido pelos profetas a não guardar a mensagem de salvação somente para si, mas proclamá-la “entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas” (Sl 96.3).

Entretanto, o chamado missionário não foi totalmente perdido entre os judeus. Roger Greenway, na obra *Ide e fazei discípulos – uma introdução às missões cristãs*, deixa claro que as falhas de Israel são bem conhecidas. Os israelitas perderam muito do seu testemunho por adotarem elementos de religiões pagãs. Eles tornaram-se mais preocupados com a sua identidade racial e nacional do que com o dever de serem testemunhas para Deus. Eles tinham pouca preocupação de que os gentios perdidos fossem salvos (vide livro de Jonas).

Contudo, afirma Roger:

Deus, porém, fez com que Israel se tornasse uma bênção para as nações, apesar de suas falhas. Os judeus perceberam e preservaram o Antigo Testamento e o traduziram em grego, a língua mais usada nos dias dos apóstolos. Escribas judeus inspirados mantiveram viva a ideia de que um dia todas as nações e povos ouviriam a Palavra de Deus e a ela responderiam. Cristo veio de Israel e ele é o Salvador do mundo (Jo 4.42).

Dessa forma, ele conclui que é impossível entender devidamente missões no Novo Testamento sem considerar as suas raízes no Antigo Testamento.

O amor de Deus para com as outras nações deve ser cultivado e colocado em prática por todos quantos têm paixão pelas almas perdidas.

"ANTES MESMO DA VINDA DE CRISTO, JÁ TINHA UMA MISSÃO JUDAICA NA DIREÇÃO DOS GENTIOS (MT 23.15; JO 7.35). POR ESSA RAZÃO, A 'GRANDE COMISSÃO' DE JESUS NÃO FOI EXATAMENTE UMA SURPRESA. ELA TINHA SUAS BASES NA HISTÓRIA E NAS ES- CRITURAS DE ISRAEL."

CAPÍTULO 4

MISSÕES TRANSCULTURAIS NO NOVO TESTAMENTO

Missões é a suprema tarefa dada à Igreja por Deus e que ela, seguindo o exemplo de Cristo, deve proclamar com palavras e ações o Reino de Deus, chamando todos ao arrependimento e à fé em Cristo.

Enquanto no Antigo Testamento tinha a tendência centrípeta, o Novo Testamento demonstra claramente a atitude ativa, ou seja, a centrífuga. Agora a Igreja tem que sair para alcançar o resto do mundo.

No Novo Testamento, encontramos a Igreja realizando missão centrífuga que, em física, é a força rotativa que impele os objetos de um centro para fora; ou seja, é a Igreja Primitiva enviando missionários para fora dos seus limites culturais com o objetivo de atingir outros povos. Em Lucas 10.2, a palavra “enviar” no grego é *ekballo* e dá o sentido de “tirar com força” ou “lançar para fora”.

Portanto, a natureza da missão da Igreja é a missão centrífuga, que requer ir a outras gentes e ganhá-las, onde quer que se encontrem, para Cristo. Depois de ganhá-las para Cristo, devem ser formadas extensões da Igreja no seu próprio país. Em seguida, esse mesmo povo levará a cabo missões centrífugas, saindo a pregar.

A Teologia do Novo Testamento é evidentemente missionária. Enquanto o povo de Israel falhou no seu propósito missionário, Deus decidiu organizar um novo povo, que é a Igreja no Novo Testamento, que designou a tarefa missionária. O clímax dos propósitos universais de Deus para a redenção do homem é atingido no Novo Testamento.

A Palavra de Deus ensina que a responsabilidade primeira da Igreja é executar a obra missionária. Entendemos claramente que tal responsabilidade é tanto coletiva como individual. Enquanto responsabilidade coletiva, a Igreja é vista como reunião ou assembleia dos salvos. Já como individual, refere-se a cada crente como membro integrante da Igreja.

O clímax dos propósitos universais de Deus para a redenção do homem é atingido no Novo Testamento, através da Nova Aliança, na pessoa de Jesus Cristo. Desde a promessa da semente da mulher (Gn 3.15), passaram-se cerca de quatro milênios.

O missiólogo europeu Johannes Verkuyl (1908–2001) diz o seguinte acerca do Novo Testamento:

Do começo ao fim, o Novo Testamento é um livro missionário. Ele deve sua própria existência ao trabalho missionário das igrejas cristãs primitivas, tanto a judia como a helenística. O Novo Testamento é um livro missionário em discurso, conteúdo, espírito e designio. O Novo Testamento é mais a Teologia em ação do que Teologia em razão e conceito. Trata-se de uma Teologia missionária.

Os Evangelhos são “recordações vivas” da pregação missionária, e as Epístolas, mais do que uma forma de apologética missionária, são instrumentos atuais e autênticos do trabalho missionário.

(*Contemporary Missiology*, 101-2)

No Novo Testamento, o Senhor Jesus foi o primeiro missionário enviado pelo Pai (Jo 20.21). Pelo fato de ter sido enviado de Deus, Ele trouxe consigo um plano de resgate da humanidade que envolve todos os seus seguidores.

Jesus disse aos seus primeiros apóstolos: “[...] Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens” (Mt 4.19). José Satírio dos Santos e Judson Canto, na obra *Missão em Cúcuta* (CPAD), observam: “Cada crente no Senhor é um missionário cultural entre os não-salvos do seu próprio povo em sua própria cultura e língua”. Missionário é uma pessoa com chamada divina para o ministério, que deixa o seu país para ministrar a um povo de cultura ou civilização diferente. A Igreja de Cristo é o instrumento de Deus para atingir os seus propósitos na terra. Ela recebeu a ordem de evangelizar o mundo, e esse é o grande desafio da Igreja de Cristo antes de subir aos céus. O Senhor deixou a

ordem mais importante aos seus discípulos (Mc 16.15). Fazer missões é, portanto, uma ordem, um mandamento bíblico, e não meramente uma opção, um parecer ou uma recomendação.

O Espírito Santo é o poder para as missões. Os discípulos deveriam ficar em Jerusalém até serem revestidos desse poder, pois não podiam começar a obra de Deus sem o revestimento de poder. O Espírito Santo conduz os discípulos a entenderem que o evangelho também é para outros povos (At 10.44,49). Ele guia os obreiros ao campo missionário (At 8.26; 16.6,7) e chama os obreiros às missões transculturais (At 13.2).

I - O DEUS MISSIONÁRIO REVELADO NO NOVO TESTAMENTO

1. A Bíblia mostra um Deus missionário

A Bíblia Sagrada, de Gênesis a Apocalipse, é um livro eminentemente missionário, em razão de que a sua inspiração emana de um Deus missionário, aquEle que envia: “[...] Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20.21; Jo 3.16).

Deus possui um plano que envolve todas as coisas (1 Co 15.28). No Antigo Testamento, Israel foi o instrumento usado por Ele para alcançar o seu objetivo. Todavia, a partir do Novo Testamento, Deus passou a usar a Igreja para cumprir esse desiderato, mostrando ao mundo o grande amor de Deus. “E é à luz dessa revelação de Deus que a igreja enfrenta o maior desafio do cristianismo — a inacabada tarefa missionária, cujo âmago é a evangelização”.

2. Uma perspectiva missionária do Novo Testamento

O Cristo dos Evangelhos é um Deus missionário. A mensagem principal dos Evangelhos é a vida do Filho de Deus. Jesus é o centro de cada frase dos Evangelhos. E a vida de Jesus é o exemplo maior de missão. Muitos missionários deixam as suas casas, o seu conforto e as suas famílias para irem ao encontro dos necessitados, dos sofridos, dos que estão distantes de Deus. Jesus deixou a sua glória, o seu trono e veio estar entre nós como homem. E mais: Ele deu a vida por essa missão. Filipenses 2.7,8 diz:

Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz.

O Senhor Jesus Cristo, o filho unigênito de Deus, foi o missionário por excelência, tendo deixado a glória que tinha com o Pai celestial e tendo sido enviado por Ele. Não foi em vão que David Livingstone (1813–1873), missionário escocês, disse: “Deus tinha um único filho e fez dele um missionário”. Tal afirmativa enfatiza a revelação mais magnífica da Palavra de Deus que diz: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).

3. A Igreja à luz dessa revelação

Não nos esqueçamos de que servimos a um Deus de amor, que trabalha em nosso favor, que é missionário, que não desiste de nós. Somos alvos desse Deus maravilhoso; saibamos, portanto, que o Senhor conta com cada um de nós nesse processo missionário, para que, indo, façamos discípulos e anunciemos que nosso Deus missionário continua trabalhando.

Quando olhamos para os Evangelhos, vemos a face de um Deus missionário, que larga tudo para buscar o homem, um Deus que não só tem um belo discurso acerca do amor, mas que transforma o discurso em prática, em ação.

De acordo com os Evangelhos, o papel de Jesus durante o seu ministério terreno é de o Enviado e tornar o seu povo missionário. O seu ministério foi marcado inteiramente por ações missionárias, demonstrando muito amor e compaixão enquanto anuncava a mensagem de salvação para as pessoas (Jo 3; 4; Lc 15):

O Espírito do Senhor JEOVÁ está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos mansos; enviou-me para curar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos e a abertura de prisão aos presos; a apregoar o anô aceitável do SENHOR e o dia da vingança do nosso Deus [...] (Is 61.1,2)

“Os Evangelhos foram escritos quando a Igreja estava engajada em missões”. Eles foram escritos com o objetivo de que as pessoas pudessem lê-los e chegar ao conhecimento do Senhor Jesus (Jo 8.32,36).

Na parábola do Semeador, Jesus, ao falar sobre os quatro tipos de terrenos, ensinava sobre a reação das pessoas confrontadas com o evangelho (Mt 13.1-23). Jesus conta uma parábola semelhante em Marcos 4.24-30.

Cada um dos Evangelhos termina com a Grande Comissão (Mt 28,18-20; Mc 16.15-18; Lc 24.44-48; Jo 20.21-23). A síntese da Grande Comissão, através desses textos bíblicos, é tornar as pessoas de todos os lugares discípulos de Jesus.

II - MISSÕES NOS EVANGELHOS E EM ATOS DOS APÓSTOLOS

1. Nos Evangelhos

De acordo com os Evangelhos, o poder do Espírito Santo capacitou a Jesus para anunciar as Boas Novas através da cura dos enfermos, da expulsão de demônios e da libertação dos cativos (Lc 4.14-19; Mt 4.23; At 10.38), e os primeiros cristãos e líderes da igreja cristã tinham a missão de propagarem a salvação a todos os povos e nações em todos os tempos. O ministério público de Jesus e o ministério público da Igreja no livro de Atos tiveram o início com a experiência com o Espírito Santo.

2. Nos Atos dos Apóstolos: os missionários Filipe e Pedro

Filipe foi o primeiro missionário transcultural da Igreja Primitiva, enviado para a estrada de Gaza, antiga região dos filisteus, onde encontra um eunuco, alto oficial da rainha dos etíopes. Depois de ter-lhe anunciado o evangelho, batiza-o nas águas (At 8.26-39).

Pedro, um missionário cheio do Espírito Santo, reconheceu que todos os seres humanos são alvos do amor de Deus, deixando claro que a sua mensagem é dirigida a todos independentemente da sua nacionalidade (At 10.34,35; 11.17,18).

3. Nos Atos dos Apóstolos: os missionários Paulo e Barnabé

Paulo, de perseguidor dos cristãos, tornou-se o Apóstolo dos Gentios (At 9.15,16; 3.8; 1 Tm 2,7; Tt 2.11). Em Atos dos Apóstolos, vemos que, através do ministério de Paulo e seus companheiros, a Igreja estendeu-se a todos os povos, culturas e nações conhecidos naquela época.

Barnabé, após ter sido enviado pelos apóstolos a Antioquia para pastorear os que se converteram através da pregação dos dispersos de Jerusalém pela perseguição, foi enviado por aquela Igreja, juntamente com Paulo, pelo poder do Espírito Santo, para o campo missionário. Antioquia transformou-se na primeira igreja missionária gentia (At 13.1-4).

João relata que Deus tem interesse pela salvação de todos os homens (Ap 5.9,10,13; 7.9; 11.15).

No Pentecostes, vemos mais uma vez os olhos de Deus postos sobre todas as nações. Pois ali estavam reunidas pessoas de várias partes do mundo, e todos foram cheios do Espírito, simbolizando, assim, a ação de Deus sobre toda a carne.

Dessa forma, no livro de Atos, percebemos o Espírito Missionário de Deus trabalhando incansavelmente para levar a Igreja a testemunhar o amor de Deus, para fazer com que a Igreja deixe de estar fechada nos seus muros, saindo da sua zona de conforto, e tenha no seu peito uma verdadeira paixão pelas almas.

O Espírito Santo de Atos dos Apóstolos é um Espírito Missionário. Dentre as muitas funções dEle, está a de ungir, inspirar, separar e enviar homens e mulheres para os quatro cantos da terra como missionários do Senhor.

A obra missionária é uma tarefa ligada à ação exclusiva do Espírito Santo. O próprio Senhor Jesus dependeu da unção do Espírito Santo para o exercício do seu ministério (Is 61.1-3; Lc 4.17-20). Alguém já disse que o livro de Atos poderia ser chamado de “Atos do Espírito Santo”, e isso porque todo o livro é pautado na ação do Espírito na vida da Igreja. Antes de receberem o poder do Espírito, os discípulos estavam meio que acovardados, sem rumo. Ao receberem a unção do Espírito, tornam-se verdadeiros missionários, impulsionados aos perdidos e cheios de ousadia para anunciar o grande amor de Cristo.

O Espírito Santo não permitiu que os próprios apóstolos ficassem envolvidos com problemas sociais e quaisquer outras atividades que

não fossem a evangelização (At 6.1-4). Os cristãos primitivos, por seu turno, eram fiéis nas contribuições, o que proporcionava alegria e liberdade para que os apóstolos tivessem mais ousadia e poder do Espírito Santo e, assim, pregassem a Palavra de Deus (At 4.32; 9.31).

O Espírito Santo é quem escolhe e envia missionários para anunciar as Boas Novas de salvação ao mundo (At 8.29; 13.2; 20.28). Em Atos 16.4-7, temos uma revelação clara de como o Espírito Santo deseja que a ação missionária seja realizada, onde e por quem. O Espírito Santo também é o instrutor dos ministros da Palavra de Deus (1 Co 2.1-18).

A ação do poder do Espírito Santo na Igreja é a característica mais surpreendente no livro de Atos, a ponto de o livro ter sido chamado de “Os Atos do Espírito Santo”.

Esse mesmo poder do Espírito Santo concedeu a mesma autoridade espiritual aos discípulos no capítulo 2 de Atos.

A finalidade de Deus é que Cristo seja conhecido, amado, honrado e louvado por todos. Jesus é o Senhor da Igreja!

O apóstolo Paulo escreveu aos Colossenses 4.2,3 o seguinte: “Perseverai na oração [...] ; orando também juntamente por nós, para que Deus nos abra a porta da palavra [...]”. Nenhum projeto missionário, nenhuma igreja e nenhum missionário serão bem-sucedidos se não orarem. Uma igreja missionária é uma igreja de oração.

Durante o ministério do apóstolo Paulo, o que mais lhe confortava nas suas viagens missionárias era saber que a igreja estava sempre em contínua oração em seu favor (1 Co 1.8-11).

Toda a igreja deve ter como prioridade a oração e a evangelização e sempre estar orando pelos que pregam a Palavra de Deus. De igual forma, cada crente deve ser um coparticipante na evangelização, orando (1 Ts 5.17).

Paulo estava agradecido à igreja de Filipos porque era sempre apoiado pela igreja local, que cuidava dele nas suas viagens missionárias (Fp 4.10-20; 2 Co 9.1-12). O missionário deve: 1) estar sempre apoiado pela igreja local (Fp 4.14,15); 2) ser alguém que sabe contentar-se com o que tem (Fp 4.11,12); e 3) não trabalhar na obra do Senhor visando a bens materiais, mas, sim, frutos espirituais (Fp 4.17).

III - A MISSÃO CUMPRIDA NAS CARTAS E NO APOCALIPSE

As igrejas das epístolas são missionárias. Em primeiro lugar, porque a maioria é de cartas endereçadas a novas igrejas, nascidas do esforço missionário dos apóstolos, principalmente de Paulo.

A partir daí, vemos expressões que demonstram que essas novas igrejas nasciam tendo a consciência da missão. Os membros da igreja de Filipos, por exemplo, são chamados a resplandecer como astros no mundo e a preservar a palavra da vida (Fp 2.15-16). Os tessalônices são descritos como tendo não somente recebido a palavra do Senhor, como também feito com que ela “repercutesse” nas regiões vizinhas (1 Ts 1.6-8).

1. Nas Cartas Paulinas

Paulo escreveu as suas epístolas como um missionário. O seu objetivo era instruir as igrejas nos assuntos teológicos e práticos importantes.

Romanos é um livro universal. Todos pecaram (3.23) e são culpados diante de Deus (3.19). O Senhor é o Deus tanto de judeus quanto de gentios (3.29), deixando claro o processo pelo qual ambos são salvos (10.13-15).

As cartas aos Coríntios ilustram a aplicação universal do evangelho, mencionando muitos problemas relacionados unicamente aos gentios. A segunda carta (5.18) declara que “Cristo morreu por todos” e que nos foi dado por Deus o ministério de reconciliação (5.18,19).

Em Gálatas, as Escrituras abraâmicas de Gênesis são interpretadas com referência a Cristo (3.8,16).

A epístola aos Efésios argumenta a favor da unidade da Igreja de Cristo como sendo um único corpo, sem respeito às origens judias ou gentílicas (3.6).

Colossenses lida com o problema de uma cristologia diluída, resultado do ambiente não cristão no qual a Igreja foi fundada.

Tito e 1 e 2 Timóteo lidam especificamente com qualificações para a vocação missionária, como dirigir os assuntos de uma igreja local, bem como preocupações práticas resultantes de uma escatologia falha.

2. Nas Cartas Gerais

As epístolas gerais dão um forte testemunho sobre missões. Hebreus, por exemplo, foi destinado aos cristãos judeus de idioma grego que viviam fora da Palestina. O escritor demonstra a descontinuidade entre a velha e a nova aliança, enfatizando a nova como “melhor” (7.19,22), a qual, uma vez aceita, a missão de Deus irá levá-los para o centro da vontade de Deus a fim de realizar a sua vontade como lhe agrada (13.20). No Novo Testamento, a carta aos Hebreus é única quanto à sua estrutura: “Começa como tratado, desenvolve-se como sermão e termina como carta” (Orígenes).

Tiago contém a sabedoria prática, tendo como temas reminiscências tanto da Literatura de Sabedoria do Antigo Testamento quanto do Sermão do Monte de Jesus. John York assim enfatiza a afirmativa, dizendo: “Um mundo carregado de pecados é atraído por tal sabedoria, especialmente quando ela caracteriza uma igreja onde curas e milagres estão na ordem do dia (5.13-18)”.

Pedro assegura aos “estrangeiros” (1 Pe 1.1) que, embora não fossem um povo, eles agora eram o povo de Deus (2 Pe 2.9,10). Na segunda epístola, Pedro relaciona a vinda de Cristo à paciência de Deus, prolongando a oportunidade de salvação aos que perecem (2 Pe 3.8,9,11,12,15).

3. No Apocalipse

O clímax de Apocalipse é um clímax missionário. Se encararmos Apocalipse como uma visão do futuro, veremos que a missão da Igreja será cumprida, pois João contemplou uma multidão que vinha de todas as nações, tribos, povos e línguas (Ap 7.9-10), ou seja, as nações alcançadas, sem acepção de pessoas.

A mensagem central de Apocalipse é o anúncio de um Cordeiro que é Leão e que venceu não para o seu benefício próprio, mas para conceder vitória aos que nunca venceriam sozinhos. Isso sim é missão!

No livro de Apocalipse, Jesus revela a João a conclusão da longa jornada até os confins da terra e o destino de toda a raça humana. As sete igrejas referidas nos capítulos 2 e 3 situam-se na província da Ásia e, assim, devem ter sido vistas como “igrejas missionárias”.

João relata que Deus está interessado pela salvação de todos os homens (Ap 5.9,10,13; 7.9; 11.15).

O Novo Testamento mostra com mais clareza a forma pela qual Deus planejou restaurar a humanidade dominada pela maldição proveniente da Queda. Para esse fim, o Senhor Deus envia o seu único Filho, que comprou com o seu sangue homens de todas as tribos, línguas, povos e nações, constituindo-os os seus cooperadores na obra de restauração de toda a criação decaída e prisioneira de Satanás, por intermédio da sublime tarefa missionária.

"MISSÕES NASCE NO CORAÇÃO DE DEUS, OPERA NA HISTÓRIA ATRAVÉS DO PODER DO ESPÍRITO SANTO, E APONTA PARA JESUS COMO SENHOR (*κύριος*) DE TODO UNIVERSO". MISSÕES ESTÁ NO CORAÇÃO DE DEUS. E ONDE MAIS? NO CORAÇÃO DE QUEM AMA A OBRA MISSIONÁRIA; NAS MÃOS DE QUEM CONTRIBUI PARA OS MISSIONÁRIOS; NOS JOELHOS QUE SE DOBRAM PARA INTEROEDER POR MISSÕES; NOS OLHOS DE QUEM CHORA PELOS MISSIONÁRIOS QUE SOFREM; NA MENTE DE QUEM PENSA DIARIAMENTE EM MISSÕES; NA BOCA DE QUEM DIVULGA A OBRA DE MISSÕES E NA VIDA DE QUEM SE ENTREGA PAGANDO O ALTO PREÇO PARA FAZER MISSÕES."

CAPÍTULO 5

UMA PERSPECTIVA PENTECOSTAL DE MISSÕES

OPentecostalismo, como a “terceira força” no cristianismo, tem uma contribuição significativa para as missões contemporâneas. Essa expressão foi cunhada em meados do século XX, quando a vitalidade e o crescimento fenomenal do movimento pentecostal tornaram-se evidentes. Paul A. Pomerville, na obra *A Força Pentecostal em Missões* (CPAD), diz:

Essa expressão não foi usada apenas para referir-se às estatísticas ou ao tamanho do movimento. Foi aplicada ao Pentecostalismo porque o movimento reviveu uma dimensão da fé cristã que quase foi ofuscada no mundo ocidental — a experiência do Espírito Santo.

Uma característica notável do movimento pentecostal desde o seu início na virada do século tem sido a paixão por evangelização e missões. Devido ao rápido crescimento num período relativamente curto da História da Igreja, o movimento pentecostal pode ser considerado um fenômeno missionário moderno. William W. Menzies diz: “Sentindo a urgência de alcançar os perdidos antes da volta iminente de Cristo, os crentes batizados com o Espírito Santo espalharam-se para lugares remotos levando o Evangelho”.

William Wilberforce (1759–1833), um britânico considerado o principal responsável pela abolição da escravatura no Reino Unido, já advertia acerca da lassidão que tomava conta dos cristãos naquele momento histórico. Ao comentar sobre a apatia e falta de entusiasmo

com a mensagem cristã denunciadas por Wilberforce, o pastor César Moisés Carvalho, na obra *Pentecostalismo e Pós-Modernidade* (CPAD), lembra que

É exatamente nesse aspecto que a aceitação dos *charismatas*, isto é, dos dons do Espírito Santo, faz toda a diferença. É necessário lembrar, porém, que o Espírito Santo faz toda a diferença. É necessário lembrar, porém, que o Espírito Santo e os seus *charismatas* (1 Co 12.4-11), não nos são outorgados para benefício próprio ou benesses religiosas, mas para aquilo que for útil (1 Co 12.7). Ele continua a revestir a Igreja com o poder do Pentecostes que sustenta e envia seu povo a realizar a obra missionária. O Espírito, inclusive, no que diz respeito à obra missionária, dirige e escolhe, segundo a Sua vontade a pessoa apropriada, o local e o momento (At 8.29,39; 13.1-3; 16.6,7; 20.23) [...]. À Igreja compete a missão de ser uma agência de Deus para a evangelização do mundo (cf. Mt 28.19,20; Mc 16.15,16; At 1.8), e, um canal do propósito divino de edificar um corpo de santos aperfeiçoados à imagem de Cristo (1 Co 12.28; 14.12; Ef 4.11-16). Esse trabalho que deve ser feito, só poderá ter êxito se contar com a ajuda do Espírito Santo, tanto na sustentação e envio como na habilitação espiritual.

I - UMA PERSPECTIVA PENTECOSTAL DE MISSÕES

Segundo o pastor Paul Pomerville, que serviu como missionário na Ásia e na Europa e como professor de pós-graduação e chefe do Departamento de Missões Cristãs e Comunicações Interculturais no Seminário das Assembleias de Deus, autor da obra citada, chama a atenção para a contribuição pentecostal dada às missões contemporâneas, envolvendo um movimento pentecostal mundial que representa um crescimento fenomenal, e uma deficiência na teologia missionária cristã no contexto atual. Segundo Pomerville, as teologias missionárias contemporâneas negligenciam o papel do Espírito Santo.

Por sua vez, Melvin Hedges (1909–1988), missiólogo pentecostal clássico, é específico em descrever essa negligência. Ele expõe que o “silêncio sobre o Espírito Santo” é a negligência de uma qualificação indispensável para missões, a saber, a dotação do poder pentecostal. Ele liga o sucesso relativo das missões pentecostais

diretamente com o “lugar” que os pentecostais dão ao Espírito Santo, um lugar semelhante ao que os crentes do Novo Testamento deram ao Espírito.

Robert P. Menzies, teólogo pentecostal, na sua obra *Pentecostes: essa história é a nossa história* (CPAD), ao afirmar a sua gratidão aos pentecostais do mundo inteiro, assim se expressa:

A impressionante presença de Deus no meio de nós, sua vontade graciosa em conceder dons espirituais, seu desejo de curar, libertar e transformar vidas são temas muito centrais à piedade pentecostal e destacam o fato de que o Reino de Deus está presente. Os pentecostais proclamam um Deus que é próximo, um Deus cujo poder pode e deve ser experimentado aqui e agora. Esse elemento da prática pentecostal tem, em sua maior parte, servido do necessário corretivo da vida da igreja tradicional, que perdeu de vista a presença manifesta de Deus. Nesse ponto, mais uma vez, os pentecostais têm um rico legado para passar adiante.

O que significa a conexão dos dois termos com um hífen (evangélico-pentecostal)? Primeiramente pretende comunicar que os pentecostais fazem parte do evangelicalismo contemporâneo.

1. Somos evangélicos

O evangélico, uma geração atrás, era o protestante que enfatizava: (1) o compromisso pessoal com Jesus: “novo nascimento”, (2) a autoridade bíblica, (3) o “interesse” em fazer conversões. Essa é a chave da identificação e definição que os evangélicos têm em comum. Esses princípios são chamados de impulso evangélico, que, de acordo com a tripla ênfase da Reforma, tinha a ver com: (1) a autoridade das Escrituras, (2) a salvação pela fé e (3) o sacerdócio universal dos crentes.

Pomerville cita os sete princípios que foram identificados com o impulso evangélico na história: (1) a autoridade da Palavra de Deus, (2) a ortodoxia (crença secreta), (3) a salvação pessoal pela graça, (4) a dedicação e o compromisso, (5) o evangelismo e as missões, (6) o ecumenismo (*koinonia*) e (7) a preocupação social. Segundo o autor, o evangélico é, portanto, o cristão que se identifica com essa configuração particular de crença e prática.

O Pentecostalismo acrescenta um “oitavo princípio” ao impulso evangélico descrito acima: o princípio da natureza dinâmica da fé cristã. Esse princípio envolve a *atividade de Deus* na experiência cristã contemporânea, em termos do ministério do Espírito Santo.

O autor salienta que a experiência distintiva do pentecostalismo com o Espírito Santo dá nova nitidez ao termo “evangélico”. A experiência distintiva com o Espírito faz com que os pentecostais retornem para além do fenômeno fundamentalista do século XIX, e da própria Reforma, para o “evangelho”, conforme descrito pela Igreja Primitiva no Novo Testamento. Como movimento de renovação, o pentecostalismo representa uma renovação da experiência cristã do século I. Por essa razão, tem mais a contribuir para o evangelicalismo contemporâneo do que um ponto de referência específica do Novo Testamento (o Dia de Pentecostes). Consequentemente, traz à tona uma dimensão da fé cristã que quase foi ofuscada no cristianismo ocidental: a dimensão experiencial.

O cristão evangélico não é aquele que diverge, mas que busca ser leal na sua procura pela graça de Deus, a fim de ser fiel à revelação que Deus fez de si mesmo em Cristo e nas Escrituras. A fé evangélica não é uma visão peculiar ou esotérica da fé cristã — ela é a fé cristã. Não é uma inovação recente. A fé evangélica é o cristianismo original, bíblico e apostólico.

“Os evangélicos consideram essencial crer não apenas no evangelho revelado na Bíblia, mas também em toda a revelação da Bíblia; crer não apenas que “Cristo morreu por nós”, mas também que ele morreu “por nossos pecados” e, de forma que Deus, em amor santo, pode perdoar os crentes penitentes; crer não apenas que recebemos o Espírito, mas também que ele faz uma obra sobrenatural em nós, algo que, de variadas formas, foi retratado no Novo Testamento como “regeneração”, “ressurreição” e “recriação”.

Eis aqui três aspectos da iniciativa divina: Deus revelou-se em Cristo e no testemunho bíblico total sobre Cristo; Deus redimiu o mundo por meio de Cristo e tornou-se pecado e maldição por nós; e Deus transformou radicalmente os pecadores pela operação interna de seu Espírito. A fé evangélica, assim afirmada, é o cristianismo histórico, maior e trinitário, e não um desvio excêntrico dele. Pois não vemos a nós mesmos oferecendo um novo cristianismo, mas chamando a Igreja ao cristianismo original”.

(Fonte: “Cristianismo Autêntico – 968 Textos Selecionados da Obra de John Stott”, compilado pelo Bispo Anglicano Timothy Dudley-Smith, Editora Vida Acadêmica: São Paulo, 2006).

O reverendo John Stott (1921–2011), ministro anglicano, foi escritor e ex-capelão da Rainha da Inglaterra, em Londres.

2. Somos pentecostais

De acordo com o pastor Isael de Araujo, escritor e diretor da FAE-CAD (Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia), aprovada pela CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil), na sua magnífica obra *Dicionário Movimento Pentecostal* (CPAD), no verbete PENTECOSTAL, encontramos a origem e o seu significado:

Palavra usada a partir de 1907, Grã-Bretanha, pelas igrejas históricas tradicionais (anglicanas, episcopais, metodistas, evangélicas), para se referir aos crentes que criam e recebiam o batismo no Espírito Santo, por causa da analogia entre esse movimento e o dia de Pentecostes (At 2.1-13), isto é, por causa da efusão do Espírito e das manifestações de poder, que eram observadas por toda a parte nas ilhas britânicas. Por sua vez, “pentecostal” é o crente que Crê (adepto) na possibilidade de receber a mesma experiência do Espírito Santo que os apóstolos receberam, no dia de Pentecostes.

O termo “pentecostal”, utilizado por Pomerville na sua obra *A Força Pentecostal em Missões*, segundo ele, é para designar a renovação mais ampla da obra carismática do Espírito Santo em todas as formas de cristianismo.

3. Contribuições pentecostais às missões

O denominador comum em toda a diversidade teológica dos movimentos, que é considerável mesmo entre os pentecostais clássicos, é a experiência com o Espírito Santo não diferente da experimentada pelos cristãos do século I. Segundo ele:

Tal experiência do Espírito pontuou toda a história da igreja. Portanto, o “movimento pentecostal” no sentido de movimento de renovação, remonta à obra do Espírito Santo com a igreja que começou no Dia de Pentecostes e continua ao longo dos “últimos dias”, até que Jesus Cristo volte para a Igreja.

John Garret, ministro congregacional, após ter observado cuidadosamente as atividades de igrejas pentecostais, escreveu:

Não se pode excluir a ênfase que o povo pentecostal dá ao Espírito Santo e a descida do mesmo sobre os discípulos em Jerusalém. Os pentecostais são crentes dinâmicos e anima-os o espírito missionário. Desde o primeiro pentecostes, todo o cristianismo é chamado a ser pentecostal. Será que os pentecostais compreendem melhor que os outros cristãos a ordem de Jesus? Será que a possibilidade de êxito desse povo se deve, em parte, ao fato de aderirem a uma verdade central da religião cristã? Seja como for, o fato é que todos deviam transformar-se em membros revolucionários de uma sociedade espiritual tal como fizeram os primeiros discípulos.

Pesquisando em minha modesta biblioteca particular, deparei-me com o livro intitulado *Porque Sou Pentecostal*, de autoria do pastor Giesel Gomes (1972, p. 127, 128), e vi lá nove razões do porquê eu sou pentecostal:

Sou Pentecostal porque:

1. Tenho consciência de que a Igreja em seus primeiros dias era PENTECOSTAL, pois ela nasceu sob a experiência de um derramamento do Espírito Santo, com promessa de estender-se a “toda a carne” e que sem dúvida alguma só findará com o arrebatamento da Igreja.
2. Aceito a doutrina dos apóstolos, como descrito em Atos 2.42, e tenho encontrado no Novo Testamento ensino a respeito da Obra Pentecostal com tal ênfase que na vida dos apóstolos não se poderia encontrar se eles por sua vez não houvessem sido pentecostais.
3. Não posso ler Atos 2.1, 1 Coríntios 14, Atos 19 e outros textos e permanecer à margem do Movimento Pentecostal.
4. Creio firmemente que a chuva serôdia de que nos fala a Bíblia é o último derramamento do Espírito sobre a Eleita, que assim prepara a Noiva para a colheita, e eu desejo desfrutar as bênçãos do Evangelho completo até o momento final.
5. Tendo buscado, recebi o precioso batismo no Espírito Santo, falei em línguas estranhas, tudo por misericórdia do Senhor e agora não posso retroceder, inclusive porque o batismo

não é um fim em si, mas a porta aberta a outras gloriosas manifestações do Espírito de Deus.

6. As Igrejas Pentecostais dão ênfase singular à Pessoa e à Obra do Espírito Santo na atualidade e a Bíblia é mui clara em afirmar que, durante a dispensação da Igreja, esta estaria aos cuidados da Terceira Pessoa da Trindade, e certamente ignorá-la é ignorar a Cristo.
7. As Igrejas Pentecostais são alegres, vivas, movimentadas e vibrantes, e eu sei que isso é plano de Deus, pois no princípio assim o foi e no Céu também o será. É a Bíblia quem o diz.
8. As Igrejas Pentecostais estendem a participação a toda a coletividade, tornando mais intenso o ritmo de trabalho e a todos dando oportunidade, não restringindo a graduados a pregação do Evangelho e isso tem sido parte da razão do seu sucesso, pois ela tem crescido extraordinariamente.
9. Tendo nascido numa Igreja Pentecostal, todo o meu ser tem recebido a satisfação espiritual que somente o Espírito de Deus pode produzir numa vida humana.

II - A OBRA MISSIONÁRIA DEPOIS DO PENTECOSTES

1. A causa da obra missionária da primeira igreja

A descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes é o acontecimento impulsor da obra missionária da Igreja. Jesus disse aos discípulos que, capacitados pelo poder do Espírito Santo, eles seriam as suas testemunhas até aos confins da terra (At 1.8).

O período em que a Igreja viveu o seu maior crescimento foi o do primeiro século de nossa era. Ali começou o movimento de missões. Os oito primeiros capítulos do livro de Atos dos Apóstolos explicam a razão desse crescimento: os discípulos deveriam estar revestidos de poder (At 1.4) antes de sair para alcançar as nações com o evangelho.

2. A expansão missionária da primeira igreja

Como resultado de terem ficado cheios do Espírito Santo, os discípulos puderam compartilhar a mensagem do evangelho de Jesus Cristo com outras pessoas além das fronteiras da Palestina.

O livro de Atos dos Apóstolos relata de forma detalhada e precisa o avanço missionário dessa igreja do século primeiro. Nele, embora

destaque a atuação do apóstolo Paulo — considerado o maior missionário da Igreja Primitiva (1 Co 16.8,9) por ter estabelecido igrejas nas quatro províncias romanas: Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia, num período de dez anos —, foram registrados trabalhos importantes de outros homens e mulheres de Deus, como, por exemplo, Barnabé, Pedro, Silas, Filipe, João Marcos, Apolo, Áquila, Priscila, etc.

3. “Deus não faz acepção de pessoas”

Filipe foi o primeiro missionário transcultural enviado para pregar para um africano (At 8.26-30). Pedro, um missionário cheio do Espírito Santo, reconheceu que, para Deus, todos os seres humanos são alvos do seu amor (At 10.34,35; 11.17,18). Paulo, de perseguidor dos cristãos, tornou-se o apóstolo dos gentios (At 9.15,16; 3.8; 1 Tm 2,7; Tt 2.11). João relata que Deus está interessado pela salvação de todos os homens (Ap 5.9,10,13; 7.9; 11.15).

A missão atingiria em pouco tempo a escala mundial, visto que pessoas de dezesseis nacionalidades estavam em Jerusalém naquele dia (At 2.5,9-11). Em Atos 2, após o derramamento do Espírito Santo, houve um grande acréscimo no número de cristãos, e o Espírito Santo manifesta-se ainda hoje com salvação.

Os primitivos discípulos viviam cheios do Espírito Santo, de alegria e gozo espiritual. Isso explica todas as demais características da evangelização daqueles dias (At 4.8,31; 5.17-41; 7.55).

O batismo com o Espírito Santo é de fundamental importância para o êxito da evangelização. O propósito principal do batismo com o Espírito Santo é o recebimento de poder divino para testemunhar de Cristo, para ganhar os perdidos para Ele e ensinar-lhes a observar tudo quanto Cristo ordenou. A sua finalidade é que Cristo seja conhecido, amado, honrado, louvado e feito Senhor do povo de Deus (Mt 28.18-20; Lc 24.29; Jo 5.23; 15.26,27). A *Bíblia de Estudo Pentecostal* (p. 1629) declara:

O batismo no Espírito Santo não somente outorga poder para pregar Jesus como Senhor e Salvador, como também aumenta a eficácia desse testemunho, fortalecido e aprofundado pelo nosso relacionamento com o Pai, o Filho e o Espírito Santo por termos sido cheios do Espírito (Jo 14.26; 15.26,27).

A igreja crescia em números. A igreja crescia diariamente. A igreja crescia por adição de vidas salvas. A igreja crescia por ação divina. Vejamos o crescimento da Igreja Primitiva em números:

- Em Atos 1.15 – 120 membros;
- Em Atos 2.41 – 3.000 membros;
- Em Atos 4.4 – 5.000 membros;
- Em Atos 5.14 – Uma multidão é agregada à igreja;
- Em Atos 6.17 – O número dos discípulos é multiplicado;
- Em Atos 9.31 – A igreja expande-se para a Judeia, Galileia e Samaria;
- Em Atos 16.5 – Igrejas são estabelecidas e fortalecidas no mundo inteiro.

III - A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO E A OBRA MISSIONÁRIA

1. A função do Espírito na obra missionária

Dentre as muitas funções do Espírito Santo, está a de ungir, inspirar, separar e enviar homens e mulheres para os quatro cantos da terra como missionários do Senhor.

A obra missionária é uma tarefa ligada à ação exclusiva do Espírito Santo. O próprio Senhor Jesus dependeu da unção do Espírito Santo para o exercício do seu ministério (Is 61.1-3; Lc 4.17-20).

O Espírito Santo não permitiu que os próprios apóstolos ficassem envolvidos com problemas sociais e quaisquer outras atividades que não fosse a evangelização (At 6.1-4). Os cristãos primitivos, por seu turno, eram fiéis em suas contribuições, o que proporcionava alegria e liberdade para que os apóstolos tivessem mais ousadia e poder do Espírito Santo para pregar a Palavra de Deus (At 4.32; 9.31).

2. O Espírito Santo capacita para a obra

O Espírito Santo é quem escolhe e envia missionários para anunciar as Boas Novas de salvação ao mundo (At 8.29; 13.2; 20.28). Em Atos 16.4-7, temos uma revelação clara de como o Espírito Santo deseja que a ação missionária seja realizada, onde e por quem. O Espírito Santo também é o instrutor dos ministros da Palavra de Deus (1 Co 2.1-18).

A ação do poder do Espírito Santo na Igreja é a característica mais surpreendente no livro de Atos, a ponto de o livro ter sido chamado de “Os Atos do Espírito Santo”. Tanto o ministério público de Jesus quanto o ministério público da Igreja no livro de Atos tiveram o início com a experiência com o Espírito Santo.

O poder do Espírito Santo capacitou Jesus para anunciar o evangelho através da cura dos enfermos, da expulsão de demônios e da libertação dos cativos (Lc 4.14-19; Mt 4.23; At 10.38). Esse mesmo poder do Espírito Santo concedeu a mesma autoridade espiritual aos discípulos no capítulo 2 de Atos.

3. Deus age por meio do Espírito Santo

No livro *Verdades Pentecostais* (CPAD), o pastor Antonio Gilberto descreve a assistência do Espírito Santo na obra missionária. O Espírito Santo escolhe, envia, capacita e direciona os evangelizadores. No livro de Atos dos Apóstolos, observa-se o Espírito Santo agindo em meio à Igreja. O Deus bíblico não é conforme apregoa o deísmo, mas, sim, um Deus que intervém a todo instante pela providência e pelo poder ativo do Espírito Santo. A Igreja que dá espaço para a atuação do Espírito Santo será um celeiro da evangelização, com eficácia e na direção divina. “O evangelismo e a obra missionária são o fruto natural de uma vida e testemunho para Jesus Cristo de uma igreja cheia do Espírito”.

É o Espírito Santo que convence os pecadores do seu pecado e culpa, que abre os seus olhos para que vejam Cristo, que os atrai para Ele, que os capacita a arrepender-se e a crer, e que implanta vida na alma morta dessas pessoas. Antes de Cristo enviar a Igreja ao mundo, Ele enviou o Espírito Santo à Igreja.

À guisa de conclusão, vale a pena transcrever a observação do professor de Teologia Bíblica de Missões, Dr. John V. York, missionário por vinte e cinco anos no continente africano, com ministérios de treinamento teológico da Assembleia de Deus na Nigéria e na América, no seu livro *Missões na Era do Espírito Santo – Como a fé pentecostal pode ajudar a Igreja a completar a evangelização do mundo* (CPAD):

O batismo no Espírito Santo não deve ser confundido com emocionalismo ou alguma outra reação humana à presença do Espírito

Santo. Personalidades humanas são diferentes, e reações aprendidas variam. O que é essencial é a realidade da concessão de poder divino focalizado em testemunho e serviço. Existem aqueles que confundem o pentecostalismo com a exuberância na adoração ou com um comportamento emocional. Ao passo que não seria sábio diminuir o significado das emoções humanas ou da adoração vivaz, esses conceitos não são a essência do pentecostalismo. Seu princípio fundamental é a capacitação sobrenatural de crentes com poder para que possam, em palavras e em obras, adequadamente testemunhar de Cristo às nações do mundo.

CAPÍTULO 6

ORANDO, CONTRIBUINDO E FAZENDO MISSÕES

Desde o Antigo Testamento, Deus procurou pessoas que se colocassem à sua disposição para realizar a sua obra. Tais servos deveriam ter consciência da chamada divina e convicção da obra que deveriam realizar (Êx 32.31,32).

O chamado de Deus é para participarmos da sua missão no mundo. Primeiramente, Ele enviou o seu Filho e depois enviou o Espírito Santo. Agora, Ele envia a sua Igreja, que somos nós. Deus, por meio do Espírito, envia-nos ao mundo para anunciar a salvação do seu Filho. Ele trabalhou por intermédio do seu Filho para alcançá-la e trabalha por nosso intermédio para torná-la conhecida.

A chamada de Deus para a obra missionária é universal, fazendo parte da Grande Comissão dada por Jesus após a sua ressurreição: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura (Mc 16.15); “[...] ide, ensinai todas as nações” (Mt 28.19); “[...] e ser-me-eis testemunhas até os confins da terra” (At 1.8). Essas três passagens bíblicas são suficientes para descrever qual a prioridade número um do Senhor Jesus Cristo: “A evangelização do mundo”.

Há cinco partes na Bíblia Sagrada. O Deus do Antigo Testamento é um Deus missionário, pois chamou uma família a fim de abençoar todas as famílias da terra. O Cristo dos Evangelhos é um Cristo missionário, pois enviou a Igreja para que desse testemunho dEle. O Espírito de Atos é um Espírito missionário, pois tirou a igreja de Jerusalém e levou-a para Roma. A igreja das Epístolas é uma igreja

missionária, uma comunidade mundial, com uma vocação mundial. O fim de Apocalipse é um fim missionário, um sem-número de pessoas de todas as nações. Como diz John Stott: “A religião da Bíblia é uma religião missionária”.

O chamado de Deus é um serviço sério e sagrado e requer o máximo de nós, como o apóstolo Paulo diz em Romanos 1.15: “E assim, quanto está em mim, estou pronto para também vos anunciar o evangelho”. O Dr. George William Peters, professor de Missões Mundiais em Dallas Theological Seminary durante muitos anos e autor do livro *Teologia Bíblica de Missões* (CPAD), faz a seguinte paráfrase desse versículo: “Mobilizei e desenvolvi todas as habilidades dentro de mim e as organizei para um propósito, isto é, anunciar o Evangelho de Jesus Cristo”. Devemos aprender, portanto, que precisamos alcançar isso para atender o desafio do chamado de Deus.

Missionário é uma pessoa chamada por Deus (Rm 1.1; 1 Co 1.1), e essa chamada acontece através da visão da obra (Jo 4.35; At 16.9; 26.19); da obediência à Palavra (Mc 16.20; Hb 2.4; At 4.20); e da direção do Espírito (Ap 3.13; At 16.6-8; 14.23-28)

Roger S. Greenway (1934–2016), professor de Missiologia no Calvary Seminary, autor do livro *Ide e fazei discípulos – Uma introdução às missões cristãs*, no capítulo 20, sob o título “O preparamento para tornar-se um missionário”, assim se expressou:

Eu me lembro de ouvir o famoso missionário aos hindus, E. Stanley Jones, dizer a um grupo de estudantes reunidos na Cidade do México. “Alguns de vocês, jovens, estão pensando sobre ministério e missões. Meu conselho a vocês é este: se puderem ficar de fora, então fiquem; mas, se não puderem, então, venham! É maravilhoso!”. Há apenas um chamado para todos os cristãos, o de seguir a Cristo no serviço para a glória de Deus e crescimento de seu reino; mas, há várias tarefas dentro desse chamado. Eu tenho uma experiência de mais de quarenta anos, e gostaria de dar alguns conselhos para aqueles que se sentem chamados a se tornarem missionários. Não há satisfação maior do que aquela que os missionários experimentam quando veem o Espírito Santo mudando os corações e as vidas, trabalhando por meio dos seus esforços tão fracos para construir igrejas de Cristo.

Para assumir um compromisso com a obra missionária, é necessário saber que esse compromisso exige três ações distintas: orar, contribuir e ir.

I - ORANDO PELA CAUSA DE MISSÕES

A primeira tarefa em que a igreja deve estar envolvida é a oração. Uma igreja que ora é uma igreja poderosa. E, se a igreja ora em prol de missões, torna-se mais poderosa ainda. Uma igreja missionária é uma igreja de oração. Se a igreja não sente amor pelas almas e não se envolve com o trabalho missionário interna ou externamente, é porque não ora. O termômetro do progresso de uma igreja está na oração.

José Martins disse corretamente: “A oração é a essência da obra missionária. Não é só uma atividade necessária ao sucesso da obra — é a obra em si. É a prática mais missionária possível, quando vivida de maneira bíblica”. É evidente que Martins não quer dizer que oração e missões são a mesma coisa, e sim que essas duas atividades devem vir interligadas. Nunca é demais enfatizar a importância da prática da oração na obra missionária.

Frank Laubach (1884–1970), missionário nas Filipinas por 25 anos, foi um homem de intensa oração. Ele fez disso um hábito, passando horas, todas as noites, em oração particular pelos pobres, perdidos e analfabetos. Laubach ia ao campo, ou a um jardim, ou se trancava num banheiro, a fim de ficar a sós com Deus, em oração. Ele explicou isso da seguinte maneira: “Nós seremos úteis espiritualmente apenas se tivermos um lugar secreto, para o qual podemos correr, com frequência, para orar. Ali nós seremos recarregados, como se faz a uma bateria descarregada; e ali receberemos novas instruções do nosso Senhor” (*You Are My Friends*, 84).

Embora considerado um “gigante” na fé, o apóstolo Paulo não dispensava as orações das igrejas, pois ele possuía um profundo senso de necessidade da oração. Para ele, a oração era uma ação missionária (Ef 6.18-20). A oração vai na frente do missionário. Ela move a mão de Deus. É a chave do sucesso missionário.

A oração pela obra missionária possui duas finalidades:

1. Interceder

A oração coloca-nos na condição de intercessores da obra missionária (Is 62.6-10). Devemos orar para as portas serem abertas (Cl 4.2,3). Há países e regiões sob o domínio das potestades demoníacas, da feitiçaria. São lugares de difícil acesso e resistência à Palavra de Deus. Os missionários são os alvos principais do ataque e da oposição de Satanás, porque eles são poderosamente usados por Deus.

Satanás é inimigo dos missionários e usa de muitos métodos para impedir que o evangelho seja propagado. Satanás trata os missionários como “invasores” do seu território, do qual ele não abre mão nem um centímetro sequer, sem uma batalha.

Devemos orar para que o coração das pessoas esteja aberto à mensagem de salvação; para que os missionários tenham ousadia para testemunhar e pregar o evangelho (Ef 6.19); para que a Palavra de Deus seja propagada (2 Ts 3.1); pela proteção e segurança dos missionários diante dos perigos a serem enfrentados (1 Ts 3.2); para que o ministério e as atitudes dos missionários sejam dignos de aceitação (Rm 15.31); para que os missionários sejam sempre guiados por Deus (Rm 15.32) e para que o Senhor conceda refúgio aos missionários, através de vitalidade física, emocional e espiritual (Rm 15.32).

Os missionários precisam de nossas orações porque são pessoas com necessidades humanas normais, fraquezas e problemas. Oremos por eles para que o Senhor lhes dê poder para falar do evangelho com coragem e clareza, a fim de que eles vejam as pessoas arrependendo-se e voltarem-se para Cristo e para que o Senhor abra portas e remova barreiras, principalmente nos países sob o domínio das potestades demoníacas, da feitiçaria (trevas profundas), até que o Reino de Cristo seja estabelecido.

Se, por um lado, muitas igrejas estão fechando as suas portas, se muitos pastores estão deixando o ministério e se muitos missionários estão retornando das suas tarefas sem sucesso, é porque a igreja deixou de orar.

Por outro lado, louvamos a Deus pelo fato de que está havendo um avivamento da oração entre os cristãos ao redor do mundo hoje. Esse avivamento começou na América Latina e Coreia do Sul e, hoje, as “Casas de Oração” são centros de crescimento e testemunho cristão comuns na Índia.

Com raras exceções, a oração reavivada leva a um aumento da evangelização e de missões. Como disse Samuel Marinus Zwemer

(1867-1952), conhecido como o “Apóstolo do Islã” dos seus dias, disse: “Oração e missões são inseparáveis”.

2. Despertar a igreja local para a obra missionária

A oração aumenta o desejo do crente em fazer algo no sentido de levar a salvação para os perdidos e até mesmo ser enviado ao campo missionário. Os mesmos crentes que deveriam orar por ceifeiros em Mateus 9 são os que foram enviados por Jesus para ceifar em Mateus 10.

É preciso orar, orar e orar mais e mais. A liderança da igreja, os grupos missionários, as organizações internas da igreja só podem realizar um trabalho profícuo e uma evangelização dinâmica se viverem em oração.

Que Deus conceda à igreja brasileira a graça de ser uma igreja que se alegra em estar na presença do Todo-Poderoso, intercedendo dia após dia pela obra missionária do Brasil e do mundo.

Um líder de missões disse certa feita: “Se mais crentes se pucesssem de joelhos em oração, mais crentes se poriam em pé na evangelização”.

II - CONTRIBUINDO PARA MISSÕES

1. O sustento dos missionários

Com base nas leis do Antigo Testamento, quando o Senhor Deus ordenou que os sacerdotes e levitas deveriam ser sustentados por meio das ofertas das pessoas (Lv 7.28-36; Nm 18.8-21), o apóstolo Paulo instruiu os coríntios: “Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho” (1 Co 9.14).

Jesus ensinou acerca do sustento missionário quando enviou os seus discípulos para as ovelhas perdidas de Israel (Mt 10.10).

Em Filipenses 4.10-20, encontramos ensinamentos importantes acerca do modo como os primeiros missionários receberam apoio missionário. Após ter deixado Filipos, Paulo foi a Tessalônica para pregar o evangelho, porém os filipenses continuaram a enviar apoio financeiro e material para ele (Fp 4.16).

Paulo estava agradecendo à igreja em Filipos porque ela cuidara dele durante as suas viagens missionárias. E ele enfatiza que eles não mandaram somente uma, mas duas vezes, o bastante para ele manter-se.

O cuidado missionário é uma diaconia da igreja, que permite ao missionário poder dedicar-se com tranquilidade à oração e ao ministério da Palavra.

O texto de Filipenses citado é rico em ensinamento, como vemos em seguida.

1.1 O missionário autêntico deve ser apoiado pela igreja local – vv. 14,15

“No entanto, vocês fizeram bem, associando-se comigo nas aflições. E como vocês, filipenses, sabem muito bem, no início da pregação do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja se associou comigo nessa questão de dar e receber, exceto vocês, somente” (NAA).

O apóstolo Paulo estava associado, ligado à igreja de Filipos no tocante ao sustento que receberia para a sua tarefa missionária. Missões é um trabalho que deve ser realizado em conjunto. A palavra “associou” (do grego *koinōneō*) significa “associado”, “participante”, “parceiro”, “compartilhar recursos com outras pessoas” (Rm 12.13; Gl 6.6; Fp 4.15).

Os missionários dependem da fidelidade dos fiéis em quem eles confiam, ano após ano, para o seu apoio em orações e doações. Esses sustentadores são verdadeiros colaboradores na propagação do evangelho.

Paulo escreveu em Filipenses 1.4,5 sobre as orações oferecidas a favor da igreja. Ele orava por eles com grande alegria por causa da sua “parceria no trabalho do evangelho”. Não há maior privilégio para a igreja e para o cristão do que este: ser parceiro com os missionários na proclamação do evangelho.

Podemos aprender dessa passagem que o apoio missionário é um investimento espiritual que Deus credita na conta dos doadores (Fp 4.17). Trata-se de uma oferta presenteada primeiramente a Deus, e não aos homens (Fp 4.18). Toda a glória pertence a Deus, e Ele recompensará ricamente os que dão suporte ao trabalho de missões (Fp 4.19-20).

Sustentar os missionários no seu trabalho em prol do evangelho é obra dignificante e aceita por Deus, “cheiro de suavidade e sacrifício agradável e aprazível” a Ele (Fp 4.18).

Uma pesquisa realizada pela Missão Horizontes revela como os cristãos estão investindo o seu próprio dinheiro. As pesquisas mostram que:

- Gastam mais com *chicletes* do que com missões.
- Gastam mais com *refrigerantes* e *balas* do que com missões.
- Gastam mais com *cosméticos* e *limpeza* do que com missões.
- Gastam mais com *comida supérflua* do que com missões.
- Gastam mais com *animais de estimação* do que com missões.
- Gastam mais com *roupas de grife* do que com missões.
- *Um eletrodoméstico* que um cristão compra à vista, na maioria dos casos, *custa mais* do que a oferta dada para *missões durante 5 anos por ele*.
- *Os cristãos estão dando para missões menos do que o valor equivalente a uma Coca-Cola diária.*

1.2 O missionário autêntico sabe contentar-se com o que tem – vv. 11,12

“Digo isto, não porque esteja necessitado, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Sei o que é passar necessidade e sei também o que é ter em abundância; aprendi o segredo de toda e qualquer circunstância, tanto de estar alimentado como de ter fome, tanto de ter em abundância como de passar necessidade” (NAA)

A paixão pelas almas, que ardia no coração do apóstolo, era tão grande que ele desejava fazer qualquer coisa pela pregação do evangelho. Ele estava disposto a tornar-se “escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível” (Fp 4.19), mesmo tendo muito “direitos” (Fp 4.4.6.12,16-18).

É dever de todo crente dar graças a Deus em tudo, como ensina o apóstolo Paulo em 1 Tessalonicenses 5.18, o texto áureo da gratidão na Bíblia: “Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”.

A gratidão flui do coração que sabe contentar-se. A murmuracão e a queixa surgem onde não há contentamento. A ganância do homem não conhece limites; quanto mais tem, mais quer. Mas nós, que buscamos as coisas de cima e corremos atrás delas, devemos contentar-nos e dar graças em tudo, com uma atitude que agrada a Deus.

O apoio financeiro de missões não será um problema quando a mesma paixão arder no coração dos missionários e das igrejas de hoje.

1.3 O missionário autêntico não visa a bens materiais, e sim a frutos espirituais – v. 17

“Não que eu esteja pedindo ajuda, pois o que realmente me interessa é o fruto que aumente o crédito na conta de vocês” (NAA).

Na verdade, esse deve ser o desejo de cada pastor, missionário e obreiro que vive exclusivamente para o serviço do evangelho. A natureza humana leva as pessoas a ficarem cada vez mais preocupadas com a crise financeira, com o dia de amanhã, etc., o que é natural, porque faz parte do instinto de sobrevivência do ser humano. Na verdade, Paulo está dando um exemplo de viver de modo a não se tornar um mercenário.

O pastor Elienai Cabral, ministro do evangelho, conferencista e escritor de diversos livros, na sua obra *Filipenses: A humildade de Cristo como exemplo para a Igreja* (CPAD), depois de lembrar o princípio bíblico de que todo obreiro é digno do seu salário, adverte que não é admissível que se faça a obra de Cristo por causa de dinheiro:

Em relação a si mesmo, Paulo está dizendo à Igreja de Filípos que o recebimento da oferta enviada para ele tinha, acima de tudo, um caráter espiritual. Ele a recebia como uma oblação de amor da parte dos filipenses. Ele não a recebia por cobiça material: “Não que procure dádivas” (v.17). Era na realidade, o exercício de um sacerdócio com a coparticipação da igreja.

2. Contribuir para missões é juntar tesouros no céu

Contribuir financeiramente para missões é realizar o maior dos investimentos. É uma maneira de ajudar a juntar tesouros no Céu (Mt 6.20). O missionário Paulo, em Filipenses 1.5, agradece a “cooperação no evangelho”. Cooperação (grego: sentido de “ser sócio no negócio”). Quem vai ou está no campo missionário precisa ter “sócio nos negócios do Evangelho”.

III - A CHAMADA PARA IR

1. Deus quer usar cada crente

Todo cristão deve estar pronto para ir e fazer o trabalho missionário, levando as Boas Novas de salvação aos moradores do campo e da

cidade, estudantes, donas de casa, órfãos, profissionais liberais, deficientes físicos, prostitutas, homossexuais, dependentes químicos, etc.

Deus quer usar toda a Igreja, todos os crentes em todos os lugares: hospitais, presídios, albergues, nas ilhas, nas aldeias indígenas, vilas, cidades, campos, praças, eventos em massa, etc.

Para pregar o evangelho, o Senhor não envia anjos. Ele usa homens e mulheres (Hb 2.16; 1 Pe 1.12). Há, todavia, um preço a pagar: a obediência. Nesse caso, entenda-se obediência como mudar a expectativa de ser abençoado para ser uma bênção!

2. A chamada missionária

O Espírito Santo é o maior interessado pelo trabalho missionário. O Pai planejou, o Filho consumou e o Espírito Santo executa a salvação no homem.

A chamada é para todos, mas nem todos são enviados. A chamada é pelo Espírito Santo. A chamada não é segundo o coração do homem (1 Sm 16.1-13), nem mesmo pela vontade do povo (1 Sm 17.10,11). John V. York esclarece que não existe um padrão único que estabeleça todas as chamadas.

Isaías, quando jovem, adorava o Senhor no Templo quando recebeu uma poderosa revelação da glória de Deus e escutou a voz de Deus (Is 6.8,9). Quando Jeremias recebeu a sua chamada, soube que esta fora estabelecida antes do seu nascimento (Jr 1.5). Quanto à chamada de Jonas, Deus lhe disse especificamente: “Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim” (Jn 1.2). Jesus, por sua vez, chamou os discípulos enquanto cada um realizava a sua tarefa profissional. Saulo de Tarso foi chamado enquanto viajava para Damasco para prender crentes.

É de suma importância reconhecer que a chamada para qualquer tipo de serviço relacionado ao Reino de Cristo vem do próprio Rei. Devemos considerar a obra missionária como um ministério, com uma chamada divina, e não como uma ocupação estabelecida pela escolha pessoal de alguém.

3. Caráter e testemunho na obra missionária

Além de ser chamado por Deus, é preciso consagração pessoal para cumprir o “Ide” de Jesus (Mt 5.13-16). O versículo 13 diz: “Vós sois o sal da terra”. O sal preserva e dá sabor. O sal age no interior. O sal fala de nosso caráter.

Já o versículo 14 mostra que “Vós sois a luz do mundo”. A luz brilha e opõe-se às trevas. A luz age no exterior. A luz fala de nosso testemunho pessoal.

As Implicações do Ide

IDE, mesmo que os outros não queiram ir.

IDE, mesmo que os recursos não sejam muitos.

IDE, ainda que haja obstáculos.

IDE, usando os meios disponíveis.

IDE, porque quem não obedece a essa ordem do Senhor da seara comete pecado de omissão.

IDE, porque os que obedecem terão uma recompensa do Mestre.

IDE, porque grande é a seara e poucos os trabalhadores.

IDE, porque fomos salvos para servir nesta causa nobre do Reino de Deus.

IDE, porque é um grande privilégio ser cooperador de Deus neste projeto de redenção.

IDE, porque os que não levam a sério a vocação missionária da Igreja não experimentarão as riquezas de Deus em suas vidas.

IDE, porque obedecer ao ide é uma das evidências de que fomos alcançados pela graça de Deus.

IDE, porque aquele que ainda não está fazendo missão seu coração é o primeiro campo missionário a ser conquistado”.

(Extraído do livro: *Missão no Coração de Todos* – Josué Gonçalves)

“Vocês não têm nada a fazer, senão salvar almas. Portanto, gastem tempo e sejam gastos nessa obra. Devem ir sempre não apenas ao encontro dos que precisam de vocês, mas principalmente daqueles que mais necessitam de vocês” (John Wesley).

4. O perfil do vocacionado

Perfil, nesse sentido, significa conjunto de características ou competências necessárias ao desempenho de uma atividade, cargo ou função. No caso de candidatos chamados e para serem enviados pela Igreja, devem ser observados o perfil de cada um.

Os que são escolhidos por Deus (At 9.5), os que não são neófitos (1 Tm 3.6), os cheios do Espírito Santo (At 1.8), os reconhecidos pela

Igreja (At 1.21), os que foram aprovados nos trabalhos locais e os bem-preparados espiritual, intelectual, psicológica e transculturalmente.

Além de testados e cumprirem com os pré-requisitos acima, os missionários devem ter firmeza de caráter, capacitação espiritual, física e emocional (Mc 3.14), capacitação mental (1 Tm 1.7), capacitação bíblica e doutrinária (2 Tm 2.15), humildade para aprender (Pv 27.6), dependência de Deus (2 Co 12.7) e perseverança (2 Tm 4.2).

Convém destacar duas qualidades indispensáveis em relação ao testemunho pessoal do missionário: idoneidade moral e conduta moral ilibada.

Idoneidade moral é o conjunto de qualidades que recomendam o indivíduo à consideração pública, com atributos como honra, respeitabilidade, seriedade, dignidade e bons costumes. A idoneidade significa a qualidade de boa reputação, do bom conceito que se tem de uma pessoa. Uma pessoa que possui idoneidade moral significa que ela é considerada uma pessoa honesta e honrada no ambiente em que está inserida; ou seja, é uma pessoa de bem, e esse requisito é avaliado a partir do cumprimento de normas e padrões.

Conduta moral refere-se a uma conduta limpa, correta, íntegra, com honra. Uma pessoa com idoneidade moral, honesta, que age sempre de acordo com a moral e os bons costumes.

Considera-se detentor de reputação ilibada a pessoa que desfruta, no âmbito da sociedade, de reconhecida idoneidade moral, que é a qualidade da pessoa íntegra, sem mancha, incorrupta.

Todo candidato para a obra missionária deve manifestar na sua vida um padrão de santidade na área sexual, conforme Colossenses 3.5: “Portanto, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena: imoralidade sexual, impureza, paixões, maus desejos e a avareza, que é idolatria”.

Uma relação sexual ilícita é bastante ampla, e isso inclui, além de adultério, vários pecados de natureza sexual, conforme se lê em 1 Tessalonicenses 4.3-5; 1 Coríntios 6.9,10,18-20; e Romanos 1.26-29.

O missionário deve ser uma pessoa com grande capacidade de diálogo e escuta, sabendo adaptar-se às culturas e aos ambientes, descobrindo os seus valores sem sentir-se superior aos demais. Ele deve ter convicções profundas.

Na Parábola do Bom Samaritano, Jesus conta que o sacerdote, líder religioso, quando viu o homem semimorto, passou longe dele. De igual

forma, o levita, homem cumpridor das leis e dos rituais, fez o mesmo. Eles sabiam e tinham disposição para trabalhar com objetos de culto, mas não se comoviam com a necessidade de um moribundo. A professora Durvalina Barreto Bezerra, diretora do Seminário Teológico Evangélico Betel Brasileiro, em São Paulo, declara:

Precisamos formar trabalhadores versados em Teologia e em missões, mas que não tornem o homem objeto de trabalho ou tubo de ensaio para pesquisas antropológicas. Antes de tudo, que saibam trabalhar com o coração para ver a necessidade do homem perdido e sarar-lhe as feridas. Trabalhadores que saibam lidar com vidas, abrindo mão das suas próprias vidas (At 20.24; Jo 10.17,18; Fp 3.8-9a).

**"UM HOMEM, UM HOMEM POR INTEIRO
É O QUE ESTÁ POR TRÁS DE UM SERMÃO.
PREGAR NÃO É DAR UM SHOW DE UMA
HORA, PORÉM É O FLUIR DE UMA VIDA"
(M. BOUNDS).**

Saber lidar com vidas é ter disposição para comunicar a vida, e não apenas comunicar uma mensagem (1 Ts 2.8).

A seara necessita de obreiros que saibam lidar com vidas porque se desprenderam dos valores culturais e intelectuais para serem instrumentos do Espírito Santo (1 Co 2.1-5).

O apóstolo Paulo tinha plena consciência das suas limitações humanas, dos seus temores e tremores interiores. Ele também sabia que uma pregação eivada de linguagem persuasiva, isto é, baseada em argumentos racionais, oratória, pressão psicológica, emocionalismo, etc., não seria suficiente para produzir plena convicção dos valores eternos na vida dos seus ouvintes; daí ele não depender de si mesmo, mas, sim, da sua mensagem bíblica e do Espírito Santo.

Como resultado dessa tomada de posição, houve uma maior demonstração do poder do Espírito Santo no exercício do seu ministério, pois as suas pregações incluíam:

- A ação do Espírito Santo, que convence as pessoas do pecado, da justiça e do juízo (At 16.8);
- O poder de transformar vidas (1 Co 1.26,27; At 4.13);
- O poder de levar a efeito a santidade no crente (1 Co 5.3-5);
- O poder de Deus manifesto por sinais e maravilhas (At 2.29-33; 4.29,30; 5.12; 14.3; 2 Co 12.12).

Todo obreiro, principalmente o missionário, deve orar para que, mediante o seu ministério:

- O povo seja salvo (At 2.41; 11.21,24; 14.1);
- Os novos crentes sejam cheios do Espírito Santo (At 2.4; 4.31; 8.17; 19.6);
- Os espíritos malignos sejam expulsos (At 5.16; 8.7; 16.18);
- Os enfermos sejam curados (At 3.6; 4.29,30; 14.10);
- Os discípulos aprendam a obedecer aos padrões e ensinos justos de Cristo (Mt 28.18-20; At 11.23,26).

Estimado leitor, prezada leitora, tome agora uma atitude de fé e comprometimento com a obra missionária. Coloque-se à inteira disposição do Senhor para realizar a sua obra: orando, contribuindo e indo. Se não for aqui, onde? Se não for agora, quando? Se não for você, quem?

CAPÍTULO 7

A RESPONSABILIDADE DA IGREJA COM OS MISSIONÁRIOS

Uma das importantes atribuições da Igreja é, sem dúvida, o cuidado integral dos missionários que deve identificar, preparar, enviar e cuidar dos mesmos enquanto estiverem atuando e quando precisarem encerrar as suas carreiras. Esse cuidado deve ainda abranger não somente o missionário, mas o seu cônjuge e filhos, levando em consideração que todos precisam adaptar-se a uma nova realidade transcultural para que o trabalho possa ser desenvolvido o mais próximo possível do que foi planejado.

O apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 9, trata da liberdade cristã e dos direitos do seu apostolado, sendo que, nos versículos 9 a 14, ele ensina que a Igreja precisa estar atenta à responsabilidade de cuidar integralmente dos seus missionários:

Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que trilha o grão. Porventura, tem Deus cuidado dos bois? Ou não o diz certamente por nós? Certamente que por nós está escrito; porque o que lava deve lavrar com esperança, e o que debulha deve debulhar com esperança de ser participante. Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito que de vós recolhamos as carnais? Se outros participam deste poder sobre vós, por que não, mais justamente, nós? Mas nós não usamos deste direito; antes, suportamos tudo, para não pormos impedimento algum ao evangelho de Cristo. Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? E que os que de contínuo estão junto ao altar

participam do altar? Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho.

No *Comentário Bíblico Beacon* (CPAD), encontramos uma explicação bastante elucidativa a respeito desse texto bíblico:

A lei até se preocupava com o cuidado dos animais que ajudavam a atender às necessidades do homem. Assim, o boi que puxava a pesada mó do debulhador não devia usar uma focinheira, e precisava ter a permissão de comer o grão que ajudava a debulhar. Os gentios geralmente colocavam uma mosaica nesses bois, mas os judeus acreditavam que faziam parte da criação divina, portanto eram dignos de um tratamento mais humano. Entretanto, o bem-estar do animal não era a principal razão de a lei se preocupar com o cuidado dos bois. Paulo pergunta: ‘Porventura, tem Deus cuidado dos bois? Ou não o diz certamente por nós?’ (vv. 9-10). ‘A boa ação ao espírito imortal do homem supera o simples conforto físico de um animal que é mortal’.

Além disso, o homem que se dedica ao exaustivo trabalho de lavrar a terra precisa do estímulo de uma futura recompensa. Aqueles que estão envolvidos na debulha e na lavoura fazem isso na esperança de compartilhar os resultados do seu trabalho, e os apóstolos e os ministros devem fazer o mesmo. As contribuições do apóstolo nas coisas espirituais (v. 11) era incalculável. Portanto, se ele pedisse um pouco de sustento material, que importância teria? A expressão coisas... carnais não se refere aqui a qualquer coisa pecaminosa, mas a coisas materiais e terrenas, e foi usada para fazer contraste com as coisas espirituais.

No versículo 12, Paulo argumenta que se os outros, como os mestres judeus, gozam do privilégio de serem mantidos por suas congregações, ele tem direito ainda maior de receber esse apoio. Entretanto, ele nunca exerceu esse direito. O argumento de Paulo para não ter exercido essa opção era que ele não queria colocar impedimento algum ao evangelho de Cristo. O termo impedimento significa literalmente uma incisão ou uma violenta ruptura. Talvez esta seja uma metáfora sobre a destruição de pontes ou estradas para impedir a marcha do inimigo’. Paulo tinha plena liberdade — de acordo com a natureza, a razão, a prática, e as Escrituras — de exigir o sustento; no entanto ele voluntariamente desistiu dessa liberdade. ‘Ele estava preocupado em exaltar a dignidade da sua mensagem

tornando-a gratuita'. Se Paulo tivesse exercido seu direito nesse assunto, ele poderia ser acusado de pregar por ganhos pessoais e, dessa forma, teria enfraquecido sua influência.

Uma questão final está diretamente relacionada com o apoio da congregação ao ministério. Tanto a história judaica quanto as práticas dos gentios mostram que os sacerdotes que oficiavam junto ao altar (v.13) viviam das ofertas. Os que de contínuo estão junto ao altar é uma expressão geral que inclui todas as pessoas dedicadas ao serviço do Templo. A expressão estar junto ao altar se aplica apenas os sacerdotes que eram os únicos que ofereciam os sacrifícios. Estar junto significa 'sentar-se ao lado constante e firmemente'. Os sacerdotes estavam sempre à disposição; portanto, precisavam receber o seu sustento. O Cristianismo substituiu o Templo e exige do ministro a mesma dedicação do sistema antigo.

A conclusão final é 'que aqueles que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho (v. 14)'. Quando Paulo afirma: 'Assim ordenou também o Senhor', ele está se referindo à prática geral do Antigo Testamento e às palavras de Cristo em particular (Mt 10.10; Lc 10.7). Como alguns haviam recebido uma chamada especial e se dedicaram totalmente à tarefa espiritual, abandonando os ganhos terrenos, 'a igreja à qual eles consagraram suas vidas tem a obrigação de prover ao seu sustento material'. A expressão 'viver do evangelho' pode ser aplicada, 'de acordo com o tempo e o espaço, às ofertas ou a um salário regular'. Paulo mostrou que era um verdadeiro apóstolo e que todos os apóstolos e ministros têm direito a um sustento material da congregação. Em seguida, ele passa a explicar porque não havia aceitado esse sustento que havia tão insistentemente reclamado como direito apostólico.

I - A IGREJA E O SISTEMA DE APOIO AOS MISSIONÁRIOS

1. A responsabilidade da igreja

A Bíblia ensina-nos que os que se dedicam à proclamação da Palavra de Deus, sendo reconhecidos pela Igreja, devem ser sustentados pela mesma (Gl 6.6; Rm 15.25-28; 1 Tm 5.18; 1 Co 9.9-14).

O sustento financeiro de missões é uma responsabilidade básica e contínua das igrejas em todo lugar. Greenway lembra que certos princípios devem permanecer claros no que tange ao sistema de apoio aos missionários: Os missionários não devem ter que "implorar" por

apoio. Eles não são obreiros de “segunda classe”, que necessitam ou merecem menos dinheiro do que pastores, professores ou os demais trabalhadores.

A visão missiológica proposta pelas Sagradas Escrituras e que deve ser absorvida pela Igreja deixa-nos claro que o missionário está totalmente ligado à igreja local (At 13.1-5; 14.25-28). O missionário é um obreiro formado no ministério local (At 11.19-26; 16.1-8), orientado pelo pastor da igreja e enviado para fazer a obra missionária conforme a visão que o Espírito Santo concede à igreja (At 13.1-5; At 6.6; 1.24). Consequentemente, é dever do missionário, em contrapartida, prestar relatórios periódicos sobre o desenvolvimento da obra que está sendo realizada (At 14.25-28; 15.4,12; 21.19).

2. O sistema de apoio e a “obra de fé”

O sistema de apoio deve permitir que os missionários utilizem o máximo do seu tempo e energia no trabalho missionário.

Todo trabalho missionário é “uma obra de fé” do começo ao fim. Qualquer que seja o sistema de sustento financeiro, os missionários devem confiar em Deus e depender da fidelidade do seu povo. Sem a fé, a oração e o sacrifício, qualquer obra missionária falhará. Tanto os missionários quanto os que os sustentam devem ser pessoas de fé, que irão crescer na medida em que obedecerem ao mandamento de Jesus: “Ide e fazei discípulos” (Mt 28.19).

3. O objetivo de missões

É bom lembrar que o objetivo de missões é que Cristo seja conhecido e adorado em todo lugar. Aqueles que fazem o trabalho missionário, de maneira que este honre a Cristo, terão todas as suas necessidades supridas (Fp 4.19).

II - O CUIDADO INTEGRAL DOS MISSIONÁRIOS

1. O cuidado integral

A visão missionária das igrejas de um modo geral, com raras exceções, limita-se tão somente ao sustento financeiro dos missionários. Entretanto,

cabe à igreja uma responsabilidade maior, mais abrangente, zelando por aqueles que estão trabalhando no campo missionário. O missionário precisa ser cuidado integralmente pela igreja, não somente na área financeira, mas também na área espiritual, emocional, física, mental e social.

É necessário um acompanhamento pastoral enquanto o missionário está no campo, com amor e respeito, para que ele possa superar as dificuldades internas e externas que surgem.

A igreja deve ter um planejamento de visitas aos missionários, manter contato permanente com os missionários, incentivar os membros a manterem contato com os missionários e a sua família, principalmente nas datas de aniversário, dias festivos e organizar grupos de intercessão em favor da família missionária.

É de bom alvitre que líderes da igreja visitem os missionários proporcionando aconselhamento pastoral aos missionários e a sua família, compartilhando das suas lutas, dores, frustrações e alegrias, orando com eles.

O estresse faz parte da vida. De acordo com o Ministério da Saúde, trata-se de uma atitude biológica necessária para a adaptação a novas situações. É uma reação natural do organismo a um estímulo e gera alterações emocionais e físicas — há liberação de uma complexa mistura de hormônios e substâncias químicas como adrenalina, cortisol e norepinefrina (também chamada de noradrenalina).

Situações contínuas, recorrentes e/ou agudas de estresse, contudo, podem levar ao esgotamento físico e emocional, reduzindo (ou até eliminando) a capacidade laborativa de uma pessoa. Quando esses fatores estressores estão ligados a situações de trabalho desgastantes, pode ocorrer a Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional, distúrbio psíquico registrado no grupo 24 do Cid-11 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde).

A seguir, transcrevemos as palavras da Dra. Lorraine Oliveira, médica cardiologista, no seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado para o POS – Postgraduate Studies on Missiology (Missões) do Seminário Teológico Servo de Cristo.

Já foram feitos estudos com diversas classes de profissionais, principalmente aquelas cujas atividades exigem envolvimento interpessoal

direto e intenso: professores, enfermeiros, agentes penitenciários, religiosos, etc. No entanto, ainda é pequeno o número de estudos com missionários, um grupo cujo trabalho reúne inúmeras dificuldades, agravadas pelo fato de os obreiros transculturais viverem em locais isolados (na maior parte dos casos), sem o apoio necessário. O missionário frequentemente muda de terra e de cultura, deixando para trás amizades e estruturas sociais já estabelecidas. Além disso, muitas vezes vive em ambiente hostil, como áreas de conflito nas quais há até risco de vida. O presente estudo identifica fatores preponderantes que levam esse grupo ao estresse, bem como sugere algumas formas de reduzir o estresse entre os missionários. (<https://ultimo.com.br/sites/caminhosdamissao/2020/10/15/causas-de-estresse-entre-missionarios/>).

No seu TCC, a Dra. Lorraine fornece conselhos “Como evitar o estresse na vida dos missionários”:

A percepção de sintomas do estresse é o marco do limite emocional e físico do corpo. Identificá-los é fundamental para iniciar o processo de tentar aliviar a tensão. A psicóloga Marilda Lipp afirma: “O corpo fala”. Devemos, então, compreender a sua linguagem em vez de nos desesperarmos. Alguns desses sinais (falas) são: falha de memória para coisas pequenas e corriqueiras, acordar cansado após um bom período de sono, tensão muscular excessiva, hiperacidez gástrica sem causa aparente, irritabilidade excessiva, ansiedade, vontade de sumir, sensação de incompetência e distúrbios do sono. (LIPP, 2013, p. 14)

Quanto à responsabilidade de evitar o estresse na vida do missionário, a referida médica é de parecer que deve ser dividida entre o próprio obreiro transcultural e a instituição enviadora, no caso, da igreja. Entretanto,

cada missionário deve ser o principal responsável por sua saúde. O apóstolo Paulo já aconselhava Timóteo, seu cooperador no trabalho missionário: “Fique atento a seu modo de viver e a seus ensinamentos. Permaneça fiel ao que é certo, e assim salvarás a si mesmo e àqueles que o ouvem” (1 Tm 4.16, NVT). Cabe ao indivíduo cultivar uma boa saúde mental por meio de boa alimentação, atividades físicas, disciplinas espirituais, tempo de descanso, além de perceber suas necessidades individuais e buscar auxílio quando necessário.

Lorraine cita Kelly O'Donnell, autora do livro *Cuidado Integral do Missionário*, a qual afirma que,

no nível mais alto do cuidado missionário, está o cuidado do Mestre. O relacionamento com Jesus, cultivado por disciplinas espirituais, proporciona, como diz a autora: “Correr com resistência e entrar no seu descanso” (baseado nos textos de Hebreus 12.1-2 e 4.9-11).

2. Uma agenda quanto à volta do missionário

Jesus ensinou aos seus discípulos a necessidade e a importância do descanso: “Vinde vós, aqui à parte, a um lugar deserto, e repousai um pouco. Porque havia muitos que iam, e vinham, e não tinham tempo para comer. E foram sós num barco para um lugar deserto” (Mc 6.31,32).

Quando os doze apóstolos retornaram da sua missão (Mc 6.30), de uma prolongada jornada de trabalho, enviados por Jesus de dois em dois (Mc 6.7-13), relatando que tinham pregado o evangelho, curado os enfermos e expulsado demônios dos oprimidos e feito outras maravilhas, Jesus levou-os para descansar. Fazer a obra de Deus é muito importante, mas Jesus reconheceu que, para fazê-la com eficiência, precisamos de um descanso periódico e de renovação. O obreiro, de modo geral, principalmente o missionário, deve entender que o seu corpo é um instrumento do Senhor e que ele deve cuidar bem desse instrumento. Por essa razão, o missionário deve reservar um dia da semana para o necessário descanso.

O saudoso pastor Antonio Gilberto, no seu comentário acerca do texto em epígrafe, na *Bíblia com Comentários de Antonio Gilberto* (CPAD), assim se expressa:

É-nos confortador saber que Jesus comprehende mais do que nós a fragilidade e limitações humanas; primeiro, porque “Ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó” (Sl 103.14), e segundo, porque Ele experimentou aqui na terra as nossas fraquezas. “Pelo que convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos” (Hb 2.17). Fazendo o trabalho do Senhor, todos nós precisamos vez por outra de algum tempo de repouso para renovação das energias físicas, mentais e espirituais.

A igreja que envia o missionário deve orientá-lo a gozar um período de férias anuais para um merecido descanso. Essa concessão não necessariamente significa que ele tenha que voltar ao seu país de origem. Tudo deve ser estabelecido com critério pela igreja enviadora.

Todavia, a igreja deve ajudar a organizar a agenda do missionário durante o seu retorno para gozo de férias, no que diz respeito a visitas, consultas ou tratamentos médico-odontológicos, período de lazer e descanso, bem como atividades. Será muito bem-vinda a ajuda ao missionário na hora de fazer compras, resolver questões bancárias, de documentos, etc.

III - MANEIRAS PRÁTICAS DE SE COMPROMETER COM OS MISSIONÁRIOS

1. Comunicar as necessidades

David Platt, pastor e escritor norte-americano, dá algumas sugestões das maneiras práticas pelas quais as igrejas locais podem cuidar melhor e apoiar os missionários:

Comprometa-se com a comunicação regular (e-mail, telefone, mensagens de texto, Skype, etc.). Envie mantimentos e doações. Ajude nas licenças e atividades dentro do país (forneça casa, veículo, celular, ajuda com escolas, cuidado com as crianças e ofereça o tempo de folga com ênfase em descanso e retiro). Dê-lhes a oportunidade de testemunhar e compartilhar em um ambiente congregacional quando eles retornam e visitam. Ouça e demonstre o seu interesse e empenho no trabalho deles. A vida no campo missionário pode ser desafiadora, exaustiva e difícil. No meio do estresse e das lutas, muitos missionários frequentemente se sentem desconectados e esquecidos pela igreja que os envia. Portanto, uma das maneiras mais práticas pelas quais as igrejas locais podem se envolver em missões mundiais é esforçando-se para cuidar, servir e ser uma bênção para os missionários transculturais.

2. Doar para suprir necessidades

Doar sacrificialmente à missão transcultural permite que toda a igreja esteja envolvida. Crianças, jovens, adultos e idosos podem contribuir juntos para a expansão do evangelho até aos confins da terra.

Em Filipenses 4.15-19, o apóstolo Paulo fala sobre o suporte financeiro que ele recebeu:

E bem sabeis também vós, ó filipenses, que, no princípio do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja comunicou comigo com respeito a dar e a receber, senão vós somente. Porque também, uma e outra vez, me mandastes o necessário a Tessalônica. Não que procure dádivas, mas procuro o fruto que aumente a vossa conta. Mas bastante tenho recebido e tenho abundância; cheio estou, depois que recebi de Epafrodito o que da vossa parte me foi enviado, como cheiro de suavidade e sacrifício agradável e aprazível a Deus. O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus.

3. Orar e jejuar pela causa

A oração é um elemento essencial da vida do crente (1 Ts 5.17) e uma parte crucial da vida na igreja local (1 Tm 2.1).

Enquanto a igreja em Antioquia jejuava e orava, Deus separou Paulo e Barnabé para levarem o evangelho aos gentios (At 13.1-3). No Novo Testamento, oração e jejum como esses eram fundamentais para o povo de Deus quando se envolvia em missões. A oração e o jejum fervorosos são uma maneira vital de as igrejas locais estarem envolvidas na missão de Deus entre as nações.

Encontramos, ainda, no Novo Testamento exemplos de congregações locais que dão apoio às igrejas locais em diferentes lugares (Rm 15.25-28), bem como de igrejas locais que doam a partir da sua pobreza e de modo sacrificial, acima do seu poder, para apoiar o avanço do evangelho (2 Co 8.1-4).

Ore regularmente pelos missionários que você conhece e diga a cada um que você está orando por ele e por aquele pedido específico que ele falou. Acrescente no fim da sua mensagem: “Missionário, você não está sozinho!”.

Um missionário compartilhou sobre quando foi dar uma olhada nas estatísticas dos *e-mails* de oração que ele enviava: descobriu que mais da metade das pessoas na lista não abriam o *e-mail*, justamente as pessoas que ele contava como “guerreiros de oração”.

Escrever um *e-mail* para o missionário que você conhece e ora, falando que você tem orado pelos motivos citados por ele — mesmo que seja um *e-mail* curto —, mostra o seu comprometimento com esse apoio e suporte.

A obra missionária não deve ser feita com nossos restos, mas com aquilo que revela o amor do Pai. Em 1 Crônicas 21.23,34, Davi recusa-se a dar ao Senhor algo que não lhe custasse nada. Ele queria pagar o preço, queria investir! Davi era generoso com as coisas de Deus, e o povo seguiu o seu exemplo, dando voluntária e liberalmente ao Senhor (2 Cr 29.9).

Procure conhecer as reais necessidades dos missionários. Você e sua família podem fazer muita diferença na vida de missionários e respectivas famílias. Se nosso coração estiver em missões, nossos joelhos estarão dobrados, nosso testemunho alcançará pessoas, e nosso bolso investirá no que é eterno! (Mt 6.19-21). Deus recebe a oferta que oferecemos aos missionários e compromete-se em abençoar-nos e em suprir todas as nossas necessidades.

CAPÍTULO 8

MISSIONÁRIOS FAZEDORES DE TENDAS

I - A VIDA PROFISSIONAL DE PAULO E SUA VOCAÇÃO MINISTERIAL

1. A profissão do apóstolo Paulo

Ao fazer a leitura bíblica em Atos 18.1-4, deparamo-nos com o exemplo do apóstolo Paulo, que trouxe um termo missiológico: “Fazedor de Tendas”. A expressão “fabricante de tendas” (*skenopoiós*) é traduzida com mais precisão por “trabalhadores em couro”. Tendas são feitas com pelos ou couro de cabra.

Por força de um edicto do imperador romano Claudio (49 d.C.), que ordenou que todos os judeus saíssem de Roma, muitos deles vieram morar em Corinto, que, apesar de ser conhecida como a capital da depravação e uma das cidades mais devassas da época, era um porto de forte comércio. Ali, Paulo encontrou-se com o casal judeu Áquila e Priscila, que provavelmente já eram cristãos (caso contrário, Lucas teria mencionado a sua conversão), que passaram a ser os seus leais cooperadores. Paulo passou a morar e trabalhar com esse casal por serem da mesma profissão, dividindo o seu tempo entre fabricar tendas e contar ao povo que o Senhor havia reservado para os que creem uma morada não feita de mãos humanas, no Céu (At 18.18-19; 24-26; Rm 16.3-5).

Áquila e Priscila constituem um caso interessante. Eles mostram que um profissional, mesmo não sentindo o chamado de Deus para

dedicar a vida toda à obra missionária, pode fazê-lo valiosamente por determinado período, em momentos específicos.

2. Como o apóstolo Paulo conjugava vida profissional e ministerial?

A tradição judaica exigia que os mestres religiosos oferecessem gratuitamente os seus serviços espirituais, e cada rabino tinha que aprender uma profissão para sustentar-se. Entre os judeus, os meninos eram todos obrigados a aprender ofícios. Era considerado desonroso não ser familiarizado com algum ramo dos trabalhos e artes manuais. O conhecimento prático de uma profissão era considerado um recurso para obter a independência pessoal. Os rabinos diziam: “Quem não ensina um ofício a seu filho é como se o tivesse criado para tornar-se um ladrão”. “Fazedores de tendas” teciam o pano escuro de pelos de camelo ou de bode com que as tendas eram confeccionadas. Paulo sustentou-se dessa forma em certos lugares (At 20.34; 1 Co 4.12; 2 Co 9.8,9; 2 Ts 3.8) e pelas razões apresentadas em 2 Coríntios 11.9-12. Essa não era a melhor política em alguns lugares, como Paulo mais tarde descobriu, porque não ensinava adequadamente os novos convertidos a sustentar a obra (2 Co 12.13; cf Gl 6.6).

Myer Pearlman fala que

o apóstolo Paulo adotava a política firme de não aceitar ofertas das pessoas que ele procurava ganhar para Cristo: seu objetivo era merecer a confiança do povo e comprovar que seus motivos eram sem interesse de ganhar dinheiro (1 Co 9.16-18). Pregava nas sinagogas e em qualquer lugar onde alguém pudesse escutar sua mensagem.

Dessa forma, através da sua habilidade profissional, o apóstolo podia aproximar-se das pessoas de diferentes crenças e ser o seu próprio mantenedor.

O apóstolo Paulo, judeu da tribo de Benjamim, nasceu como cidadão romano (provavelmente, porque o seu pai também já era cidadão romano), em Tarso da Cilícia, com o nome hebraico Saulo. Paulo era, ao que tudo indica, um dos seus nomes romanos. Educado como fariseu, viria a ser altamente capacitado na lei judaica e na sua tradição (Gl 1.14)

Ele era fariseu e fora criado aos pés de Gamaliel, mas não se esqueceu da arte de fazer tendas que aprendera na juventude. Embora tivesse direito de ser sustentado pelas igrejas que ele plantara, Paulo trabalhou no seu ofício para ganhar o seu sustento (o apóstolo Paulo costumava sustentar-se pessoalmente), pois temia escandalizar os irmãos e não queria correr o risco de ser interpretado como aventureiro, em Corinto. Várias referências bíblicas dão a ideia de que isso era costume seu, e não meramente algo que ele praticava em certas ocasiões: “Vós mesmos sabeis que, para o que me era necessário, a mim e aos que estão comigo, estas mãos me serviram” (At 20.34). Além disso, em 1 Coríntios 9.12ss, vemos que ele trabalhou em Éfeso; 1 Coríntios 4.12 diz que ele trabalhou em Corinto; e em 1 Tessalonicenses 2.9 e 2 Tessalonicenses 3.7-9, é perceptível que ele trabalhou em Tessalônica.

3. A ética financeira na atividade missionária de Paulo

O texto de 1 Coríntios 9.12ss demonstra que Paulo considerava que o costume judaico — que foi incorporado ao cristianismo — de os ministros receberem ajuda econômica da parte daqueles para quem ministram era uma norma legítima e correta aos olhos de Deus e até mesmo recomendada nas Escrituras desde os tempos do Antigo Testamento.

Paulo geralmente não aceitava ofertas em dinheiro enviadas pelas igrejas cristãs e muito menos as exigia, ainda que algumas ofertas voluntárias tivessem sido enviadas a ele pelos crentes de Filipos (Fp 4.10-12).

Paulo mais tarde reconheceu que não havia ensinado adequadamente os novos convertidos a sustentar a obra (2 Co 12.13; Gl 6.6), privando-os do fruto que devia abundar à conta de quem dá (Fp 4.17; 2 Co 11.7-12; 2 Tm 2.4-6).

Paulo era um missionário pioneiro. O seu ministério era alcançar lugares não alcançados pelo evangelho (Rm 15.20). Para isso, ele sempre planejou os seus passos, dependeu da direção do Espírito e contou com o apoio das igrejas.

Antonia Leonora van der Meer, autora do livro *Missionários Feridos*, ao comentar o texto de Romanos 15.22-33, mostra-nos exatamente isso. Paulo está encerrando essa preciosa epístola a uma igreja que ele

ainda não conhecia pessoalmente. Ainda assim, ele não esconde quais são os seus projetos e como ele conta com o sustento desses irmãos.

No entanto, quando o apóstolo diz que esperava "... que para lá seja por vós encaminhado..." (v.24) ou "... passando por vós, irei à Espanha" (v.28), estava falando sobre uma ajuda financeira da igreja em Roma para que ele pudesse viajar até a Espanha. Mesmo não conhecendo os irmãos de Roma, Paulo pediu ajuda financeira pelas seguintes razões:

Ele trabalhava muito (v.18-21,25-26). Paulo era um exemplo de missionário trabalhador. Ele derramava suor, sangue e lágrimas na obra do Senhor (At 20.18-21).

Ele concluía o que começava (v.23,28). Ele não parava a obra do Senhor na metade. Era fiel ao serviço do Senhor. Quem sabe, não foi por isso que ele rejeitou a presença de João Marcos para a segunda viagem missionária (At 15.36-41).

Ele era responsável com o dinheiro (v.25-26). Paulo e Barnabé foram os responsáveis por levar uma oferta da Macedônia e Acaia para os crentes pobres de Jerusalém. Os irmãos confiavam na responsabilidade financeira do apóstolo. (2009, p. 162)

O apóstolo Paulo apresenta as suas justificativas pelos motivos que se seguem:

Por causa da distância da igreja e queridos (v.22-23). Por se encontrar longe dos amigos e irmãos, Paulo precisava de condições financeiras para se sustentar (alimentação, hospedagem, saúde, etc.).

Por causa das viagens missionárias (v.24-25,28-29). Como missionário, Paulo precisava realizar várias viagens. Precisava desembolsar dinheiro para pagar navios, cavalos e etc.

Por causa da ajuda aos outros (v.25-26). Com certeza Paulo também ajudava financeiramente os necessitados (At 20.33-35; Gl 2.10). Usava o que ganhava para ajudar os outros.

Por gratidão (v.27). Nesta carta aos Romanos, Paulo ensina que a Igreja é o ramo enxertado na oliveira (Israel). Todo gentio tem uma dívida de gratidão para com os judeus (Rm 3.1-2).

Por ser um princípio bíblico (v. 27). A Bíblia é clara sobre o ensino de ajudar financeiramente aqueles que se afadigam na Palavra. Os que trazem benefícios espirituais devem receber benefícios materiais (Gl 6.6; 1 Tm 5.17-18)

II - MISSIONÁRIOS FAZEDORES DE TENDAS

1. Fazedores de tendas

Fazer tendas não é uma ideia nova. É tão antiga quanto as Escrituras: “Fazedores de tendas são discípulos de Jesus Cristo que, chamados por Deus e comissionados pela sua igreja, usam seus dons, talentos e habilidades profissionais para servir ao Senhor em um contexto transcultural” (Interserve Brasil – CEM). Fazedores de tendas são profissionais de negócios em missão que operam em regiões de grande antagonismo à mensagem cristã.

Missionários “fazedores de tendas” são pessoas a quem o Senhor Deus vocaciona para a missão especial de evangelizar. São homens e mulheres qualificados espiritual, física, intelectual e emocionalmente e que são treinados para realizarem missões transculturais através das suas profissões.

De acordo com Marcelo Aleixo Gonçalves, autor do livro *Téologia e História da Missão Cristã* (Unicesumar), por muitos anos, o entendimento e a forma de fazer missões consistiam na prática de abandonar a vida secular (trabalhos profissionais, estudos, etc.) para dedicar-se integralmente aos ministérios, somente dentro da igreja, e poucos cristãos tinham o entendimento de levar a igreja para fora dela junto aos afazeres diários.

Hoje, o entendimento tornou-se mais amplo, ou seja, é perfeitamente possível ser um profissional ou empreendedor e realizar a obra missionária sem a necessidade de abandonar a carreira profissional.

2. A força missionária no mundo

Fazer missões tornou-se um movimento global que começou com a ação de Deus no mundo, pela sua graça, para reconciliar o mundo consigo mesmo (2 Co 5.18,19), e Ele conta conosco para continuar com essa missão.

A maior força missionária cristã do mundo é formada por profissionais, empreendedores e estudantes que se movem entre culturas para servir a Cristo através das suas vidas e trabalho. Em 1 Coríntios 9.20-22, o apóstolo Paulo deixa o exemplo desse princípio de alcançar os segmentos da sociedade, identificando-se com eles a fim de contextualizar o evangelho.

Sabemos que a maioria dos grupos de povos não alcançados ou menos alcançados vive em nações que são fechadas aos missionários tradicionais. Profissionais e empreendedores cristãos são aceitos nesses mesmos países. Cristãos com diferentes habilidades, ofícios, negócios e profissões têm acesso a lugares onde tradicionais plantadores de igreja e evangelistas não têm.

3. O preparo dos fazedores de tendas

Como os outros missionários, os “fazedores de tendas” devem estar plenamente preparados para tornarem-se os ministros transculturais mais eficientes que puderem. O que é preciso para ser um missionário “fazedor de tendas”? Estar decidido e preparado para servir, observando essas condições, julgadas indispensáveis: Testemunho e conhecimento do evangelho; a sua preparação mais importante será a espiritual; dignidade pessoal; para ensinar o evangelho a outras pessoas, precisa ter o Espírito Santo na sua vida; trabalho e autossuficiência; saúde física e emocional; preparação financeira.

Julgo oportuna a orientação do apóstolo Paulo ao jovem Timóteo, quando diz em 2 Timóteo 3.17: “para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra”.

O que esses “fazedores de tendas” e profissionais fazem no local de trabalho deve ser valorizado como parte do ministério das igrejas locais.

Cresce o número de profissionais missionários, ou “fazedores de tendas”, como são chamados. São cristãos, homens e mulheres, treinados por instituições missionárias para utilizar a sua profissão no exterior a fim de testemunharem de Cristo, principalmente em países fechados para o trabalho missionário tradicional.

III - VOCAÇÃO, PROFISSÃO E MISSÕES

1. Deus é quem chama

Muitas são as oportunidades de estarmos envolvidos com os trabalhos em nossas comunidades de fé locais, grupos com trabalhos evangélicos de grande impacto, organizações missionárias relevantes em nosso contexto e até em outros países.

A palavra vocação vem do latim *vocatio*, *vocationis* e significa chamamento, ato de chamar (*vocare*) ou escolher, que supõe disposição ou aptidão inerente para algum ofício.

Para nós, cristãos, quem vocaciona obviamente é Deus. Ele mesmo é quem capacita e comissiona cada um para uma determinada missão no mundo. É também Ele quem gera em nós habilidades, talentos, sentimentos de envolvimento com causas específicas que nos levarão a trabalhar em atividades que fazem sentido e, inclusive, realização pessoal.

2. Exercendo a vocação

Quando respondemos de forma prática a esse chamado, colocando em execução nossa vocação, encontramos nosso propósito. A vocação é a missão única para a qual cada um de nós foi preparado e entregue a fim de prestarmos serviço a nosso Criador; é a razão pela qual cada um de nós foi efetivamente criado por Deus, sendo Ele mesmo quem nos dá condições reais para realizarmos tais tarefas através de nossos dons e virtudes, tornando-nos parte integrante dos seus planos para a sua honra e glória.

Alguns podem ser chamados para realizar tarefas específicas. Na Bíblia, temos diversos exemplos disso, como, por exemplo: Abraão, que foi chamado para ser iniciador de uma grande nação (Gn 12.2); Jonas, que teve de ir à Nínive anunciar o juízo de Deus (Jn 1.2); e Paulo, que foi enviado aos gentios, indo para além de Israel (At 22.21). Paulo foi um grande homem de fé, obediente e comprometido com o chamado que teve para a salvação e para anunciar a mesma a outros povos. Ele compreendeu que a morte, crucificação e ressurreição de Jesus era algo para cada cristão experimentar, mas também anunciar aos outros (2 Co 4.11-14). Paulo exercia a sua vocação anunciando sobre Jesus e testemunhando do evangelho por onde Deus o enviava.

Ao longo da História da Igreja, Deus tem chamado homens e mulheres para realizarem tarefas específicas. Martinho Lutero (1483–1546) foi levantado para reformar a igreja; David Livingstone (1813–1873) foi levantado para missões na África; John Paton (1824–1907) foi levantado para levar o evangelho nas longínquas ilhas do Pacífico; Lillian Trasher (1887–1961) foi levantada para cuidar de centenas de

crianças no Egito, a ponto de ser chamada a “Mãe do Nilo”; Gunnar Vingren (1879–1933) e Daniel Berg (1884–1963) foram enviados por Deus para o Brasil para pregar o batismo com o Espírito Santo. A todo instante, milhares de crentes estão sendo chamados por Deus para as mais diversas tarefas.

Somos todos vocacionados para servir a Cristo com o que somos e com o que temos, sendo o objetivo principal glorificar o nome de Deus Pai (Rm 16.25-27) dentro e fora da igreja. Tudo o que temos vem de Deus e deve ser usado para a honra e glória do nome dEle!

Hoje, com a diversidade de trabalho que os campos missionários exigem não somente na área eclesiástica (como pastor, capelão, educador cristão e ministro de música), mas também na área profissional (como empresário, professor, enfermeiro, médico, dentista, assistente social, dentre outras profissões), aumentou o número de cristãos na busca de profissionalizar as suas habilidades (1 Co 9.16,17).

Enquanto vocação vem do latim *vocare* e significa chamar, missão é o ato de enviar ou de ser enviado. Assim, toda pessoa tem uma vocação, e a consequência disso é a missão. No entanto, nem toda pessoa exerce a sua missão, mesmo tendo sido chamada por Deus.

A palavra “missão” vem do verbo latim *mito*, que significa “enviar”. No Novo Testamento, essa palavra vem do grego *apostello*, que tem o mesmo significado na sua essência. Missões é a transmissão da mensagem salvadora de Cristo. A melhor definição de missões foi dada por John Leonard:

Missões é a obra de Deus confiada à Igreja, que seguindo o exemplo de Cristo, proclama por palavras e ações o Reino de Deus, chamando todos ao arrependimento e à fé em Cristo, ensinando-os a serem discípulos dele, integrando-os em igrejas locais.

Missões são iniciativas religiosas destinadas a propagar os princípios do cristianismo entre os povos não monoteístas. Baseiam-se em princípios da teologia cristã e em imitação do ministério de Jesus Cristo e em cumprimento do mandamento que Ele deu aos seus apóstolos para pregarem o evangelho pelo mundo.

Participar da missão significa participar ao lado de Deus da sua intenção de promover e amar o ser humano. Nesse sentido, a missão

da Igreja — com a evangelização ao seu lado — será sempre um movimento voltado para a promoção da vida e da dignidade do ser humano no seu mais alto nível.

3. Minha profissão, meu campo missionário

Somos todos vocacionados para servir a Cristo com o que somos e com o que temos, sendo o objetivo glorificar o nome de Deus Pai (Rm 16.25-27) tanto dentro quanto fora da igreja. Deus está chamando cada vez mais profissionais, testemunhas cristãs, para que levem a mensagem de salvação até os confins da terra, especialmente aos povos que carecem de ouvir o evangelho e experimentar a sua ação transformadora.

Nem todos os que se sentem atraídos a fazer tendas estão qualificados para a tarefa. É necessário examinar os motivos e avaliar a disposição espiritual. A menos que os fazedores de tendas sejam relativamente maduros e saibam como se sustentar espiritualmente, é bem provável que a sua missão não seja bem-sucedida. O que é fundamental a todo processo é um sentido claro de chamado para a missão transcultural.

O crescimento espiritual ocorre mais plenamente no contexto de uma igreja saudável, acompanhado de um programa pessoal, com o objetivo de levar a pessoa a desenvolver o conhecimento de Deus e das Escrituras. Uma vez que a base está firmada, é importante aprender habilidades ministeriais, especialmente como levar outros a Cristo e discipulá-los.

Caro “fazedor de tendas” deste tempo chamado de Pós-Modernidade, tenha como lema este pensamento: “Servindo a Deus e aos outros através de sua profissão aonde quer que você vá”!

CAPÍTULO 9

A IGREJA E O SUSTENTO MISSIONÁRIO

Aobra da evangelização dos povos é a tarefa mais importante da Igreja. Devemos trazer nossas contribuições em forma de dízimos e ofertas à igreja, para que esta mantenha os que se dedicam a ganhar vidas para Jesus, fazendo o seu Reino avançar sobre a terra.

A igreja de Corinto deixou-nos um grande exemplo na abundância dos dons espirituais e no conhecimento das coisas de Deus (1 Co 1.4-7; 12.1-31; 2 Co 8.7; 12.7), mas, infelizmente, foi muito insensível no que tange ao sustento financeiro do seu missionário, sendo necessário a intervenção de outras igrejas para que ele pudesse exercer as suas atividades (2 Co 11.8-9; Fp 4.15). Entretanto, o apóstolo Paulo ensinou àquela igreja que contribuir em favor da obra missionária é o mesmo que investir em Deus: “[...] o que semeia pouco pouco também ceifaré; e o que semeia em abundância em abundância também ceifaré” (2 Co 9.6; Gl 6.7-9).

Paulo deu testemunho à igreja de Corinto referente à graça da contribuição que Deus concedeu à igrejas da Macedônia, a saber: Filipos, Tessalônica e Bereia. O seu objetivo não era outro a não ser incentivar aquela igreja, que vivia num grande centro financeiro da época, principalmente por ser uma cidade conhecida como uma das maiores fabricantes de velas para navios e barcos, rica no comércio de seda pura, além de ter dois portos: Lecaion e Cencreia. O apóstolo deixou claro aos coríntios que os crentes da Macedônia, embora

vivessem em grande dificuldade e extrema pobreza, deram exemplos na contribuição para com os irmãos em Cristo da Judeia (2 Co 8.1-9).

Esferas de sustento missionário

O apoio missionário é um investimento espiritual que Deus credita na conta dos doadores.

Como os missionários devem ser financeiramente apoiados no seu trabalho?

Os missionários precisam de dinheiro para pagar pela alimentação, moradia e outras necessidades. Lembrando que os casados e com filhos possuem necessidades ainda maiores.

A sustentação financeira aos missionários precisa ser sistemática, pois as necessidades dos obreiros são diárias. Não é suficiente enviar ofertas esporádicas. A contribuição precisa ser metódica, suficiente e contínua.

Deus recebe a oferta que oferecemos aos missionários e compromete-se a abençoar-nos e suprir todas as nossas necessidades.

Por toda a Bíblia, Deus ordenou que os que tivessem um ministério de tempo integral fossem sustentados pelo povo de Deus. Isso está demonstrado nas orientações dadas aos sacerdotes (Nm 18.1-20) e levitas (Nm 18.21-32); nas instruções de Jesus aos discípulos (Mt 10.9,10); e pelas suas palavras quando diz que “digno é o obreiro de seu salário” (Lc 10.7). O apóstolo Paulo também escreve: “Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho” (1 Co. 9.14). Uma exposição mais profunda pode ser encontrada com clareza nos seguintes textos: 1 Crônicas 29.14-17 e Éxodo 35.4-9.

A responsabilidade da igreja

Cabe à igreja que envia assumir a responsabilidade financeira com o missionário. Tal compromisso deverá ajustar-se ao seu suporte econômico previamente, tendo realizado o exame criterioso dos custos da obra a ser desenvolvida, tais como: transporte do missionário até o local da atuação da obra; instalação do missionário com a sua família; respaldo até que a obra adquira condições de autossustentar-se e dar assistência ao obreiro em todas as áreas da sua vida. O sustento

missionário inclui alimento, vestuário, moradia, educação e saúde dele e da esposa e filhos.

Antes, porém, de qualquer início de atividade, a igreja deve fazer os cálculos, conforme o ensino de Jesus (Lc 14.28). É necessário um estudo sobre o padrão de vida do país para onde vai ser enviado o missionário, a fim de que a igreja possa enviar o suficiente para o sustento dele.

É prudente que, previamente, seja estabelecido um contrato entre a igreja e o missionário, estabelecendo todas as tratativas acordadas com o missionário e a sua família antes do envio dos mesmos (Mt 5.37).

Na realidade, são os crentes, membros e obreiros da igreja que apoiam os missionários com as suas contribuições, através da secretaria ou Departamento de Missões da igreja. Diante dessa realidade, a igreja ora, intercede e acompanha o seu trabalho através de relatórios escritos e por meio de testemunhos de outros que visitam o missionário no campo. Esses responsáveis pelo sustento e pelo apoio espiritual devem entender também que a situação é muito diferente fora do seu convívio. Se não houver essa confiança, corre-se o risco de o trabalho no campo missionário não desenvolver ou sofrer solução de continuidade.

II - PRINCÍPIOS BÁSICOS ACERCA DO SUSTENTO MISSIONÁRIO PELA IGREJA

Princípios espirituais em relação à contribuição missionária, exarados na Palavra de Deus:

- 1^{a)}) A contribuição missionária é individual: “Cada um [...]” (2 Co 9.7);
- 2^{a)}) A contribuição missionária é voluntária: “[...] propôs no seu coração [...]” (2 Co 9.7);
- 3^{a)}) A contribuição missionária envolve o sentimento: “[...] dá com alegria” (2 Co 9.7);
- 4^{a)}) A contribuição missionária é sistemática: “No primeiro dia da semana [...]” (1 Co 16.2);
- 5^{a)}) A contribuição missionária é proporcional: “[...] ponha a parte o que puder ajudar, conforme a sua prosperidade [...]” (1 Co 16.2).

- 6^{a)}) O investimento material resulta em bênçãos espirituais (1 Co 9.11; Rm 15.27).

O escritor Roger Greenway (1934–2016) cita alguns princípios básicos sobre o sustento missionário a partir de Filipenses 4.10-20, NAA:

10. Fiquei muito alegre no Senhor porque, agora, uma vez mais, renasceu o cuidado que vocês têm por mim. Na verdade, vocês já tinham esse cuidado antes, só que lhes faltava oportunidade.
11. Digo isto, não porque esteja necessitado, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação.
12. Sei o que é passar necessidade e sei também o que é ter em abundância; aprendi o segredo de toda e qualquer circunstância, tanto de estar alimentado como de ter fome, tanto de ter em abundância como de passar necessidade.
13. Tudo posso naquele que me fortalece.
14. No entanto, vocês fizeram bem, associando-se comigo nas aflições.
15. E como vocês, filipenses, sabem muito bem, no início da pregação do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja se associou comigo nessa questão de dar e receber, exceto vocês, somente.
16. Porque até quando eu estava em Tessalônica, por mais de uma vez vocês mandaram o bastante para as minhas necessidades.
17. Não que eu esteja pedindo ajuda, pois o que realmente me interessa é o fruto que aumente o crédito na conta de vocês.
18. Recebi tudo e tenho até de sobra. Estou suprido, desde que Epafrodito me entregou o que vocês me mandaram, que é uma oferta de aroma agradável, um sacrifício que Deus aceita e que lhe agrada.
19. E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, tudo aquilo de que vocês precisam.
20. A nosso Deus e Pai seja a glória para todo o sempre. Amém!

1. O suporte aos missionários deve ser feito de modo organizado.

O apóstolo Paulo, algumas vezes, sofreu carência de sustento porque algumas igrejas ou ignoravam suas necessidades, ou não tinham em mãos os meios de fazer a ajuda chegar até o apóstolo (Fp 4.10).

2. O sustento deve ser coletado nas igrejas e entregue aos missionários de um modo eficiente e responsável.

As igrejas devem enviar o sustento diretamente aos missionários, regularmente, dessa forma, os missionários não sofrem necessidades quando as igrejas fazem bem o seu trabalho.

3. O sustento de missões é uma resposta voluntária dos fiéis que, em gratidão a Deus pela salvação, apoiam a proclamação do evangelho.

Os filipenses voluntariamente davam os seus presentes para sustentar o missionário a quem amavam. Eles não estavam pagando uma “taxa” ou tentando ganhar o favor de Deus.

4. O sustento era mais do que o básico, era amplo.

“Recebi tudo e tenho abundância”, disse Paulo (Fp 4.18). Eles enviaram um dos seus membros, Epafrodito, para entregar as doações e também para ficar com Paulo, ajudando-o.

5. O sustento de missões deve ser feito, no decorrer dos anos, de um modo constante.

Paulo elogiou os Filipenses pelo seu apoio fiel e constante (Fp 4.16).

Outras igrejas, algumas vezes, ignoraram as suas necessidades (Fp 4.15), mas Paulo podia contar com os fiéis filipenses. Os missionários dependem da fidelidade dos fiéis em quem eles confiam, ano após ano, para o seu apoio em orações e doações.

III - APRENENDENDO A INVESTIR NA OBRA MISSIONÁRIA

1. Igreja de Filípos x Igreja de Corinto

A Bíblia Sagrada fala mais sobre o relacionamento com o dinheiro do que muitos outros assuntos julgados vitais para uma vida cristã saudável. De acordo com o Ministério Crown, existem 215 versículos no Novo Testamento sobre fé; 218 versículos sobre salvação e, em toda a Bíblia, 2.350 versículos sobre finanças.

Ao contrário da igreja de Corinto, a igreja de Filípos era generosa (Fp 4.15-19). Ela enviava oferta quando Paulo mais precisava. Este agradecia a Deus, declarando que essas ofertas eram “como cheiro de suavidade e sacrifício agradável e aprazível a Deus” (Fp 4.16,18).

Os crentes filipenses compreendiam de forma plena a importância da contribuição financeira em favor da obra missionária (Gl 6.6; Rm 15.25-28; 1 Tm 5.18; 1 Co 9.9-14).

A igreja de Filipos tinha o coração maior do que o bolso. Eles davam não do que sobejava, mas das suas próprias necessidades. Eles ofertavam sacrificialmente. Eles eram pobres, mas enriqueciam a muitos. Eles nada tinham, mas possuíam tudo. Eles olhavam a contribuição não como um peso, mas como uma graça, como um dom imerecido de Deus (2 Co 8.1). Eles não apenas davam com generosidade, mas também com sacrifício (2 Co 8.2), pois ofertavam não apenas segundo as suas posses, mas voluntariamente ofertavam acima delas (2 Co 8.3). Eles ofertavam não apenas para Paulo, o plantador da igreja, mas também para irmãos pobres que eles jamais tinham visto (2 Co 8.4). Eles deram não apenas dinheiro, mas a eles mesmos (2 Co 8.5).

Hoje não é diferente, pois a oferta que oferecemos para o sustento missionário, o Senhor certamente a recebe com alegria. Esse ato é que nos dá a certeza de que Ele suprirá todas as nossas necessidades (Fp 4.19).

Contudo, o apóstolo Paulo ensinou a igreja de Corinto que contribuir para a obra missionária é um investimento espiritual que Deus credita na conta dos doadores (Fp 1.19-20; 2 Co 9.6; Gl 6.7-9). “Deus ama a quem dá com alegria” (2 Co 9.7); “Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber” (At 20.35); “Dai, e ser-vos-á dado” (Lc 6.38); “Quando, pois, deres [...]” (Mt 6.2).

Ao tratar sobre a contribuição financeira na igreja, o pastor Antonio Gilberto, na Bíblia de comentário que leva o seu nome (CPAD), passa em revista seis ensinamentos essenciais relacionadas à motivação para a contribuição. São eles:

1. A consagração pessoal a Deus (2 Co 8.1,5). Já vimos que o ponto de partida para o crente ser fiel no tocante aos dízimos e ofertas para Deus é de primeiramente dar-se totalmente ao Senhor. Geralmente todo fiel dizimista e contribuinte não se intromete na vida dos outros, pelo fato de estar muito ocupado com a sua, no sentido de querer em tudo agradar ao Senhor.
2. A graça divina para dar (2 Co 8.6). A contribuição financeira para Deus é chamada de graça. Uma graça divina recebida para

isso. Isto é muito maravilhoso! O leitor conhece este lado espiritual da contribuição? A graça de contribuir com alegria, com abundância, e com perseverança para Deus? O termo original é *charis*, o mesmo usado quando se trata da graça de Deus, como em At 14.26; Tt2.11; e Jo 1.14,16-17.

3. O exemplo de Jesus (2 Co 8.9). “Sendo rico, por amor de vós se fez pobre”. Aqui pensamos no trono de glória com o Pai, mas também na manjedoura, no monte da tentação, cansado junto à fonte de Jacó, pedindo água à Samaritana, traído por Judas, preso pelos soldados, julgado pelo Sinédrio, enfrentando a vergonha da cruz, e morrendo desamparado. Ele se fez pobre por nós! A manjedoura foi-lhe cedida, o jumentinho não era seu, nem também o túmulo em que foi sepultado. Eis o exemplo de Cristo a dar! Esta é uma profunda motivação para todos nós.
4. A opinião de Jesus sobre nós (Mt 12.41). Aqui há um fato que deve prender a nossa atenção sobre os motivos que levam uma pessoa a contribuir. Jesus “observa a maneira como a multidão lançava o dinheiro na arca do tesouro”. Ele estava “vendo” os motivos interiores de cada um.
5. A experiência dos discípulos de Jesus (At 2.44-45; 4.34). Aqui está a grande motivação para darmos a Deus do que Ele nos tem dado. Eles tinham visto a maneira como Jesus dava de si, socorrendo a todos que o buscavam. As igrejas que eles fundaram, como vemos em Atos e nas Epístolas, foram por eles ensinadas a contribuir sistematicamente e a socorrer os necessitados.
6. Reflexões motivantes à contribuição. Duas coisas mínimas, Deus requer do homem: 1/7 do seu tempo para seu descanso e ao mesmo tempo adorar ao Senhor na sua casa. Entre os judeus esse dia era o sábado. Para nós, cristãos, esse dia é o domingo – o dia do Senhor, porque nele o Senhor ressuscitou. A outra coisa mínima que o Senhor requer do homem é 1/10 da sua renda.

A lei universal da colheita é: tudo que semearmos também colheremos. Esse princípio também se aplica à colheita espiritual, como revela o apóstolo Paulo aos Gálatas 6.6-10. No versículo 7, ele adverte: “Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará”. Nesta vida, há tempo de plantar e tempo de colher. E colhemos aquilo que semeamos!

Esse mesmo princípio é válido com relação aos dons, às ofertas e aos dízimos que semeamos na obra de Deus. Se você contribui de maneira liberal, com o melhor que lhe é concedido por Deus, terá uma colheita abundante. Entretanto, se contribui apenas quando acha conveniente ou somente com uma pequena porção das bênçãos que Deus tem derramado sobre a sua vida, terá uma colheita comum. A sua colheita será proporcional à quantidade de sementes que você lançar ao solo. Paulo exortou os gálatas a retirar das bênçãos concedidas por Deus uma oferta para os mestres que compartilhavam o evangelho com eles (Gl 6.6). Repartir, do grego *koinoneo*, “compartilhar com”, traduzido como “ser participante de” (Rm 15.27; 1 Tm 5.22; Hb 2.14; 1 Pe 4.13; 2 Jo 11); “comunicar” e “distribuir” (Rm 12.13; Gl 6.6; Fp 4.15). Refere-se ao suporte material do ministério.

A contribuição é uma semeadura, e o dinheiro é uma semente. A sementeira que se multiplica é a que semeamos, e não a que comemos. Quando semeamos com abundância, colhemos com abastança. Podemos escolher o que vamos semear, mas não podemos escolher o que quisermos. Só podemos colher o que semeamos.

Sob a Antiga Aliança, os sacerdotes e levitas que serviam e ministravam aos israelitas eram sustentados pelos dízimos e pelas ofertas do povo. Sob a Nova Aliança, Deus também ordenou que os ministros do evangelho fossem sustentados pelos dízimos e pelas ofertas espontâneas dos que recebem a ministração e o ensino da Palavra.

O apóstolo Paulo disse à Igreja em Corinto: “Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? E que os que de contínuo estão junto ao altar participam do altar? Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho” (1 Co 9.13,14).

Aconteça o que for, não se canse de fazer o bem, de contribuir para a obra do Senhor, nem de lançar sementes no Reino de Deus, sustentando pastores, mestres, evangelistas, missionários e ministérios que pregam e ensinam a Palavra de Deus com demonstração de poder e unção do Senhor.

Não desanime! O Senhor promete: você irá colher se não desanima. O tempo de sua colheita está chegando. Paulo afirmou que o cristão colherá no tempo próprio. E este é o tempo que Deus designou para que você tenha uma grande colheita!

2. Tendo consciência de nosso dever

Depois de lembrar aos Coríntios a lei da colheita espiritual (2 Co 9.6), que estabelece que a pessoa colhe na proporção do que semeia, Paulo ensinou-lhes como ofertar (v. 7): “Cada um contribua segundo propôs no seu coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria”. Você dá (contribui) com alegria? Deus deseja que entreguemos nossos dízimos e ofertas de maneira espontânea, e não por considerá-los um dever ou por sentirmo-nos forçados a contribuir, mas porque o amamos. O Senhor não quer que você contribua apenas com a razão, mas também com o coração.

Se você investe na obra missionária de maneira espontânea, de acordo com a vontade de Deus, lançando sementes, as promessas de bênção e prosperidade serão cumpridas em sua vida.

No versículo 8, Paulo não se referiu apenas às bênçãos espirituais, mas também às temporais. Deus promete derramar as suas bênçãos em nossa vida com tal abundância que de nada teremos falta se formos fiéis em nossas ofertas. Experimentaremos um fluxo constante das bênçãos do Senhor, tendo o bastante não apenas para suprir todas as nossas necessidades, como também para contribuir ainda mais com a obra missionária.

3. Pessoas financiando a obra divina

Na segunda metade do século XX, uma expressão latina ganhou espaço nos círculos missionários: *Missio Dei*, que significa “Missão de Deus”.

A missão, ou *Missio Dei* (corretamente compreendida), é, antes de ser missão da igreja, missão de Deus e feita pelo próprio Senhor. A igreja neste mundo é apenas um canal para que o evangelho seja levado por Deus aos perdidos. O Senhor não precisava da igreja para tal, mas Ele escolheu e decretou para que seja assim. Segundo Analzira Nascimento: “pensar a missão a partir da *Missio Dei* (nos mostra que) o protagonista da missão não é mais a agência missionária, ou a igreja local ou o missionário, mas o próprio Deus”.

Aqueles que se dedicam à obra missionária, tendo sido reconhecidos pela igreja, devem ser sustentados pela mesma (Gl 6.6; Rm 15.25-28; 1 Tm 5.18; 1 Co 9.9-14). A obra da evangelização dos povos é a tarefa mais importante da Igreja. O desejo de Deus não é outro senão a salvação de todos os povos (Mc 16.15; Mt 28.16-20).

Deus tem pessoas específicas para enviar (At 13.1-3). Nem todos podem ir; mas todos podem orar e contribuir. A ação de contribuir para o sustento missionário é uma disposição individual gerada em cada um pela ação do Espírito Santo e assumida interiormente como importante e indispensável.

Devemos contribuir para o sustento da obra missionária, haja vista a nobre tarefa desenvolvida pelos missionários. Em Lucas 4.18, Jesus mostra a missão que Ele veio fazer (pregar as Boas Novas aos pobres, proclamar liberdade aos presos, libertar os oprimidos). “Um missionário, por sua vez, é uma pessoa que tem uma missão, que tem um objetivo, que tem algo bem específico para fazer, e que ninguém pode fazer. Então, vale a pena porque estamos entendendo a voz de Deus e fazemos aquilo que Ele nos pediu, para estabelecer Seu Reino aqui na Terra.”

Em Lucas 8.1-3, um grupo de mulheres acompanhava Jesus e servia-o com os seus bens, ou seja, sustentava os missionários, Jesus e os seus discípulos materialmente.

Por que as pessoas contribuem para o sustento da obra missionária?

1. As pessoas contribuem quando estão bem-informadas sobre o projeto missionário a ser realizado.
2. As pessoas contribuem porque creem que as suas ofertas vão mudar vidas. Além disso, eles devem crer que: A sua vida vai ser mudada; que os não salvos vão ser alcançados com o evangelho; que a igreja vai ser fortalecida, edificada e encorajada e que a vontade e a obra de Deus vão ser realizadas.
3. As pessoas contribuem porque são valorizadas e sentem-se participantes da missão. Os mantenedores têm que se sentir parte da viagem missionária tal como a pessoa que vai viajar.
4. As pessoas contribuem porque acreditam que o missionário está completamente comprometido, entusiasmado, confiante e animado com o projeto.

Missão envolve ajuda humanitária também: comida, remédios, escola... A sua contribuição tem levado paz para o presente de outras pessoas e esperança de um futuro melhor. Separar uma quantia mensal para missões é semear em terra fértil.

Nossos dízimos e ofertas são uma maneira de reconhecermos a soberania de Deus em nossa vida. A vontade de Deus é a salvação dos perdidos da terra (1 Tm 2.4). Para que essa meta seja alcançada, Deus conta com cada um dos seus filhos, com todos os seus dons e talentos.

Deus prepara e responsabiliza os indivíduos para contribuírem financeira e espiritualmente para sustentarem a obra de missões. Como o grande missionário Hudson Taylor (1832–1905) disse: “A obra de Deus feita no tempo de Deus nunca terá falta do sustento de Deus”.

Investir em missões é investir em vidas. Vidas sendo salvas pelo Senhor Jesus. Não é possível realizar missões sem dinheiro. Contribuir com missões é ajuntar tesouros no Céu (Mt 6.20). O que você tem feito em favor da obra missionária? Você pode orar, contribuir ou ir.

Os missionários e os obreiros em geral são sustentados financeiramente pela igreja. A fonte ou origem desses recursos é a própria igreja. Foi Deus quem estabeleceu que o crente contribuisse para que o seu povo tenha os recursos suficientes para a expansão do evangelho e manutenção da obra do Senhor.

Caso você ainda não seja um mantenedor da obra missionária, decida começar hoje. Invista em missões!

“A OBRA DE DEUS É FEITA SEGUNDO A VONTADE DE DEUS, JAMAIS TERÁ FALTA DOS RECURSOS DE DEUS” (HUDSON TAYLOR, PRECURSOR DA EVANGELIZAÇÃO DA CHINA).

CAPÍTULO 10

O DESAFIO DA JANELA 10/40

AJanela 10/40 é, sem dúvida, é uma área de significação bíblica e histórica. De acordo com o Semipa (Semeadores Missionários com Paixão pelas Almas):

O berço das mais antigas civilizações do mundo está na Janela 10/40. As primeiras regiões geográficas da terra, indicadas na Bíblia no livro de Gênesis, estão no coração da Janela 10/40, onde o Senhor Deus colocou Adão e Eva (Gn 2). Foi dentro desse território que se levantaram e caíram impérios. Foi dentro da Janela 10/40 onde se desenrolou quase todos os cenários da história bíblica. Foi nela onde Cristo nasceu e viveu. Foi nela o berço da Igreja Primitiva; essa região viu cumprir centenas de vezes palavras como as de Atos 5.14: “E a multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, crescia cada vez mais”. Foi na Janela 10/40 que saíram os primeiros missionários para o mundo todo! Era nela onde se localizavam as igrejas fundadas pelo apóstolo Paulo, as quais ele endereçou parte das suas epístolas, bem como também as sete igrejas da Ásia, mencionadas no livro de Apocalipse. (SEMIPA – Semeadores Missionários com Paixão pelas Almas; *7 razões para você orar pela Janela 10-40* — <http://www.semipa.org.br/>).

I - UMA BATALHA ESPIRITUAL CHAMADA DE JANELA 10/40

1. Uma verdadeira batalha espiritual

Uma das razões pelas quais devemos estar focados na Janela 10/40 é que as fortalezas de Satanás estão incluídas nela. Bilhões de pessoas

que vivem na Janela 10/40 não só estão debaixo de enfermidades, pobreza e calamidades, mas têm sido impossibilitadas de conhecer o poder transformador do evangelho. Elas são um exemplo claro do que temos em 2 Coríntios 4:4: “[...] o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus”. (<https://coragembiblicaescrita.blogspot.com/2021/05/janela-1040.html>)

2. Nessa batalha, devemos usar armas espirituais

Sabemos que a oposição do mundo é muito forte e sutil. E por trás dessas coisas está o Diabo, inclinado a pegar os homens vivos e mantê-los prisioneiros. Satanás odeia o evangelho e utiliza toda a sua força e inteligência ou para obstruir o seu progresso, ou para pervertê-lo na boca dos que pregam, ou para amedrontar esses pregadores, procurando silenciá-los por meio de perseguição ou os levando ao ridículo, ou então para persuadi-los a avançar além dele para criar uma novidade fantasiosa, ou ainda para torná-los tão ocupados com a defesa do evangelho que eles não tenham tempo para proclamá-lo.

Michael Ramsden (2015, p. 63), um dos colaboradores no livro *Cumprindo a Missão: Levando o Evangelho aos não alcançados e aos não Engajados*, dos editores John Piper e David Mathis (CPAD), autor do capítulo 3, intitulado “Cristo, Coragem e a Conclusão da Missão”, no tópico “Um Chamado Caro” diz que

Quando somos uma testemunha fiel de Jesus, é certo que a perseguição virá: Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós” (Jo 15.20) [...]. Portanto, não devemos ficar surpresos com o ódio que atraímos para nós, por causa do nome de Jesus (Jo 15.21). Lemos em Hebreus que a fé e a fidelidade levaram a grandes vitórias em nome de Jesus: reinos foram vencidos, a justiça foi praticada, promessas foram alcançadas, bocas dos leões foram fechadas, a força do fogo foi apagada, do fio da espada se escaparam, exércitos de estrangeiros foram postos em fuga e mulheres receberam os seus mortos pela ressurreição. Mas também levaram a grande custo, como o mundo veria: uns foram torturados e outros experimentaram escárnios, açoites, cadeias e prisões. Foram apedrejados, foram serrados, foram mortos a fio de espada. De fato, eram pessoas das quais o mundo não era digno. Portanto, abandonemos todos os

pensamentos que tenhamos sobre a possibilidade de testemunhar sem custo. Existem grandes milagres (escaparam da espada) e grandes martírios (muitos foram mortos pela espada). Não há contradição. Apenas o conhecimento certo de que somos chamados para dar a vida em serviço de Jesus e, um dia, seremos chamados para casa.

3. Enfrentando a batalha espiritual na Janela 10/40

As áreas do planeta que se localizam entre as latitudes de 10 e 40 graus, ao norte da linha do Equador e do norte da África até o leste da Ásia, num espaço comparado a uma janela retangular, são conhecidas por Janela 10/40.

O termo “Janela 10/40” originou-se com o estadista missionário Luis Bush durante a 2^a Conferência de Lausanne, em Manila, em julho de 1989. Essas são as regiões onde está concentrada a maior parte dos povos não alcançados, onde vivem quase 4 bilhões de pessoas (2/3 da população do mundo), entre as quais as mais opositoras ao cristianismo são: 71% do total de muçulmanos, 98% da população hindu e 68% de todos os budistas vivem ali. É a região onde se encontram as três maiores religiões não cristãs do mundo: islamismo, budismo e hinduísmo. Essas áreas representam o núcleo do reino de Satanás (Ap 2.13a). São uns 67 países, onde existem mais de 95% dos povos não evangelizados, e 82% das pessoas mais pobres do mundo estão entre eles.

Embora a Janela 10/40 seja o local onde se concentram 80% de todos os povos não alcançados do mundo, apenas 8% da força missionária mundial atua ali. Em termos de missionários brasileiros, apenas seis atuam dentro dela (Mt 9.37,38; Sl 126.5,6; Mc 16.14-18). (*Guia Prático de Missões*, CPAD).

A “Janela 10/40” confronta-nos a importantes considerações:

1. O significado histórico e bíblico.
2. Os países menos evangelizados.
3. O domínio de três blocos religiosos.
4. A predominância da pobreza.
5. Os grupos étnicos-lingüísticos não alcançados.
6. As cidades (megalópoles) menos evangelizadas.

7. As fortalezas de Satanás estão concentradas na “Janela 10/40”. (<https://coragembiblicaescrita.blogspot.com/2021/05/janela-1040.html>)

3.1 Os países localizados na janela 10/40

Afeganistão, Chade, Gâmbia, Japão, Mongólia, Tajiquistão, Arábia Saudita, China, Gaza, Jordânia, Nepal, Tailândia, Argélia, Chipre, Gibraltar, Kuwait, Niger, Tibet, Bahrein, Coreia do Norte, Grécia, Laos, Omã, Tunísia, Bangladesh, Coreia do Sul, Guiné, Líbano, Paquistão, Turcomenistão, Benim, Djibuti, Guiné-Bissau, Líbia, Portugal, Turquia, Burkina Faso, Egito, Iêmen, Malásia, Saara Ocidental, Vietnã, Butão, Emirados Árabes, Índia, Maldivas, Senegal, Camboja, Etiópia, Irã, Mali, Síria, Cazaquistão, Filipinas, Iraque, Marrocos, Sri Lanka, Catar, Formosa, Israel, Mauritânia, Sudão.

II - PRINCIPAIS DESAFIOS DA JANELA 10/40

1. A necessidade humana

A Janela 10/40 confronta-nos com um dos maiores desafios missionários do mundo, sendo considerada o último desafio missionário pelas seguintes razões:

- a)** As maiores megalópoles, cidades com mais de 1 milhão de habitantes, encontram-se nessa região (At 18.10).
- b)** Bilhões de pessoas enfermas, miseráveis, fanáticas, vivendo sob calamidades e vítimas de guerras, impossibilitadas de conhecer o poder transformador do evangelho, estão concentradas nessa região (Jo 15.20).
- c)** Nessas regiões, estão as pessoas mais necessitadas materialmente do mundo. De cada 10 pobres, 8 estão ali (Lc 4.18).
- d)** Se faltar amor e consciência por parte do povo de Deus acerca dessa gritante realidade, a “Janela 10/40” continuará fechada à mensagem de Jesus Cristo (Ef 6.12; Rm 8.35-39).

Os níveis de perseguição nesses países, conforme a Missão Portas Abertas (Mt 23.34-37) são:

- a)** 9 (nove) com perseguição extrema (As leis do país tiram toda a liberdade do cristão, levando-o à prisão, tortura e morte).
- b)** 16 (dezesseis) com perseguição severa (Não há leis quanto à prática da religião. Mas há perseguição por parte do governo, da família e da sociedade).
- c)** 25 (vinte e cinco) com perseguição alta (As leis do país permitem a prática de outras religiões, mas os cristãos são perseguidos em todas as esferas; Lc 6.22).

A Coreia do Norte é apontada como a nação mais fechada para o evangelho neste início de século, conforme a pesquisa elaborada todos os anos pela Missão Portas Abertas.

Nos últimos anos, a Coreia do Norte teve 3 milhões de pessoas mortas pela fome. É um quadro desastroso, mas, ao mesmo tempo, a perseguição religiosa é extremamente grande. O comunismo arruinou a Coreia do Norte, que hoje é uma nação isolada e miserável.

A igreja ali padece de várias maneiras. Sabemos, por exemplo, que há intensa perseguição à fé evangélica. Há até relatos de cristãos que são lançados em água fervente. É hora de a igreja mundial orar e voltar o seu interesse pela Coreia do Norte (Mt 23.34-37; 2 Co 11.23-27).

2. O desafio da perseguição

A Missão Portas Abertas publicou neste ano de 2023 a lista dos 50 países onde os cristãos são mais perseguidos por causa da fé em Jesus:

1. Coreia do Norte; 2. Somália; 3. Iêmen; 4. Eritreia; 5. Líbia; 6. Nigéria; 7. Paquistão; 8. Irã; 9. Afeganistão; 10. Sudão; 11. Índia; 12. Síria; 13. Arábia Saudita; 14. Mianmar; 15. Maldivas; 16. China; 17. Mali; 18. Iraque; 19. Argélia; 20. Mauritânia; 21. Uzbequistão; 22. Colômbia; 23. Burkina Faso; 24. República Centro-Africana; 25. Vietnã; 26. Turcomenistão; 27. Cuba; 28. Níger; 29. Marrocos; 30. Bangladesh; 31. Laos; 32. Moçambique; 33. Indonésia; 34. Catar; 35. Egito; 36. Tunísia; 37. República Democrática do Congo; 38. México; 39. Etiópia; 40. Butão; 41. Turquia; 42. Comores; 43. Malásia; 44. Tajiquistão; 45. Camarões; 46. Brunei; 47. Omã; 48. Cazaquistão; 49. Jordânia; 50. Nicarágua.

Nos 11 primeiros países listados, a Missão informa que o nível de perseguição é extremo, enquanto nos países catalogados do 12 ao 50, o nível de perseguição é severo: “De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele” (1 Co 12.26; Rm 12.15,16).

Anualmente, a Portas Abertas realiza a pesquisa da Lista Mundial da Perseguição. Um dos índices que mais causam impacto nos dados é o de violência. Ele inclui todo tipo de agressão direta que um cristão possa sofrer por crer em Jesus, como prisões, casas atacadas, violência sexual e ataques a edifícios e templos das igrejas locais.

III - ESTRATÉGIAS PARA ALCANÇAR PAÍSES DA JANELA 10/40

1. Orando pela Janela 10/40

Em Atos 12, o autor conta-nos que, após o rei Herodes matar Tiago, irmão de João, à espada, também prendeu Pedro. Na noite anterior ao julgamento do apóstolo, o versículo 5 explica que “Pedro, pois, era guardado na prisão; mas a igreja fazia contínua oração por ele a Deus”. O resultado da intercessão da igreja foi a libertação de Pedro. Apesar da intensidade das orações, quando a serva que abriu a porta disse que era Pedro, eles afirmaram que ela estava fora de si. Ao abrirem a porta e verem, de fato, o apóstolo, ficaram perplexos.

Há poder em nossas orações. E libertações ainda hoje ocorrem quando oramos por irmãos e irmãs presas: “Lembrai-vos dos presos, como se estivésseis presos com eles, e dos maltratados, como sendo-vós mesmos também no corpo” (Hb 13.3).

No livro *Estratégias Missionárias*, do Curso de Formação Missiológica (OGC – Médicos com uma Missão), no capítulo que trata de um breve histórico de Estratégias Missionárias, destacamos duas delas que se aplicam eficientemente para alcançar almas preciosas para Cristo nos países localizados na Janela 10/40:

1.1 Evangelização por meio da ação social

Dentre as mais diversas missões da Igreja, ela também exerce o ministério de socorro e misericórdia, que inclui o cuidado dos pobres

e necessitados, e não somente dos seus membros, mas também dos não membros.

[...] a “Janela 10/40” também consiste na enorme quantidade de pobres que vivem ali. São os “pobres dos pobres”, oito em cada dez, com um orçamento inferior a 500 dólares por ano por pessoa. Ainda que 2,4 bilhões de pessoas nessas condições vivam na “Janela 10/40”, apenas 8% dos missionários trabalham entre eles.

Bryant Myres, no seu perspectivo artigo diz: “Onde estão os perdidos e os pobres?” Responde: “Os pobres são os perdidos e os perdidos os pobres”.

Ele chegou a essa conclusão após demonstrar que a maioria dos não alcançados vive nos países mais pobres do mundo.

Quando cristãos de 170 países encontraram-se em Lausanne II (Manila, 1989), houve um grande interesse pelos materialmente pobres. Na segunda sessão de Manila, o interesse foi lembrado com a seguinte declaração: “Nós temos sido novamente confrontados com a ênfase de Lucas, que o evangelho é boas novas para o pobre (Lc 4.18; 6.20; 7.22) e temos que perguntar se isso não significa que a maioria da população do mundo não está destituída, sofrendo e oprimida. Nós temos sido lembrados que na lei, nos profetas, nos livros de sabedoria e nos ensinamentos e ministério de Jesus, Deus sempre interessou-se pelos pobres materialmente, defendê-los e cuidar deles”. (<https://coragembiblicaescrita.blogspot.com/2021/05/janela-1040.html>)

A ação social manifesta o testemunho cristão como parte da evangelização. A evangelização, por meio da ação social, abre portas para a entrada de missionários em países onde não há tanta abertura para recebê-los.

A ação social levada a efeito mediante um minucioso planejamento, preparo e execução é uma forma de demonstrar nosso amor na prática, tornando, assim, a evangelização mais eficaz (1 Jo 3.17,18; Rm 12.20; Tg 1.27; Tg 2.14-17; Fp 2.4).

1.2 A ação médico-missionária

A missão médico-missionária traz à humanidade um evangelho apresentado de forma prática. Sem dúvida, é uma obra pioneira que

apresenta o evangelho com ações práticas que transformam a vida das pessoas: “[...] Não necessitam de médico os saúes, mas sim, os doentes”. (Mt 9.12). Jesus reconheceu que as pessoas doentes precisam de médicos. Ele não condenou o uso de médicos e remédios “terrenos”. Sim, Jesus realizou muitos milagres de cura enquanto estava na terra.

As nações precisam muito de médicos e de outros profissionais na área de saúde. Essa profissão abre portas, pois há uma grande necessidade dessa missão, e o mundo está aberto para ela (Mt 10.7,8; Mc 16.17,18).

Dentro dessa visão, nasceu em 2016 a O.G.C – Médicos com uma Missão,

uma entidade sem fins lucrativos e econômicos, formada por homens e mulheres com o desejo de implantar uma organização missionária no Brasil, que pudesse atuar com abrangência mundial [...], visa[ndo] a expansão do trabalho missionário médico de forma voluntária, além das fronteiras do Brasil, despertando e auxiliando a igreja local na preparação missionária e médica de pessoas vocacionadas para missão, onde possam, de forma estratégica, levar o conteúdo do evangelho a todas as nações.

O objetivo da OGC é auxiliar jovens vocacionados que desejam uma formação acadêmica em medicina e áreas afins, na América do Sul e Europa, possibilitando não somente uma formação acadêmica na área da saúde, mas uma vivência em outras culturas e nações, para assim oferecer uma formação completa. Esses missionários médicos, através das suas profissões, irão servir às nações, realizando trabalhos sociais, implantação de igrejas, servindo de apoio à igreja perseguida, principalmente dentro dos países da janela 10/40.

O referido projeto tem como finalidade realizar todas as prerrogativas e supervisionar os candidatos vocacionados que farão parte do programa de formação médica, para atuar no Brasil, na América Latina e Europa, com o intuito de investir as suas vidas e profissão a serviço do Reino de Deus. O alvo da O.G.C é de formar 500 médicos para serem enviados para os países da Janela 10/40.

Em pesquisas realizadas por missiólogos, foram identificados aproximadamente 24 mil povos no mundo. Aproximadamente, metade da população mundial vive em 12 mil povos “alcançados”, não neces-

sariamente que essas pessoas sejam cristãs, mas que vivem em povos onde é possível anunciar o evangelho na sua própria cultura, como no seu próprio idioma.

Entretanto, a outra metade vive em 12 mil povos aproximadamente. Isso não significa que não haja cristãos vivendo nessas áreas. Significa que não há igreja viável nesses lugares que esteja firmada na Bíblia Sagrada, ou seja, que se reproduz.

Mil desses povos não alcançados estão espalhados pelas diversas culturas do mundo; todavia, 11 mil estão concentrados nos cinco maiores blocos culturais: muçulmanos, tribos animistas, hindus, chineses han e budistas.

O apóstolo Paulo pregou em muitos lugares. A sua área de atuação missionária tinha sido enorme: as províncias orientais do Império Romano: desde Jerusalém até as províncias do Ilírico, na costa leste do mar Adriático, a centenas de quilômetros de Jerusalém. Os últimos limites citados são referências às suas viagens mais recentes registradas em Atos 20.2; por trás da descrição vaga de Lucas, evidentemente está o trabalho feito a oeste da Macedônia.

Paulo evangelizara mais da metade do mundo romano pelo seu método de visitar os centros principais e deixar que os convertidos pregassem o evangelho nas regiões circunvizinhas. Havia regiões que ele não tinha visitado, mas isso porque elas já haviam sido cobertas por outros missionários pioneiros. A tarefa de Paulo era abrir territórios virgens.

Ele pregou em lugares em que não tinham ouvido o evangelho antes: “E desta maneira me esforcei por anunciar o evangelho, não onde Cristo houvera sido nomeado, para não edificar sobre fundamento alheio” (Rm 15.20).

Ele cultivou o terreno inculto, lançou alicerces em muitos lugares e introduziu o cristianismo onde nada mais que a idolatria, a feitiçaria e toda sorte de demonismo reinavam por muitas eras. Ele abriu caminho e, por essa razão, necessariamente encontrou mais dificuldade e desencorajamento no seu trabalho. Aqueles que pregavam na Judeia tinham nesse aspecto uma tarefa muito mais fácil do que Paulo, que era o apóstolo dos gentios; pois eles entraram no trabalho de outros: “Eu vos enviei a ceifar onde vós não trabalhastes; outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho (Jo 4.38).

Paulo, sendo um homem resistente, foi chamado para o trabalho mais duro; havia muitos mestres, mas Paulo era o pai na fé; muitos que regavam, mas Paulo era o grande plantador. Ele era um homem corajoso que fazia o primeiro ataque ao palácio do homem forte e armado do mundo gentílico, que primeiro assaltou os interesses de Satanás aqui, sendo também aquele homem que se aventurou no primeiro ataque em muitos lugares e sofreu muito por isso. Não é o caso em que o apóstolo não tivesse pregado em muitos lugares onde outros tinham estado trabalhando antes dele; mas ele principal e essencialmente se dispunha para o bem dos que estavam em trevas.

O apóstolo tomava cuidado “[...] para não edificar sobre fundamento alheio”, para que ele não desaprovasse nisso o seu apostolado e desse motivo para aos que procuravam alguma razão para desaprová-lo. Ele, então, descreve no versículo 21 o objetivo da sua missão nas palavras do profeta Isaías 52.15 sobre isso: “[...] aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que eles não ouviram entenderão”. Paulo toma essas palavras para aplicá-las à extensão do conhecimento do Servo Sofredor, a lugares onde o seu nome não foi mencionado. Isaías está falando da surpresa das nações e os seus reis quando vissem a exaltação do Servo Sofredor que eles anteriormente haviam desprezado.

Concluindo, fazemos a seguinte pergunta: Quem pode evangelizar os povos da janela 10/40?

A expansão da Igreja em Atos não foi feita apenas por apóstolos como Pedro e Paulo. Foi feita por cristãos fiéis, dispostos a perderem seus empregos, seus lares e sua vida normal por causa da sua fé em Jesus Cristo como o Salvador e Senhor de suas vidas. Fugiram da perseguição, mas não ficaram amedrontados e calados (Rm 8.35-37). Anunciavam o Evangelho e a mão do Senhor estava com eles! (Atos 11:19-21).

Ronaldo Lidório, missionário em Gana, disse que os povos mais fáceis de alcançar já foram contatados. Restam agora os mais difíceis, onde muitos dos quais, com certeza, existem dentro da Janela 10/40. O evangelista nesta região tem que ser fiel, disposto a negar-se a si mesmo e ter a “mão do Senhor sobre ele”. Este missionário, nos campos difíceis, precisa de uma clara direção de Deus e da poderosa manifestação da Sua presença e benção na vida dele. (<https://seminariojuvep.com.br/>)

quem-pode-evangelizar-os-povos-da-janela-10-40/#:~:text=A%20expans%C3%A3o%20da%20Igreja%20em,o%20Salvador%20e%20Senhor%20verdadeiro)

Conta-se que, na Primeira Guerra Mundial (1914–1918), um jovem soldado do exército francês, numa incursão muito próxima de onde se encontrava um forte contingente de tropas inimigas, foi atingido por estilhaços de granadas.

Ferido gravemente, ele gritava intensamente em razão das fortes dores resultantes dos múltiplos ferimentos. Tal situação colocava os demais integrantes do seu pelotão em alto risco de morte.

Ciente da gravidade dos seus gritos de dor e que os demais soldados poderiam ser dizimados, o jovem soldado pediu aos seus companheiros que acabassem com o seu sofrimento, tirando a sua vida, e, consequentemente, o silêncio na trincheira não possibilitaria a localização dos mesmos pelo inimigo.

Acontece que o comandante do seu pelotão recusou-se em autorizar a execução do soldado, mas, devido à insistência dele, comunicou ao escalão superior a situação ocorrida, reportando ao seu comandante imediato que estava instalado na retaguarda o pedido insistente do soldado ferido.

O comandante, ao receber a notícia, julgando-se incompetente para dar a ordem de execução, imediatamente comunicou ao escalão superior da sua tropa.

Como última instância, o pedido chegou ao conhecimento do rei da França, a fim de que ele, como autoridade soberana, pudesse atender o pedido do soldado ferido no *front*. O monarca imediatamente enviou uma mensagem urgente destinada ao soldado ferido, com os seguintes dizeres: TEU REI PRECISA DE TI. JORGE, REI DA FRANÇA!

A mensagem do rei encheu o coração do soldado de força, coragem e disposição. Para surpresa de todos, o soldado ferido, com muita dificuldade, desceu da maca onde estava deitado e, com mais dificuldade ainda, colocou o capacete, pegou o seu fuzil e, olhando para os seus companheiros, que estavam atônitos diante daquele cenário, disse a todos, com a voz embargada: “O que vocês estão fazendo aí parados? Vocês não ouviram a mensagem do rei? Vamos enfrentar o inimigo e conquistar o seu terreno!”.

De igual forma, ouça agora a mensagem do Rei dos reis, o Senhor Jesus Cristo, enchendo o teu coração com o poder do Espírito Santo!

Tome agora uma atitude de fé e comprometimento com a obra missionária!

Coloque-se inteiramente à disposição dEle para pregar o evangelho às preciosas almas que o estão esperando em algum lugar da Janela 10/40!

CAPÍTULO 11

MISSÕES E A IGREJA PERSEGUIDA

I - A IGREJA NASCEU EM UM CONTEXTO DE PERSEGUIÇÃO

A palavra perseguição vem do latim *per*, “através”, e *sequi*, “seguir”, que dá a ideia de algo que nos segue opressivamente, correndo atrás de nós, alguma severa ou sistemática opressão. O original latino fala sobre o caçador que segue após a sua vítima, com intenção de prejudicá-la ou matá-la. A perseguição geralmente é uma tentativa constante e, por muitas vezes, sistemática, para eliminar ou prejudicar o indivíduo perseguido. Pode empregar ou não meios violentos. A perseguição pode ser mental. Pode envolver o ostracismo social. E, quando os costumes sociais assim o permitem, a perseguição pode tornar-se violenta.

Vejamos uma síntese histórica com relação à perseguição cristã. Paulo fora um grande perseguidor antes da sua conversão. E assim sucedeu que, depois, ele passou a ser o grande perseguido. O livro inteiro de Atos demonstra o fato.

1. A perseguição contra Estêvão, o primeiro mártir

Estêvão foi o primeiro mártir cristão. E os agentes da perseguição foram os membros do Sinédrio, o mais alto corpo religioso e judicial de Israel (At 7.52).

Os justos de qualquer época são alvos da perseguição movida por indivíduos injustos (Hb 11.38; 1 Jo 3.12). O próprio Jesus predisse que os seus seguidores sofreriam muitas perseguições e aflições (Mt 5.11,44; Lc 11.48; Mc 4.17; Jo 15.20).

Os sofrimentos e a morte de Jesus são conspícuos exemplos nas páginas do Novo Testamento, com bases religiosas e políticas (Jo 10.24ss; 19.12ss), como exemplos de trechos neotestamentários que falam sobre a questão. Tanto os judeus quanto os romanos tiveram participação ativa na perseguição contra Jesus. Ele era tanto uma ameaça aos olhos dos religiosos judeus, como também uma alegada ameaça contra o poder político de Roma.

2. A igreja foi dispersada

Os primeiros discípulos de Jesus, incluindo os apóstolos, foram perseguidos e mortos (At 3 e 4; 6 e 7; 12).

O apóstolo Paulo foi um caso especial (At 9.1-9; Fp 3.6; 1 Co 15.32; 2 Co 11.23ss). Ele foi perseguido pelos judeus, mas também por quem se dizia cristão, conforme se vê em vários textos de 2 Coríntios 11.

A igreja em Esmirna tipifica a Igreja cristã antiga, que começou a ser oficialmente perseguida pelo Império Romano (Ap 2.9). O versículo 13 desse capítulo provavelmente se refere ao culto ao imperador (os imperadores romanos chegaram a ser adorados como deuses), e os que não quisessem participar dessa forma de culto eram perseguidos.

As perseguições dos gnósticos contra a corrente principal da Igreja apostólica são evidentes na história, tendo sido mencionadas em 3 João 9ss.

Durante e após a Era Apostólica, dez imperadores romanos estiveram envolvidos nas perseguições contra o cristianismo, um período de terror que se prolongou até os dias de Constantino, já no começo do século IV d.C. Nero foi o principal perseguidor imperial da Igreja, ainda no tempo dos apóstolos. Foi ele o responsável pelo martírio de Pedro e de Paulo.

O relato de Lucas-Atos foi escrito em parte com o intuito de convencer as autoridades romanas a aceitar o cristianismo como uma fé legítima, e não como uma traição contra o Estado. Porém, esse propósito de Lucas não teve bom êxito, tendo-se seguido vários séculos

de perseguições e matanças contra os cristãos. O imperador Nero foi quem deu o exemplo, acusando falsamente os cristãos de terem incendiado a cidade de Roma no ano 64 d.C. Em uma falsa retaliação, conforme o historiador romano Tácito informa-nos, muitos cristãos foram torturados ou mesmo mortos.

Estes foram os dez imperadores romanos perseguidores: Nero, Domiciano, Trajano, Marco Aurélio, Severo, Maximino, Décio, Valeriano, Aurélio e Diocleciano. Este, o último deles, reinou de 284 a 305 d.C. Mas, quando Constantino converteu-se ao cristianismo, mediante uma visão, as perseguições contra os cristãos cessaram no começo do século IV d.C. Constantino governou entre 272 a 337 d.C. Juliano, o Apóstata (governou entre 361 a 363 d.C.), renovou as perseguições, mas em muito menor escala, demitindo cristãos dos seus postos oficiais e proibindo-os de ensinar os clássicos. Esse imperador tentou restaurar o paganismo e restabelecer as tradições antigas, só que os resultados dos seus esforços não perduraram após a sua morte.

É impossível alguém possuir qualquer grau de santidade e não sofrer oposição por parte de um mundo hostil (2 Ts 3.12). Existe a “ofensa da cruz” (1 Co 1.23). A missão redimadora de Cristo necessariamente inclui muitos sofrimentos. Ora, participamos dos seus sofrimentos, em razão de nossa união espiritual com Ele (Cl 1.24). A missão de Cristo (trazer os homens de volta a Deus) é compartilhada por nós, e essa missão requer grande dose de sofrimento e sacrifício. Portanto, passamos por certo sofrimento na tentativa de cumprir nossas respectivas missões.

Ao escrever a sua Segunda Epístola a Timóteo, mais precisamente no capítulo 3, versículos 10 e 11, o apóstolo Paulo fala sobre o exemplo de resistência que ele mesmo fixou:

Tu, porém, tens seguido a minha doutrina, modo de viver, intenção, fé, longanimidade, caridade, paciência, perseguições e aflições tais quais me aconteceram em Antioquia, em Icônio e em Listra; quantas perseguições sofri, e o Senhor de todas me livrou.

Esses exemplos de perseguições e aflições que Paulo suportou foram tirados da primeira viagem missionária do apóstolo à região da Ásia Menor, onde Timóteo morava. O jovem Timóteo pode ter sido testemunha ocular de algumas dessas perseguições e aflições, ocorridas, talvez, antes de ele converter-se a Jesus.

Paulo está convencido de que não há caminho fácil para os filhos de Deus: “E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições” (2 Tm 3.12). Jesus declarou que a cruz seria inevitável para quem o seguisse, e assim sempre tem sido. Podemos ser cristãos nominais sem sofrer muitos inconvenientes. Mas os que querem ser cristãos genuínos tem de pagar o preço inevitável do sofrimento, embora tenham a garantia do poder libertador de Deus.

Nesse versículo, Paulo diz a Timóteo que os que obedecem a Deus e vivem para Cristo serão perseguidos. Não fique surpreso quando as pessoas lhe entenderem mal, criticarem e até tentarem feri-lo por causa daquilo em que você crê e do modo como vive. Não desista! Continue a viver da maneira que você sabe que um cristão deve viver. Deus é o único a quem você precisa agradar.

3. A perseguição cristã é uma realidade

O pastor Antonio Gilberto lembra que o sofrimento, a perseguição e a tribulação são inevitáveis na vida do cristão; fazem parte da vida cristã (1 Ts 3.3). O sofrimento na vida cristã pode ser mensurado desde a feição mais comum como a caçoaça, a crítica mordaz, o desprezo pelos amigos, pelos conhecidos e pelos membros da própria família. Podem ser também o ostracismo, a perda de amigos, a perda de emprego, um prejuízo financeiro, ou prejuízo educacional, boicote nos negócios e queda na produção; podendo chegar a maus tratos pessoais, violências, ofensas, sofrimento físico, agressão física, destruição de bens, de propriedades (culturas, animais, benfeitorias, etc.), pressão e até morte.

A perseguição aos cristãos está aumentando em muitas partes do mundo. De acordo com os dados da Lista Mundial da Perseguição 2022, fornecidos pela Missão Portas Abertas, “mais de 360 milhões de cristãos no mundo enfrentam algum tipo de oposição como resultado da identificação com Cristo”. Eles são objetos de discriminação em alguns lugares e em outros são presos, torturados e mortos, as suas igrejas e casas são queimadas, e as suas carreiras, arruinadas.

As crianças cristãs são tomadas dos seus pais. Os líderes da igreja, missionários e evangelistas são, geralmente, alvo especial de perseguição (1 Co 4.11-13).

Devemos reconhecer que aqueles que confessam a fé em Cristo pagam um alto preço nos lugares onde os cristãos são minoria e onde a oposição ao cristianismo é forte (Mt 5.9-12). Por essa razão, devemos orar por eles sem cessar (1 Ts 5.17).

II - A PERSEGUIÇÃO CRISTÃ NA ATUALIDADE

Julgo oportuno citar a diferença entre sofrimento e perseguição, segundo a Missão Portas abertas:

Sofrimento implica todos os esforços e sacrifícios inerentes ao cumprimento da missão cristã em qualquer lugar onde o cristão viva. Ou seja, todos os cristãos envolvidos na vida da igreja podem se considerar “cristãos sofredores”. O sofrimento também pode vir de situações variadas de angústia, como doenças, questões familiares, problemas financeiros etc. Então dizemos que é sofrimento quando tais situações não são resultado direto de professar a fé cristã. Perseguição implica todos os tipos de injustiça, de maus tratos e desrespeito aos direitos humanos com o objetivo de impedir a proclamação do evangelho, seja por parte de um indivíduo, seja de um grupo ou comunidade.

Resumindo, “sofrimento” é uma afirmação passiva, enquanto “perseguição” é uma afirmação ativa. É por isso que nós escolhemos falar sobre “os cristãos perseguidos” ou a “Igreja Perseguida”, e decidiu-se deixar de usar as expressões “cristãos sofredores” ou “Igreja Sofredora” no contexto do ministério da Portas Abertas. O foco da Portas Abertas é apoiar a parte do corpo de Cristo que é perseguida. É por isso que quando a Portas Abertas é solicitada a atender cristãos que estejam sofrendo, mas não vivendo sob perseguição, ela busca o contato com alguma outra missão ou organização voltada a atender aquele tipo de fonte de sofrimento. Reconhecendo, assim, a importância de que irmãos que estejam sofrendo recebam a ajuda adequada.

O pastor Olinto de Oliveira, na obra *Missões: a Hora Chegou* (CPAD), comenta que perseguição, de forma generalizada, pode ser definida como o “ato de assediar, oprimir, dificultar ou negar os direitos de ir e vir; torturar e/ou executar pessoas com base em diferenças de etnicidade, postura política ou crença religiosa”.

A perseguição é mencionada na Bíblia Sagrada tanto no Antigo como no Novo Testamento (Gn 4.3-7; Dn 6; Jo 15.18-21; Mt 23.34-37; Mt 24.9; 2 Co 11.23-27).

A igreja tem sido perseguida quase desde a sua fundação. Com o seu rápido crescimento, com muitas conversões depois do dia de Pentecostes, os líderes religiosos dos judeus sentiram-se ameaçados. Eles começaram a perseguir os apóstolos, que lideravam a igreja, depois prenderam e mataram Estêvão, o primeiro mártir cristão (At 7.57-59). Depois da morte de Estêvão, toda a igreja passou a ser perseguida. Mais tarde, a perseguição veio também da parte dos romanos e de outros povos. Desde então, têm sempre existido cristãos perseguidos por causa da sua fé em Cristo. Apesar disso, o evangelho espalha-se cada vez mais (At 4.29-31).

Vejamos o trecho da 1 Pedro 4.12-16, escrita em contexto de intensa perseguição ao evangelho:

Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós, para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo, para que também na revelação da sua glória vos regozijais e alegreis. Se, pelo nome de Cristo, sois vituperados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória de Deus. Que nenhum de vós padeça como homicida, ou ladrão, ou malfeitor, ou como o que se entremete em negócios alheios; mas, se padece como cristão, não se envergonhe; antes, glorifique a Deus nesta parte.

Paulo compartilha com Timóteo que, apesar de estar preso, a Palavra de Deus não está algemada (2 Tm 2.8-10):

Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de Davi, ressuscitou dos mortos, segundo o meu evangelho; pelo que sofro trabalhos e até prisões, como um malfeitor; mas a palavra de Deus não está presa. Portanto, tudo sofro por amor dos escolhidos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna.

1. Em muitos lugares, ser cristão é perigoso

O século XX teve início com a chamada Rebelião dos Boxers na China, e essa rebelião levou à morte de mais missionários protestantes

do que qualquer outra crise na história — uma crise que, de alguma forma, foi um prenúncio do restante do século.

A pressão e a perseguição dos cristãos, bem como o controle das igrejas por um sistema estatal de ideologia comunista,

é consequência de uma “dinâmica de poder” social que normalmente representa uma visão de mundo que tem uma reivindicação de superioridade sobre outras visões de mundo. [...] A chave para controlar as igrejas é um sistema rígido de registro e monitoramento do Estado. Esse sistema ainda pode ser usado em países após a queda do comunismo, como é o caso na Ásia Central. Embora dependa de uma combinação de pressão e violência, a violência geralmente não é particularmente visível nesse sistema porque seu controle sobre a igreja é completo e firme.

Desde os atentados de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos, a violência e o radicalismo de matriz muçulmana têm aumentado. Isso tem, sim, uma base doutrinária forte, porque o Alcorão tem 118 passagens que estimulam a morte dos infiéis, ou seja, os que não seguem o Islã — particularmente, os judeus e os cristãos. Nos países muçulmanos, a lei islâmica proíbe a conversão de um muçulmano para outra religião. Os casos de maus tratos são bastante numerosos, pois, nesses países, pela lei, um muçulmano que se converte ao cristianismo é passível de pena de morte e, quando isso não acontece, há aprisionamentos, torturas e pesadas multas (Mt 5.10-12).

Quando os cristãos ao redor do mundo têm os direitos negados, por escolherem seguir a Jesus, eles se tornam vulneráveis a hostilidades em diferentes esferas da vida: na vida privada, na família, comunidade, na nação e na igreja. Isso faz com que eles sejam considerados cristãos perseguidos e pertençam à Igreja Perseguida. [...]

A perseguição também pode depender da região do país onde vivem os cristãos. Áreas dominadas pelos muçulmanos em países de maioria cristã podem exercer uma forte pressão sob os cristãos, até mesmo cometer atos de violência contra eles, mesmo que o país seja de maioria cristã.

2. Coreia do Norte: a nação mais fechada ao evangelho

Segundo a classificação do portal *Missão Portas Abertas*, em primeiro lugar em perseguição mundial, a Coreia do Norte é apontada como a nação mais fechada para o evangelho desde o início deste século. Nestes últimos anos, o país norte-coreano teve três milhões de pessoas mortas pela fome. É um quadro desastroso. E, ao mesmo tempo, a perseguição religiosa é extrema. Infelizmente, a Coreia do Norte é uma vítima de uma tirania que arruinou a nação, tendo os cristãos sob intensa e horrorosa tortura. Por esse, e muitos outros motivos, a igreja mundial deve orar e se interessar pela Coreia do Norte. Imagine o que é fazer a obra missionária num país como a Coreia do Norte? Há muitos missionários que se arriscam para levar o evangelho para os norte-coreanos.

III - COMO AJUDAR A IGREJA PERSEGUIDA

1. Conhecer a gravidade da situação

Para muitas pessoas no mundo atual, converter-se ou não renunciar à sua fé significa oposição, abandono ou até violência da família, perda de emprego, perda de bens, perda de direitos básicos, exílio, prisão, tortura, mutilação e morte.

Existem algumas maneiras pelas quais podemos ajudar a Igreja Perseguida.

Primeiramente devemos orar pelos cristãos perseguidos. Sabemos que a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos (Tg 5.16). Ore para que tenham coragem e não desanimem; ore também por proteção das suas vidas, as suas famílias e as suas comunidades (Ef 6.19-20).

Ore pelos perseguidores, pois eles também precisam de Jesus! Ore para que se arrependam e convertam-se, como o apóstolo Paulo. Pesquise mais sobre a Igreja Perseguida, transmitindo essas informações para mais pessoas, a fim de que todos possam ajudar. Seja solidário aos crentes perseguidos, através de ajuda financeira, além das suas orações. Lembre-se sempre de que o amor de Cristo vence todo ódio e toda perseguição (Rm 8.35-39).

Mais do que nunca, nós, brasileiros, devemos ser muito gratos ao Senhor pela liberdade de culto que ainda desfrutamos em nossa pátria

(Sl 33.12-22). No Brasil, dia 7 de janeiro, é o Dia da Liberdade de Culto. A data reforça que todos os brasileiros podem exercer as suas crenças de forma livre, sem sofrer perseguições:

Na Constituição Federal de 1988, o artigo 5º, inciso VI diz: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias”. O artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), afirma [...]: “Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular”.

À guisa de sugestão, uma das maneiras de motivar e engajar a igreja local na ajuda à Igreja Perseguida é estabelecer o Domingo da Igreja Perseguida (DIP).

“O que é o Domingo da Igreja Perseguida (DIP)?

O Domingo da Igreja Perseguida (DIP) é um movimento de oração em favor dos cristãos perseguidos idealizado pelo Irmão André, fundador da Portas Abertas. Atualmente, estima-se que mais de 360 milhões de cristãos enfrentam algum tipo de perseguição. O DIP acontece no Brasil desde 1988 e tem como objetivo servir aos cristãos perseguidos por meio da oração e contribuição para fortalecê-los em meio a adversidades, além de conscientizar a igreja brasileira a respeito da hostilidade enfrentada por nossos irmãos e irmãs. Milhares de igrejas do Brasil participam do DIP por entenderem que um dos papéis fundamentais que exercemos como igreja, em um país livre, é interceder por nossos irmãos perseguidos, que não desfrutam da mesma liberdade de adorar sem medo.

Como é possível participar do DIP?

A participação da sua igreja no DIP consiste em um compromisso de mobilizar os membros para orar e agir em favor dos cristãos presos nos países da Lista Mundial da Perseguição. Esse tempo dedicado à Igreja Perseguida pode acontecer antes, durante ou após o culto. Cada igreja local decide o formato que o DIP terá.

A data da realização do DIP pode variar a cada ano, pois acontece no domingo após o Pentecostes. Isso porque o relato bíblico de Atos 4 marca o início da perseguição aos cristãos logo após a descida do Espírito Santo, com a prisão de Pedro e João. Simbolicamente, então, podemos dizer que esse foi o “início” da Igreja Perseguida”.

2. Ore pela igreja perseguida

A oração é parte fundamental do trabalho missionário. O Senhor disse: “Pede e eu te darei as nações por herança” (Sl 2.8); logo, as nações pertencem ao Senhor. A oração coloca-nos na condição de intercessores da obra missionária (Is 62.6-10).

Em Salmos, contemplamos um número significativo de orações a Deus. A tônica de grande parte dessas orações consiste no pedido que as nações, além de Israel, venham a conhecer o único e verdadeiro Deus e a adorar somente a Ele (Sl 67.1-3).

Jesus disse aos discípulos: “[...] A seara é realmente grande, mas poucos são os ceifeiros. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara” (Mt 9.37,38).

É nosso dever orar para que o Senhor chame e envie pessoas da sua própria escolha. Os mesmos crentes que deveriam orar por ceifeiros em Mateus 9 são os que foram enviados por Jesus para ceifar em Mateus 10.

Os muros do comunismo ateísta ruíram pelas orações dos crentes sofredores do lado de dentro e pelas orações missionárias intercessoras de guerreiros do lado de fora. Podemos fazer uma oração neste lado do planeta, e as coisas acontecerem no outro lado. Podemos orar por um professor missionário em uma sala de aula da escola bíblica num longínquo campo missionário, e o Espírito Santo ser derramado de maneira especial no ensino da bendita e eterna Palavra. Missionários e pregadores nacionais correndo perigos inspirados pelo inferno podem ser livres pela mão de Deus através das orações de pessoas em altares distantes. Os obreiros avançarão com eficiência na seara do Senhor, à medida que atendermos o único pedido de oração que Jesus fez: “[...] rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara” (Lc 10.2).

Pastor, nunca deixe de conduzir e ensinar sobre o impressionante poder e lugar da intercessão na obra de alcançar nosso mundo! Torne

sua igreja o “centro do mundo”, a partir do qual emanem bênçãos divinas e a influência transformadora de vidas para todas as searas do mundo.

Graças a Deus que está havendo um avivamento da oração entre os cristãos ao redor do mundo, hoje. Esse avivamento começou na América Latina e Coreia do Sul e, hoje, as “Casas de Oração” são centros de crescimento e testemunho cristão comuns na Índia.

Lembramos e, ao mesmo tempo, agradecemos ao Senhor pelas milhares de valorosas “guerreiras de oração” que fazem parte do Círculo de Oração nas suas igrejas, as quais fazem da oração um poderoso e indispensável ministério na obra de Deus, sendo verdadeiras colunas de sustentação, principalmente da obra missionária. Desejamos a essas heroínas anônimas, que o nosso Sumo Pastor conceda a elas as mais selecionadas bênçãos espirituais.

A obra missionária está no coração de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo desde a fundação do mundo. Aqui neste mundo, toda a sua vida foi dedicada ao cumprimento da Grande Comissão (Jo 18.37; Lc 2.48,49).

Satanás, por sua vez, pessoalmente combateu a obra missionária de Jesus. Ele fez isso com prioridade (Mt 4.1-11), com sutileza (Mc 8.32,33), com audácia (Jo 13.27), com persistência (Lc 23.35-39). Não podemos ignorar os ardis de Satanás contra a obra missionária (2 Co 2.11), principalmente porque ele sabe que os missionários são como cordeiros enviados para o meio de lobos: “Ide; eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos” (Lc 10.3). O *Comentário Bíblico Beacon* (CPAD) diz:

Que paradoxo: Cordeiros saindo para salvar ovelhas de lobos! Aqui está a simplicidade unida ao desamparo: nenhuma arma carnal como defesa. Mas Deus tem uma maneira de criar a força a partir da fraqueza, e de usar até a morte como uma arma da vitória e da vida. Aqui vemos a supremacia de Cristo. Ele é o maior vencedor do mundo, e ainda assim as suas forças não foram utilizadas no que se refere à defesa carnal ou terrena. Os cristãos têm sido assassinados aos milhares, mas o avanço triunfal continua. Uma vez que a própria morte não nos vence, podemos começar a entender que somos imbatíveis. Mas, se começarmos a nos equipar com armas carnais, estaremos caminhando em direção à derrota

Embora considerado um “gigante” na fé, o apóstolo Paulo não dispensava as orações das igrejas, pois possuía um profundo senso de necessidade da oração. Para ele, orar era considerado uma prioridade no seu ministério, pois orar era uma atividade missionária (6.19,20; Rm 15.30-33; Cl 4.3,4; 2 Ts 3.1,2).

A oração é nossa arma mais poderosa contra os ataques de Satanás. Ela é uma “arma secreta” para os fiéis e que o Inimigo não pode derrotar.

Eis algumas das principais razões pelas quais temos o dever de orar pelos missionários:

1. Os missionários precisam de nossas orações, porque são pessoas com necessidades humanas normais, fraquezas e problemas. Esses escondidos de Deus precisam de vitalidade física, emocional e espiritual.
2. Porque os missionários são pessoas que Deus usa, pois a estratégia missionária de Deus é de sempre alcançar o perdido por meio da sua Palavra, dada pelos seus servos, que Ele mesmo enviou (Rm 10.14,15).
3. Os missionários são os alvos principais do ataque e da oposição de Satanás, porque eles são usados por Deus. Satanás é inimigo dos missionários e usa de muitos métodos para impedir que o evangelho seja propagado. Satanás trata os missionários como “invasores” do seu território, do qual ele não abre mão, nem um centímetro sequer, sem uma batalha.
4. Para que o Senhor capacite os missionários a conquistarem o território de Satanás.
5. Para que o Senhor dê a eles poder para falar do evangelho com coragem e clareza, a fim de que eles vejam as pessoas arrependerem-se e voltarem-se para Cristo.
6. Para que o Senhor abra portas e remova barreiras, principalmente nos países sob o domínio das potestades demoníacas, da feitiçaria (trevas profundas), até que o Reino de Cristo seja estabelecido.

Paulo sabia que a oração trazia resultados: “Ele continuará nos livrando, enquanto vocês nos ajudam com suas orações. Assim muitos darão graças por nossa causa, pelo favor a nós concedido em resposta às orações de muitos” (2 Co 1.10b,11 – NVI).

Da mesma forma como Arão e Hur sustentaram os braços de Moisés na batalha contra os amalequitas (Êx 17.12), você pode sustentar os braços cansados de missionários por meio das suas orações!

O apóstolo Paulo pediu oração por livramento aos crentes de Roma (Rm 15.30,31). Esta é, sem dúvida, a arma mais poderosa que temos, e não podemos ficar omissos quanto ao seu uso.

3. Envolve-se com a causa da igreja perseguida

É indispensável interceder continuadamente pelos missionários, mas principalmente pelos seus filhos, para que estes entendam a vocação dos pais e para que as suas igrejas sejam fiéis em sustentá-los com dignidade.

Não há mais tempo a perder. Se você, leitor, está consciente da importância da oração pela obra missionária, não deixe para depois. Comece a interceder agora.

Que Deus conceda à igreja brasileira, mormente a Assembleia de Deus, a graça de ser uma igreja que se alegre em estar em sua presença, intercedendo dia após dia pela obra missionária, principalmente pela igreja perseguida. Orai sem cessar! (1 Ts 5.57).

CAPÍTULO 12

O MODELO DE MISSÕES DA IGREJA DE ANTIOQUIA

I - A IGREJA DE ANTIOQUIA: NATUREZA E CARACTERÍSTICAS

1. Antioquia da Síria

Antioquia estava localizada às margens do rio Orontes e foi fundada por Seleuco I Nicátor (358–281 a.C.), um dos generais de Alexandre, o Grande, em 300 a.C. Era conhecida como Antioquia da Síria, a fim de ser distinguida de Antioquia da Pisídia (At 13.14). A cidade cresceu a ponto de contar com uma numerosa população nos tempos do apóstolo Paulo, incluindo muitos judeus que, desde tempos remotos, haviam obtido o direito de cidadania. A cidade era sede do legado imperial da província romana da Síria e da Cilícia, sendo conhecida como “a rainha do Oriente”. Flávio Josefo (37 ou 38 d.C.–100 d.C.), o historiador judeu do tempo dos apóstolos, diz-nos que Antioquia era a terceira maior cidade do Império Romano, perdendo em importância somente para Roma e Alexandria. A grande maioria da população era síria, embora houvesse numerosa colônia judaica, tornando-se num grande centro da erudição judaica.

Paulo começou e terminou ali a sua segunda viagem missionária. Não se sabe exatamente quão grande era a cidade nos dias de Paulo, mas, à base de informação dada por Crisóstomo, deve ter contado com uma população de cerca de 800 mil habitantes em 300 d.C. A

sua cultura era tipicamente greco-helenista. O seu porto era Selêucia (At 13.4), que era uma reputada cidade comercial e centro marítimo. Antioquia da Síria continuamente recebia caravanas de comerciantes que movimentavam a sua economia. Era também um dos destinos preferidos dos oficiais aposentados do Império. Ela atraía as pessoas com a sua culinária exótica, com atividades esportivas — especialmente as corridas de carroças que chamavam a atenção dos apostadores — e conhecidos banhos públicos. A cidade também tinha vários templos, teatros e importantes avenidas no melhor estilo greco-romano. Em razão de tantas nacionalidades, dizia-se ser possível conhecer os costumes do mundo inteiro por conta da mistura de povos que frequentavam as suas praças. A cidade ficava no atual território da Turquia, na região sudeste. A cidade moderna de Antáquia está estabelecida onde ficava a antiga Antioquia da Síria.

Diz-se que as suas muralhas encerravam uma área maior do que as de Roma. A oito quilômetros da cidade, ficava o bosque de Dafne, um importante centro de adoração a Apolo e Ártemis (ou Artemisa). Como um resultado parcial disso, Antioquia era famosa pela sua imoralidade. Ainda assim, muitos judeus e prosélitos viviam ali. Eles foram evangelizados em primeiro lugar, pois foi dito que os missionários não estavam anunciando a ninguém a Palavra senão somente aos judeus. Isso provavelmente aconteceu antes da experiência de Pedro em Cesareia.

2. A igreja em Antioquia

Felizmente, havia alguns homens de Chipre e Cirene (norte da África) que eram um pouco mais esclarecidos. Quando eles chegaram a Antioquia, pregaram o Senhor Jesus aos gregos (At 11.20).

Como estavam obedecendo às ordens de Cristo (Mt 28.19), eles viram o cumprimento da sua promessa (At 1.8) — “E a mão do Senhor era com eles [...]” (At 11.21), isto é, o seu poder manifestava-se no seu ministério. O resultado foi que grande número creu e converteu-se ao Senhor. Antioquia tornou-se o principal centro do cristianismo em pouco tempo.

A fama do que estava acontecendo em Antioquia chegou aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém (At 11.22). Preocupados quanto a

essa evangelização dos gentios estar de acordo com a ordem divina, os líderes enviaram Barnabé até Antioquia. Isso pode implicar que ele verificaria o trabalho na Fenícia (At 11.19) no seu caminho para o norte.

A igreja de Jerusalém não poderia ter escolhido alguém melhor do que Barnabé para essa missão. Ele era um verdadeiro “filho da consolação” (At 4.36), aonde quer que fosse. Um cristão judeu legalista e preconceituoso certamente teria impedido o maravilhoso movimento do Espírito de Deus em Antioquia. Mas Barnabé encorajou-o: “o qual, quando chegou e viu a graça de Deus, se alegrou e exortou a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor” (At 11.23). Barnabé estava tão integralmente consagrado ao seu Senhor que se alegrava por ver qualquer pessoa, até mesmo um gentio, aceitando a Cristo. Em vez de criticar o novo movimento, deu-lhe a sua aprovação e a sua bênção. Ele alegrou-se por ver a graça de Deus em operação naquela cidade tão necessitada. Pelo fato de Barnabé ser um judeu natural de Chipre (At 4.36), fazia com que se harmonizasse perfeitamente com os evangelizadores de Chipre e Cirene. Ele exortou os novos convertidos, cumprindo, assim, outro significado do seu nome: “filho da exortação”.

Barnabé, todavia, precisava de ajuda. A tarefa em Antioquia era excessivamente grande para ele. Essa metrópole cosmopolita de língua grega exigia os serviços tanto de um gigante intelectual quanto de um exortador cheio do Espírito Santo. Barnabé foi até Tarso, a uns 200 quilômetros a noroeste de Antioquia, para buscar Saulo, trazendo-o para Antioquia (At 11.25,26). Feliz aquele que percebe as suas limitações e que está disposto a trazer um ajudante à altura da situação. Durante todo um ano, Barnabé e Saulo permaneceram em Antioquia, ensinando os novos cristãos. Eles poderiam ter ido a outras cidades, mas viram a importância do discipulado.

A nova Igreja em Antioquia era constituída de judeus, que falavam grego e/ou aramaico, e gentios. Uma afirmação muito interessante aparece no fim do versículo 26: “[...] Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos”. Há uma controvérsia razoável sobre quando e quem lhes teria dado o nome “cristãos”, isto é, aqueles que seguem a Cristo. Provavelmente deve ter sido como uma forma de zombaria por gentios incrédulos. É pouco provável que os próprios crentes tivessem inventado esse nome, pois eles usavam

outros termos para referirem-se a si mesmos, como “discípulos” ou “santos” ou, ainda, “irmãos” (At 11.26). Eles chamavam a si mesmos de “seguidores do Caminho” (At 9.2).

Os judeus chamaram-nos de nazarenos e de seita (At 24.5,14); certamente, eles nunca iriam querer a sua palavra “Messias” (*christos*) associada com esse novo movimento. Os judeus incrédulos não acreditavam que Jesus fosse o Cristo. Portanto, é provável que o termo “cristão” tenha sido inventado pela cultura não cristã de Antioquia.

Considerando que não há unanimidade entre os diversos comentaristas bíblicos acerca da origem desse tratamento dado aos crentes em Antioquia, ao serem chamados pela primeira vez de cristãos, creio que é mais aceitável acreditar que os de fora (gentios não convertidos) identificam os crentes assim, porque eles confessam Cristo como Senhor. Eles são o povo do Messias. Referindo-se a eles como “cristãos”, os incrédulos distinguem a Igreja da comunidade judaica. Foram chamados de cristãos — aqueles que seguem a Cristo —, porque tudo o que tinham em comum era Cristo; não se identificavam pela naturalidade, pela cultura e nem pelo idioma. O amor de Cristo ultrapassa todas as fronteiras e une todas as pessoas.

A palavra “cristão” aparece no Novo Testamento três vezes (At 11.26; 26.28; 1 Pe 4.16), principalmente usada pelos não crentes para descrever os discípulos.

O centro da Igreja cristã passou de Jerusalém, o seu berço original, para Antioquia da Síria, o seu centro gentílico, tornando-se a segunda capital do cristianismo e sede de missões da igreja, pois a igreja cristã tornou-se cada vez mais uma instituição gentílica.

A tradição associa o apóstolo Pedro a essa cidade, considerando-o o primeiro dos seus bispos. Nomes ilustres posteriores associados a essa cidade foram os de Inácio e João Crisóstomo, ambos chamados bispos de Antioquia. Crisóstomo foi um grande escritor de comentários bíblicos e exerceu notável influência sobre o desenvolvimento doutrinário da igreja cristã.

3. Uma obra de leigos

Em Atos 11.19-26, temos um relato da plantação e irrigação de uma igreja em Antioquia, a principal cidade da Síria, como já vimos.

De acordo com Matthew Henry, na sua obra *Comentário Bíblico Novo Testamento – Volume VI* (CPAD), os primeiros pregadores do evangelho em Antioquia eram “os que foram dispersos” (v.19) de Jerusalém pela perseguição que surgiu cinco ou seis anos antes (segundo cômputos de alguns), por causa da morte de Estêvão. Eles caminharam até à Fenícia e outros lugares anunciando a palavra. Deus permitiu que eles fossem perseguidos para que fossem dispersos pelo mundo, semeados como semente para Deus a fim de darem muito fruto. Esse era o plano para que a lesão da Igreja contribuísse para o seu bem, assim como foi transformada em bênção a maldição de Jacó à tribo de Levi (Gn 49.7). O propósito do inimigo era espalhá-los para que desaparecessem, mas o propósito de Jesus era espalhá-los para que fossem usados. Assim, a cólera do homem redunda em louvor a Deus (Sl 76.10).

Eles não estavam fugindo do trabalho. Embora sob as atuais circunstâncias eles recusassem sofrimento, eles não recusavam serviço. Pelo contrário, eles envolveram-se numa área de maior amplitude que anteriormente. Aqueles que perseguiam os pregadores do evangelho queriam evitar que as Boas Novas fossem anunciadas no mundo gentio. Após terem sido bem-sucedidos na pregação do evangelho na Judeia, Samaria e Galileia, eles cruzaram as fronteiras de Canaã e viajaram até à Fenícia, ilha de Chipre e Síria (v. 20).

Esses pregadores dedicaram-se especificamente a pregar para os judeus helenistas, chamados gregos, que estavam em Antioquia (v. 20). A pregação deles foi acompanhada pelo poder divino: “A mão do Senhor era com eles” (v. 21), porque Ele confirmava a Palavra com os sinais que se seguiram (Mc 16.20). Por esses sinais, Deus testificava com eles: “Testificando também Deus com eles, por sinais, e milagres, e várias maravilhas, e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade?” (Hb 2.4).

Não foram os apóstolos ou obreiros, mas, sim, os leigos, os discípulos, os crentes em geral, que foram dispersos que anunciaram a Palavra, que fundaram a igreja em Antioquia (At 11.19). Ao anunciar Jesus, a mão do Senhor sobre eles fez com que se convertesse muita gente.

A notícia do avivamento em Antioquia chegou a Jerusalém levando os líderes da igreja de Jerusalém a enviar alguém para investigar.

Barnabé foi o escolhido para verificar de perto o que estava acontecendo. Ele foi uma escolha sábia por várias razões. Sendo natural de Chipre, ele teria conexão natural com os evangelizadores que tinham iniciado o movimento em Antioquia.

Ele viajou mais de 400 quilômetros, de Jerusalém até Antioquia.

Barnabé era homem de bem, cheio do Espírito Santo e de fé. O seu nome quer dizer “Filho da consolação” (At 4.36) e estava à altura dele, pois a Bíblia relata que ele alegrou-se em constatar a graça de Deus através da salvação de muita gente, exortando a todos que permanecessem no Senhor. O ministério do Evangelho estava prosperando — muita gente creu.

II - UMA IGREJA MISSIONÁRIA EM AÇÃO

1. “Havia alguns profetas e doutores” (At 13.1)

Na igreja que estava em Antioquia, havia alguns profetas e doutores, a saber: Barnabé, e Simeão, chamado Níger, e Lúcio, cireneu, e Manaém, que fora criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo. E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando, e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram. E assim estes, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre. E, chegados a Salamina, anunciavam a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus; e tinham também a João como cooperador. (At 13.1-5)

Lucas passa o foco da História da Igreja para o ministério aos gentios e a subsequente disseminação da igreja pelo mundo. Começando no capítulo 13, o Espírito Santo escolhe Paulo e Barnabé para serem missionários especiais. Paulo substitui Pedro como o personagem central do livro de Atos à medida que a igreja, guiada pelo Espírito Santo, continua a penetrar cada vez mais no mundo além de Jerusalém. A igreja em Antioquia da Síria tornou-se o centro de partida da missão de penetração no mundo (a última parte da comissão de Jesus em 1.8). O primeiro versículo certamente nos dá uma ideia da sua constituição verdadeiramente internacional e do amplo espectro de pessoas que estavam sendo atingidas pelo evangelho. (*Comentário do Novo Testamento Aplicação Pessoal*, vol. 1, CPAD, p. 679)

2. Uma liderança servidora (v. 2)

A liderança da igreja de Antioquia era constituída sem barreiras raciais ou espirituais. A igreja estava bem provida de bons ministros.

Até esse ponto, parece que Barnabé e Saulo tinham sido os principais professores na igreja de Antioquia (At 11.26). Essa lista mostra pelo menos outros três, considerados como profetas e doutores. Barnabé aparece em primeiro lugar na lista por ser provavelmente o líder do grupo. Simeão, chamado Níger devido à sua pele negra, provocou algumas especulações de que era o mesmo Simão Cireneu que carregou a cruz de Cristo (Mc 15.21), mas não se pode garantir essa informação. O próximo nome da lista é um homem cireneu (de Cirene) chamado Lúcio. Cirene ficava no norte da África. Lúcio provavelmente era um dos homens de Chipre e Cirene que pregaram pela primeira vez o evangelho aos gentios de Antioquia (At 11.20,21). O quarto era Manaém, irmão de criação ou de leite de Herodes, o Tetrarca (Herodes Antípaso), que matou João Batista e Saulo — antes perseguidor da Igreja. Saulo era um rabino judeu altamente instruído e cidadão romano. O seu nome conclui a lista desse grupo tão variado. As diferenças sociais, geográficas e raciais desses indivíduos mostram que o Espírito de Deus trabalhara rapidamente e sobre uma ampla região geográfica. O evangelho não tinha apenas chegado a essas regiões, como também o Espírito de Deus usava a Antioquia cosmopolita para reunir uma equipe diversificada para a próxima “fase” da expansão do Reino. (*Comentário do Novo Testamento Aplicação Pessoal*, vol. 1, CPAD, p. 680)

Deus colocou na nova igreja gentílica profetas e doutores (1 Co 12.28; Ef 4.11). Os profetas eram pessoas que exerciam o dom de transmitir a palavra vinda de Deus, sob inspiração do Espírito Santo. Os doutores não eram homens orgulhosos e cheios de sabedoria humana, mas, sim, mestres cheios do Espírito Santo que ensinavam a Palavra de Deus.

“E, servindo eles ao Senhor” (v. 2). Os discípulos em Antioquia oravam, suplicavam, cantavam, louvavam e adoravam ao Senhor, dedicando-se a Ele em um período especial de oração e jejum, em gratidão pelo que Deus fizera entre os gentios daquela cidade, mas também em favor das multidões não evangelizadas da Ásia Menor e da Europa.

“e jejuando” (v. 2). Os profetas e doutores daquela igreja, apesar de serem os seus líderes, não desprezaram o jejum bíblico! Que o Senhor, nosso Deus, desperte a liderança da igreja atual a fazer o mesmo e convocar os seus membros para jejuarem (Jz 20.26; Jl 1.14; 2.15,16; Jn 3.5; At 13.2).

Jejuar significa abster-se de alimentos durante um período específico com a finalidade de concentrar-se no Senhor. As pessoas que jejuam podem aproveitar o tempo de preparação da comida e o da refeição para adorar e orar. Além disso, a dor da fome irá lembrá-los da sua completa dependência de Deus (2 Cr 20.3; Ed 8.23; Et 4.16; Mt 6.16-18). (*Comentário do Novo Testamento Aplicação Pessoal*, vol. 1, CPAD, p. 680)

“disse o Espírito” (v. 2). De que maneira Ele falou não sabemos. Pode ter sido por uma voz que encheu o local, ou então por um crente usado pelo Espírito Santo, ou ainda por meio de uma profecia, ou até mesmo por meio de uma mensagem em línguas com interpretação (1 Co 14.5), ou provavelmente por meio de uma voz que falou na alma dos presentes. A igreja sabia certamente discernir se foi o Espírito Santo que falou ou não (1 Co 12.10).

3. “Apartai-me a Barnabé e a Saulo” (v. 2)

Deus designou os dois melhores homens da Igreja de Antioquia para que desempenhassem a nobre tarefa de missão transcultural.

“para a obra a que os tenho chamado” (v. 2). Essa mensagem provavelmente foi a confirmação de uma vocação a uma obra a qual o Espírito Santo já os tinha chamado, pois Antioquia tinha sido uma escola missionária para eles (At 11.22-26). Quando o crente é chamado pelo Espírito, o mesmo Espírito revela-o à igreja.

“Então, jejuando, e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram” (v. 3). Quando a vontade de Deus foi revelada, eles novamente jejuaram e oraram. A imposição de mãos era um ato simbólico que indicava o reconhecimento público do chamado e da capacidade, além da associação de uma congregação particular com um ministério.

III - O SERVIÇO DE MISSÕES

1. O início das missões cristãs

“Tendo sido escolhido por Deus para a obra que veio a ser chamada ‘primeira viagem missionária’, Paulo e o seu grupo zarparam. O objetivo desse impulso evangelizador era a população gentílica da Ásia menor” (*Comentário do Novo Testamento Aplicação Pessoal*, vol. 1, CPAD, p. 680).

A narrativa de Lucas do que se chama a primeira viagem missionária de Paulo começa em Antioquia, com a escolha de Barnabé e Saulo pelo Espírito Santo, para uma obra especial.

João Marcos, autor do Evangelho que leva o seu nome, permaneceu em Jerusalém até ser levado para Antioquia por Barnabé (o seu primo) e Paulo, que regressavam de uma missão de socorro a Jerusalém (At 12.25). Quando partiram para Chipre na sua primeira viagem missionária, levaram João Marcos na sua companhia (At 13.5). Porém, ao chegarem a Perge, no tabuleiro da Ásia Menor, Marcos deixou os dois e regressou para Jerusalém (At 13.5).

Com relação à menção de João como cooperador de Saulo e Barnabé no versículo 5, esse caso refere-se a João Marcos, conforme o texto de Atos 12.25: “E Barnabé e Saulo, havendo terminado aquele serviço, voltaram de Jerusalém, levando também consigo a João, que tinha por sobrenome Marcos”.

A natureza do trabalho de Marcos não é detalhada, embora a palavra usada como “cooperador” é *hyperetes*, que significa literalmente “sub-remador”. Esse termo indica um servo que está subordinado a uma autoridade. João Marcos não era o pregador do grupo, mas o que ajudava os dois grandes missionários mais velhos.

2. Roteiro da viagem e atividades missionárias

O objetivo desse impulso evangelizador era a população gentílica da Ásia menor. Eles seguiram as rotas de ligação do Império Romano, tornando a viagem mais fácil.

Nos capítulos 13 e 14 de Atos, encontramos diversas localidades onde a atividade deles foi desenvolvida: Missões em Chipre, a terra natal de Barnabé. Salamina era a principal cidade de Chipre. Ela

estava localizada na costa leste da ilha e era a sede do governo. Paulo começou o seu testemunho nas sinagogas dos judeus (Rm 1.16). As credenciais de Saulo como um fariseu altamente instruído — um antigo aluno de Gamaliel (At 22.3) — teriam sido mais do que suficiente para que o convidassem a falar, pelo menos até que a sua fama de trazer uma mensagem tão radical começasse a ser divulgada de forma tão maciça: missões em Antioquia da Pisídia (At 13.14-52); missões em Icônio (At 14.1-7); missões em Listra (At 14.8-20a); missões em Derbe (At 14.20b-21b); missões em lugares antigos e novos (At 14.21b-28); regresso à Antioquia da Síria (At 14.27).

- a)** Essa viagem missionária foi caracterizada por uma variedade de estratégias na evangelização.
- b)** Eles visitavam cidades e países onde não se podia pregar o evangelho.
- c)** Começaram a sua missão primeiramente com os judeus nas sinagogas e com os gentios que haviam sido atraídos pelo Deus de Israel.
- d)** Logo a mensagem do evangelho foi pregada em toda a cidade, e a aceitação era maior por parte dos gentios do que por parte dos judeus.
- e)** No entanto, o êxito inicial da evangelização levava à perseguição e à oposição.
- f)** Depois de estabelecer um novo grupo de crentes, geralmente passando semanas ou meses com eles, a equipe missionária seguia a sua viagem.
- g)** Depois a equipe missionária voltava. Aqueles que cresciam espiritualmente e haviam sido batizados com o Espírito Santo eram reconhecidos e ordenados como líderes locais pelos apóstolos.
- h)** A equipe missionária, em especial o apóstolo Paulo, seguia em contato com as novas igrejas. Ele enviava cartas de instrução e encorajamento e muitas vezes enviava representantes como Timóteo e Tito para orientar a nova igreja por certo tempo.
- i)** Toda igreja devia depender da orientação do Espírito Santo. À medida que a congregação independente amadurecia, aquele grupo de crentes chegava às cidades vizinhas para

falar de Jesus Cristo à sua própria “Jerusalém e Judeia” local (At 1.8).

A primeira viagem missionária de Paulo durou cerca de dois anos (46–48 d.C.) e foi a mais curta tanto no tempo quanto na distância, mas foi, no entanto, um avanço muito significativo na história da nova igreja cristã. Paulo estabeleceu-se como líder na divulgação da Palavra de Deus. Ele passou a escrever uma grande parte do Novo Testamento que temos hoje.

Havendo cumprido essa tarefa missionária, os missionários voltaram a Antioquia da Síria cheios de alegria, ansiosos para contar o que Deus havia feito entre os gentios (At 14.24-28). Eles bem que poderiam dizer de sã consciência: “Missão cumprida”.

Ao voltarem para Antioquia, os missionários deram um relatório para a congregação que os tinha comissionado. Provavelmente ninguém tinha tido notícias de Paulo e Barnabé desde que a Igreja enviara-os durante um culto especial de oração e jejum.

No relatório, Paulo e Barnabé não se detêm nos sofrimentos e violências que enfrentaram, nem se vangloriaram da dedicação e força em face da perseguição.

O *Comentário Bíblico Pentecostal – Novo Testamento* (CPAD) resume de forma bastante clara e objetiva o relatório dos missionários, que enfatiza duas coisas:

- 1) “Quão grandes coisas Deus fizera por eles”. É expressiva que a ênfase caia no que Deus fez. O sucesso foi devido a Deus, porque Ele operou por eles. O Espírito Santo deu início, capacitou e sustentou-os na missão. Os apóstolos suportaram grande adversidade, mas o trabalho do Espírito por meio deles é a razão do sucesso.
- 2) Deus “abrirá aos gentios a porta da fé”. Uma porta de fé aberta significa que os gentios têm acesso às bênçãos do evangelho (cf. 1 Co 16.9; 2 Co 2.12; Cl 4.3). Quando Deus abre uma porta, ninguém fecha (cf. Ap 3.7). A fé em Jesus Cristo é a única porta para o Reino de Deus. O fato de Deus abrir a porta da fé sempre tem consequências de longo alcance. Uma duração de tempo considerável, provavelmente semanas, e não anos, passa entre o relatório de Paulo e Barnabé e a viagem deles ao Concílio de Jerusalém (At 14.28; 15.2).

3. Prestando contas

Ao fim de cada uma das viagens missionárias, Paulo e a sua equipe prestavam contas à igreja que os havia recomendado. O modelo de missionários “independentes”, que respondem “somente ao Senhor”, não é bíblico. Nem o apóstolo Paulo deixava de relatar o que estava fazendo à sua igreja de origem (14.27,28).

Observe que o Espírito Santo afirma que a igreja havia-os recomendado (At 14.26). Não é correto dizer que a igreja local não tem qualquer responsabilidade ou autoridade sobre a vida do missionário.

Em Atos capítulos 13 e 14, fica bem clara a presença do Espírito Santo confirmando e aprovando a obra de evangelização realizada por Barnabé e Paulo.

A despeito das fortes perseguições que sofreram no cumprimento da nobre tarefa missionária, Paulo e a equipe que estava com ele evidenciaram a manifestação do poder de Deus por meio da vida deles. Muitos gentios e judeus creram e aceitaram Jesus como Salvador, muitas igrejas foram fundadas, e curas divinas e libertação ocorreram.

Jesus instruiu-nos que teríamos aflições no mundo, mas também que deveríamos ter bom ânimo (Jo 16.33). No sermão do monte, Ele disse para exultarmo-nos e alegrarmo-nos quando formos injuriados e perseguidos (Mt 5.11-12). Às vezes, choramos, mas logo somos consolados e invadidos por uma alegria que vem diretamente do trono de Deus. “Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos” (Sl 126.5,6).

Teremos oposições, mas também muitos resultados extraordinários, pois a glória do Senhor manifesta-se por meio de nós para que o nome de Ele seja glorificado.

O grande legado deixado pela igreja de Antioquia missiologicamente é a de que Deus tinha, por meio deles, aberto as portas da fé aos gentios (At 14.27).

A história da evangelização de Antioquia ilustra “quando o evangelho tem sucesso”:

1. Quando é pregado a outros povos (At 11.19);
2. Quando é pregado a todas as classes e raças (At 11.20-21);
3. Quando é pregado por homens cheios do Espírito Santo (At 11.22-26).

A igreja cristã cumprirá a sua tarefa quando a atividade missionária fizer parte da sua vida normal. O cumprimento da atividade missionária só será bem-sucedido com a ação do Espírito Santo e nosso envolvimento.

A missão de Deus é grande, mas ela também tem o seu foco. Sabemos para onde a missão de Deus está voltada ao olhar para como ela terminará. Haverá “uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro [...]” (Ap 7.9). Altas vozes declararão: “[...] Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre” (Ap 11.15).

Os meios para participar do *Missio Dei* são de fato extremamente variados. É importante que aqueles que estão dentre de um ministério específico se vejam como membros de uma equipe, incluindo o de todos os outros ministérios. O poder das missões surge com a verdadeira unidade que nasce do respeito e do auxílio mútuos. Na maioria dos campos, os ministérios se confundem. Um professor da Escola Dominical, por exemplo, pode também estar envolvido em ministérios de crianças ou de evangelismo. Um trabalhador da área de saúde pode ter uma formação como professor de Escola Dominical. Quase todos os ministérios utilizam literatura e ferramentas de mídia. (John York, *Missões na Era do Espírito Santo*, CPAD)

A consequência da ação do Espírito Santo na igreja é o envolvimento e o sustento missionário. Estamos dispostos, como igreja, a cumprir nossa missão de evangelizar até os confins da terra? Como tem sido minha participação em missões? Oração? Contribuição? Disposição de ir?

Quando o Espírito Santo encontra pessoas despojadas e sedentas por almas, Ele poderosamente as capacita com talentos e dons espirituais para que se lancem de corpo, alma e espírito na mais sublime missão que existe: ganhar almas para o Reino de Deus.

O Espírito Santo é o guia e orientador da Igreja do Senhor na face da terra. Ele ainda hoje chama homens e mulheres para realizarem grandes obras para Deus. Ele conhece nosso nome e nosso endereço (At 9.10-11).

CAPÍTULO 13

O PROPÓSITO DE MISSÕES

INTRODUÇÃO

A Igreja de Cristo, em virtude da sua natureza e vocação, é a agência evangelizadora e missionária por excelência. Desde a sua fundação no Dia de Pentecostes, ela é conhecida até hoje e antes de tudo pelo seu amor às almas perdidas.

A Igreja do Senhor tem uma missão social e educativa para cumprir neste mundo, só que a sua missão principal sempre será a evangelização. Sabemos, então, que a ação missionária tem como objetivo fazer discípulos, sendo que a principal ferramenta para esse mister é o evangelho.

A Igreja de Cristo tem um nobre propósito a desempenhar neste mundo: proclamar a mensagem de salvação até que Jesus Cristo volte. Essa é a sublime missão da Igreja.

O propósito fundamental da Igreja é cumprir cabalmente a ordenança de Cristo, a saber, a Grande Comissão (Mt 28.19,20; Mc 16.15). A Igreja não pode ignorar as exigências da Grande Comissão, que consiste em levar a mensagem do evangelho a todas as pessoas, em todo tempo e em todo lugar (Mt 24.14). “A evangelização do mundo é o dever maior da igreja e o seu cumprimento é o dever de todos”. (Cebimi – Centro Brasileiro de Informação Missionária. *Avanço Missionário*, 1985, p. 14,15).

Nos tempos em que vivemos, a Igreja de Cristo, direta ou indiretamente, é pressionada a renunciar a sua missão primária. Entretanto, a vontade de Deus é que mantenhamos firmes a missão de proclamar

a Cristo, principalmente em lugares em que Ele não foi anunciado. Matthew Henry, no *Comentário Bíblico do Novo Testamento – Mateus a João* (CPAD), diz:

Mesmo em tempos de tentação, dificuldades e perseguição, o Evangelho do Reino será pregado e propagado, e irá abrir o seu caminho em meio à maior oposição. Embora os inimigos da igreja se acalorem, e o amor de muitos dos seus amigos esfrie, ainda assim o Evangelho será pregado. E mesmo então, quando muitos caírem pela espada e pelo fogo, e muitos agirem malvadamente, e forem corrompidos por adulações, aqueles que realmente conhecem ao seu Deus serão fortalecidos para realizar as maiores proezas, instruindo a muitos. (HENRY, 2010, p. 24).

DIFERENÇA ENTRE EVANGELIZAÇÃO E MISSÕES

A ação missionária tem como objetivo fazer discípulos, sendo que a principal ferramenta para esse mister é o evangelho.

Evangelização é o ato de proclamar as Boas Novas de Deus à humanidade (gr. *Euangelion*). A versão grega do Antigo Testamento traduz o termo hebraico *besorah* por *euangelion*. O termo é derivado da raiz *bisar*. No sentido profano, significa proclamar uma notícia de alegria (2 Sm 18.20,25,27; 2 Rs 7.9). Quando usado no contexto religioso, o termo significa “salvação vindoura”, “época da salvação”, que terá início no fim dos tempos. “O mensageiro das novas de alegria anuncia a vinda da salvação e ele mesmo traduz o seu início” (Is 52.7-10):

Quão suaves são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia o bem, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina! Eis a voz dos teus atalaias! Eles alçam a voz, juntamente exultam, porque olho a olho verão, quando o Senhor voltar a Sião. Clamai cantando, exultai juntamente, desertos de Jerusalém! Porque o Senhor consolou o seu povo, remiu a Jerusalém. O Senhor desnudou o seu santo braço perante os olhos de todas as nações; e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus.

Na obra *Manual de Missões* (CPAD), o pastor Oséas Macedo de Paula, para facilitar o seu estudo, segundo ele, apresenta uma diferença

básica entre evangelização e missões da seguinte forma: “a evangelização é a pregação do Evangelho dentro da cultura ou região onde vive o obreiro, ao passo que missões é a proclamação do Evangelho numa cultura ou país (grupo étnico) estranho ao obreiro cristão”. O autor faz questão de salientar que, para Cristo, a missão da Igreja é evangelizar tanto os nacionais quanto os estrangeiros, o que pode se chamar de evangelização de missões nacionais e as missões como missões transculturais (Tt 2.1; 2 Pe 3.9).

Diante dessa afirmativa, o autor define missões como sendo o envio de pessoas capacitadas por Deus e pela igreja a lugares que se acham fora do alcance da igreja local, com o objetivo de evangelizar e discipular, estabelecendo e formando igrejas que possam testemunhar nas suas comunidades, em outras culturas ou nações e até os confins da terra, para a glória do Senhor (At 1.8). Os confins da terra são os lugares mais longínquos em relação a Jerusalém, onde se originou o evangelho; as demais nações ao redor do mundo são os “confins da terra”. Justo González, na obra *História do Movimento Missionário*, diz:

A missão é a atividade de Deus no mundo. Deus, e não outro, é o maior protagonista das atividades missionárias. Ele age no mundo pela sua graça a fim de reconciliar o mundo consigo mesmo (2 Co 5.19). A igreja, como povo de Deus, surge dessa missão e participa dela. Ela é, na verdade, o resultado e a co-protagonista da missão de Deus. A igreja nasce, mentem-se e transforma-se pela ação de Deus no mundo. E dessa missão ela participa. (GONZÁLEZ, São Paulo, 2008)

I - O ALVO DA OBRA MISSIONÁRIA

1. O fundamento da realidade salvífica

Numa leitura atenta do livro do Apocalipse, é possível perceber o propósito de Deus de redimir a humanidade desde o livro de Gênesis. Por exemplo, no capítulo 5, há o relato de uma grande multidão de pessoas redimidas pelo sangue de Jesus: “E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir os seus selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação” (Ap 5.9).

Esse é o resultado produzido pela obra de Cristo no Calvário. Nesse sentido, anunciar essa realidade salvífica para todo ser humano é o alvo sublime de nossa missão.

Da leitura desse texto bíblico, depreende-se que todos os crentes que estiverem comprometidos com a causa missionária poderão dizer com alegria e toda convicção que essa é a sua visão, que esse é o seu alvo final!

2. Um propósito global

Em Mateus 28.18-20, a palavra “toda” traz a mesma conotação de alcance em que encontramos em Apocalipse 5. Isso reitera o princípio universal de nossa missão. Nesse caso, pregar o evangelho a todos os povos para resultar em conversão de milhões de pessoas de todas as etnias é o propósito glorioso de Deus para a sua Igreja.

Essa noção de universalidade, ou totalidade, relacionada ao alcance do evangelho, responsabiliza-nos como parte integrante desse poderoso e grandioso projeto de Deus: a obra missionária: “Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar; pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim se não anunciar o evangelho” (1 Co 9.16). Diante dessa assertiva, nosso dever básico é o de proclamar o evangelho a todos os povos.

Infelizmente, não podemos ignorar que sempre existiram pessoas que ingressaram na obra do Senhor por motivos equivocados. Não tem sido diferente na obra missionária. Por exemplo: “Porque Demas me desamparou, amando o presente século, e foi para Tessalônica [...]” (2 Tm 4.10a). Demas é mencionado com honra em Colossenses 4.14; mas nada mais se sabe dele, além de que era inicialmente um amigo e companheiro de trabalho do apóstolo Paulo, mas que, sob a influência de um desejo de viver, depois o abandonou, até em circunstâncias em que ele precisava muito da presença de um amigo.

Como exemplo de motivação equivocada em tornar-se um missionário, Greenway aponta alguns deles:

1. O desejo de ser admirado e louvado por outros;
2. A busca por “autorrealização”, sem levar em consideração o esvaziar-se a si mesmo (Fp 2.5-7);

3. A busca por aventura e excitação;
4. A ambição em expandir a glória e influência de uma igreja ou denominação em particular, ou mesmo de um país;
5. A fuga das situações desagradáveis do lar;
6. A esperança de sucesso profissional após um curto período do serviço missionário;
7. A culpa e o anseio pela paz com Deus por meio do serviço missionário.

O real propósito de missões baseia-se em quatro motivos que aprendemos na Palavra de Deus, os quais são aplicados no coração e mente dos crentes pela ação direta do Espírito Santo, como ensina Roger Greenway (obra citada).

O primeiro motivo diz respeito ao desejo de que Deus seja adorado e a sua glória conhecida entre todos os povos da terra. O segundo motivo refere-se ao desejo de obedecer a Ele por amor e gratidão, por meio do cumprimento da Comissão de Cristo: “Ide, ensinai todas as nações” (Mt 28.19). O terceiro motivo está relacionado ao desejo ardente de usar todos os meios legítimos para salvar os perdidos e ganhar não crentes para a fé em Cristo (1 Co 9.19-22). O quarto motivo, por sua vez, é a preocupação de que igrejas cresçam e multipliquem-se e de que o Reino de Deus seja estendido por meio de palavras e ações que proclamem a compaixão e a justiça de Cristo a um mundo de sofrimento e injustiça.

3. A tarefa de alcançar os perdidos é urgentíssima

Neste tempo em que a fé de muitos está arrefecendo, urge acurarmos nossa percepção sobre a necessidade que a Igreja tem em relação à urgência de alcançar os perdidos. Isso somente é possível se conhecermos o que a Palavra de Deus ensina sobre o destino eterno do homem sem Deus.

Infelizmente, há muitas pessoas que se dizem religiosas, inclusive no meio cristão, que não acreditam que um Deus tão amoroso e cheio de compaixão e misericórdia condenaria alguém ao Inferno, por rejeitarem a Cristo como o seu Salvador.

Melvin Lyle Hedges (1909–1988), missionário americano e missólogo pentecostal, diretor de campo dos missionários da Assembleia de

Deus na América Latina e Caribe, professor de missões no Seminário Teológico das Assembleias de Deus em Springfield, Missouri, no seu livro *A Igreja – sua Teologia e Missão*, página 89, diz o seguinte:

Se os pagãos não estão realmente perdidos e sem Cristo; se eles de alguma maneira conseguem chegar ao céu, sem aceitar a Cristo; se o pecado for considerado como elemento residual, resultante de instintos animais, tidos como ancestrais do homem, e não fruto da rebelião deste contra Deus; se o inferno ocorre nesta vida, ao invés de ser uma realidade após a morte; se pagãos já pertencem ao reino de Deus e seu culto pagão é um meio de Deus preparar o paganismo para o futuro reino de Deus, ao invés de ser idolatria e culto demoníaco sob julgamento divino; se algum dia, somente porque Deus é amor, o homem por acaso, se achar na glória, tenha ou não O recebido como seu Salvador, então, por que pressa na obra missionária? Todos esses conceitos extinguem o fervor evangélico da Igreja no cumprimento da sua missão. (HODGES, p. 89)

II - PREGAR O EVANGELHO: A RESPONSABILIDADE DE TODO CRISTÃO

1. Qual é a nossa disposição?

Você sabia que a vinda do Senhor Jesus tem a ver com a execução desta ordenança: “E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim” (Mt 24.14)? O fim virá somente depois que o “evangelho do Reino” for devidamente pregado em todo o mundo. O “evangelho do Reino” é o evangelho pregado no poder e na justiça do Espírito Santo e acompanhado dos sinais principais do evangelho. O dever de cada crente é ser fiel e alcançar “todo o mundo” até que o Senhor Jesus volte para levar a sua Igreja ao Céu (Jo 14.3; 1 Ts 4.13).

À luz dessa grande urgência evangélica, o que temos feito em prol do Reino de Deus (Ec 9.10; 2 Co 5.10; Ap 22.12)? Temos formado obreiros suficientes para cumprir a Grande Comissão? E os jovens crentes? Eles enxergam a grande urgência desse trabalho (Jo 4.35)? Estamos prontos a dar a vida por essa grande obra (At 20.24)? A principal preocupação de Paulo não era preservar a própria vida. O mais importante para ele

era cumprir o ministério para o qual Deus havia-o chamado. Seja qual fosse o fim em vista, mesmo em se tratando do sacrifício da sua vida, ele, com alegria, iria até o fim da sua carreira com esta confiança: “[...] Cristo será, tanto agora como sempre, engrandecido no meu corpo, seja pela vida, seja pela morte” (Fp 1.20).

Essas perguntas contribuem para atestarmos uma grande realidade, ou seja, se a igreja não atender ao apelo divino da Grande Comissão, se houver omissão por parte dos seus líderes, se os crentes não se dispuserem a ir ao campo e se o mundo não receber o evangelho nesta dispensação da graça, haverá um duro juízo contra os negligentes:

Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo que o Senhor, quando vier, achar servindo assim. Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens. Porém, se aquele mau servo disser consigo: O meu senhor tarde virá, e começar a espancar os seus conservos, e a comer, e a beber com os bêbados, virá o senhor daquele servo num dia em que o não espera e à hora em que ele não sabe, e separá-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes. (Mt 24.45-51)

Veja também o que nos ensina Jesus em Mateus 25.14-30 sobre a Parábola dos Dez Talentos. Já no *Comentário Bíblico Pentecostal – Novo Testamento*, (CPAD), encontramos a seguinte narrativa:

Jesus continua falando sobre a demora de sua Segunda vinda e a necessidade de fazer sua vontade. O paralelo de Lucas registra especificamente a razão de Jesus ter contado a parábola: “[As pessoas] cuidavam que logo se havia de manifestar o Reino de Deus” (Lc 19.11). Na versão de Lucas é um nobre que parte de viagem para tomar a posse de um reino (Lc 19.11-27). A inspiração para esta parábola pode ter surgido quando Arquelau, filho de Herodes, o Grande, foi para Roma receber o reino de Judá. A palavra grega *talanton*, usada somente por Mateus, é uma moeda de alto valor, dependendo do metal do qual é feito (em contraste com a palavra *mna* que Lucas usa, a qual tinha consideravelmente menor valor Lc 19.13). Em certo ponto um talento era igual a seis mil denários, sendo o valor de um denário o salário de um dia para os trabalhadores (veja Mt 18.23-28). (Em nosso idioma usamos a palavra *talento* para nos refe-

firmos à habilidade que a pessoa tenha, sentido esse proveniente desta parábola). Emprestar dinheiro para ganhar juros e enterrar tesouros de moedas eram práticas comuns nessa época.

Quando o nobre volta, cada servo trata de “Senhor” (*kyrie*). Para os leitores de Mateus conotava a divindade de Jesus. Embora todos o chamem de Senhor, nem todos são servos fiéis. Todo aquele que trabalha fielmente nos negócios do Reino é aprovado e convidado a “entra[r] no gozo do teu senhor” (Mt 25.21,223). O servo infiel afirma que sua inação é resultado de medo do senhor, que teria ficado bravo se o servo tivesse investido o dinheiro num empreendimento improdutivo. Em vez de arriscar a perder, ele enterra o tesouro como garantia (cf. Mt 13.44). Mas ele se condena com as próprias palavras. O Senhor o chama de “mau e negligente servo” (Mt 25.26). Fazer o trabalho do Reino obtém abundância na consumação do tempo do fim, ao mesmo tempo que a negligência (ou a preguiça) é recompensada com a danação eterna (veja comentários sobre Mt 24.51). Jesus ensinou que a *prática* da justiça e do perdão gracioso de Deus são indispensáveis para a salvação última.

2. “Pois me é imposta essa obrigação”

O apóstolo Paulo via a responsabilidade de pregar o evangelho como uma obrigação imposta a ele (1 Co 9.16). Ele não escolheu pregar o evangelho, mas deve fazê-lo conforme o chamado divino no momento da sua conversão a caminho de Damasco (At 9.6,15; 22.21). Por essa razão, ele tinha a consciência de não pretender nenhum mérito particular por pregar o evangelho. Ninguém merece crédito em fazer a sua obrigação.

“Ele havia sido um ‘vaso escolhido’ para levar o nome de Cristo ‘diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel’ (At 9.15) e havia sido separado pelo Espírito Santo para esse trabalho especial (At 13.2). Portanto seria impossível fazer outra coisa, a não ser pregar o evangelho, sem se rebelar diretamente contra Deus (Rm 1.14; Gl 1.15). Pregar era a própria vida de Paulo, e ele ‘não podia parar de fazê-lo, da mesma forma como não podia parar de respirar’. A palavra **imposta** significa ‘fortemente impulsionado’. Assim, pregar era uma ‘função que ele foi *forçado* a executar.’” (*Comentário Bíblico Beacon – Romanos e 1 e 2 Coríntios, volume 8, CPAD.*)

A expressão “ai de mim se não pregar o evangelho” tem dois sentidos claros: 1º) a obrigação; 2º) a punição. O apóstolo estava consciente de

que pregar o evangelho é uma obrigação que incide privilégio, pois é a partir do que Cristo fez por nós. Nesse sentido, é um ato de obediência a Deus. Essa obrigação também pesa sobre todas as pessoas que tiveram experiências do poder do evangelho na vida. Todos nós sabemos que nem todos os crentes foram chamados para o ministério, como foi com o apóstolo Paulo; entretanto, nenhum de nós está isento do dever de tornar conhecida a graça salvadora oferecida por Deus a todas as pessoas.

“... ai de mim se não pregar o evangelho...” A palavra aqui traduzida por “ai” é a palavra grega *ouai*, que expressa dor ou lamento quando usada como uma exclamação. A forma substantivada significa “calamidade”. O que Paulo queria dizer aqui, muito provavelmente, era:

1. Uma tristeza íntima, sentida por alguém infiel ante grande graça e comissão, num sentimento de autorreprovação.
2. Além disso, ele quis dar a entender que o Senhor também desaprova essa atitude, resultando em grande tristeza para o apóstolo.
3. Mas não há que duvidar que ele também indica que lhe sobreviria algum severo julgamento se ele tivesse desobedecido a essa comissão. Essa desobediência provavelmente teria incluído a recusa de vir a Cristo, em primeiro lugar, prosseguindo ele na sua carreira de assolador e destruidor da Igreja de Cristo. E se, porventura, ele tivesse recusado a vir a Cristo e a aceitar a sua comissão para o serviço cristão, receberia severo julgamento em 2 Co 5.10”. (*O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*”, Candeia, volume 4, p. 139)

Ora, pregar o evangelho não é uma opção para o cristão, mas uma imposição divina.

CONCLUSÃO

Há um propósito divino quanto a proclamar a mensagem de salvação ao pecador. Não podemos, então, desviar um milímetro desse santo propósito. De fato, evangelizar não é uma opção. Pelo contrário, é uma imposição divina como resultado do que o Senhor Jesus fez em nossas vidas por intermédio do Espírito Santo. O propósito de Deus é, portanto, anunciar o evangelho todo, para todo pecador, por toda a igreja, em todo o mundo. Esse é o mais nobre e sublime propósito da Igreja de Cristo!

CAPÍTULO 14

MISSÕES E A VOLTA DO SENHOR JESUS

I - ALCANÇANDO O MUNDO ATÉ QUE CRISTO VOLTE

A volta de Cristo tem sido a tônica de nossos dias. Nenhuma notícia soa tão suave aos nossos ouvidos e toca tão fundo nossos sentimentos como esta: “Eis que venho sem demora” (Ap 22.7, ARA); “E eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo para dar a cada um segundo a sua obra” (Ap 22.12); “Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente, cedo venho. Amém! Ora, vem, Senhor Jesus!” (Ap 22.20).

Algo glorioso da parte de Deus está para acontecer: Jesus Cristo está voltando para buscar a sua noiva! Mas a Palavra de Deus afirma que a sua vinda será precedida por um grande derramamento do Espírito Santo. Não sabemos o dia e a hora em que nos encontraremos face a face com o Senhor; por isso, precisamos estar atentos. Jesus afirma claramente que a sua vinda para buscar os salvos antes da Grande Tribulação será uma ocasião inesperada.

Ele não somente declara que eles não sabem a hora da sua volta (Mt 24.42), como também afirmou que nem Ele mesmo sabia da data do fim (Mc 13.32). Jesus fez essa afirmação para afirmar a sua humanidade. Quando Ele tornou-se homem, voluntariamente desistiu do uso ilimitado dos seus atributos divinos — no caso em questão, a onisciência. A ênfase desse versículo não recai sobre a falta de conhecimento de Jesus, mas sobre o fato de que ninguém recebeu tal informação. Esse é um segredo do Pai, a ser revelado quando for

a sua vontade. Não é possível predizer pelas Escrituras ou pela ciência o dia exato da volta de Jesus. Ele deixou um ensino à humanidade para preparar-se e, para isso, não é necessário calcular a data.

Mas, daquele Dia e hora, ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai. Olhai, vigiai e orai, porque não sabeis quando chegará o tempo. É como se um homem, partindo para fora da terra, deixasse a sua casa, e desse autoridade aos seus servos, e a cada um, a sua obra, e mandasse ao porteiro que vigiasse. Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã, para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo. E as coisas que vos digo digo-as a todos: Vigiai. (Mc 13.32-37)

1. “E este evangelho do Reino será pregado”

O capítulo 13 de Marcos é denominado “Pequeno Apocalipse” e é ampliado em Mateus 24, Lucas 21 e no livro de Apocalipse. O propósito desse capítulo não é especulativo, mas prático. Não tem a finalidade de permitir-nos prever o futuro, mas, sim, de levar-nos a interpretar o presente, não para satisfazermos a curiosidade, mas para libertar-nos da perplexidade.

Dentre as muitas promessas feitas por Jesus, destaca-se a do arrebatamento de Igreja: “E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também” (Jo 14.3).

A volta de Jesus será um evento de duas etapas distintas:

Na primeira fase, Jesus virá secretamente arrebatar a Igreja; não pisará na terra, vindo até às nuvens. Somente os salvos irão vê-lo (1 Co 15.51,52; 1 Ts 4.13-17).

O “rapto” da Igreja, do latim *rapere*, que significa “transportar de um lugar para outro”, equivale ao grego *arpazo*, usado em João 10.28,29 e Atos 10.28,29; 8.39; consiste dos santos ressuscitados e dos vivos transformados, todos trasladados para o Céu por Jesus.

Na segunda fase, Jesus voltará com a sua Igreja glorificada, rodeado de glória e poder, descendo sobre o monte das Oliveiras. Virá publicamente, pois todo o mundo irá vê-lo (Ap 19).

De acordo com René Pache (1904–1979) (*The Return of Jesus Christ*), existem 1.527 referências à segunda vinda de Cristo no Antigo Testamento e 319 no Novo Testamento, num total de 1.846. Um em cada

25 versículos do Novo Testamento. O apóstolo Paulo refere-se ao assunto cerca de 50 vezes. A segunda vinda de Cristo é mencionada oito vezes mais que a primeira.

2. A urgência da tarefa

A urgência da pregação do evangelho está imposta à Igreja e aos seus membros, que precisam dar frutos com os talentos que lhes foram concedidos antes da volta do Senhor Jesus Cristo (Mt 25.19-30); da colheita que precisa ser realizada, antes que termine o tempo certo da ceifa (Jo 4.35); dos obreiros que precisam concluir a obra, mesmo sendo poucos (Mt 9.37); e da noiva, que tem que se ataviar e estar pronta para as bodas com o noivo (Ap 19.6-9).

A Grande Comissão deve ser cumprida antes do arrebatamento da Igreja!

A obra redentora de Jesus Cristo na cruz do Calvário concede à igreja uma grande esperança: a do arrebatamento. Entre a mensagem da Bíblia Sagrada e a consumação de nossa esperança, está a chave da salvação do mundo: missões!

Com uma leitura acurada e sem preconceitos no livro de Apocalipse, não é difícil entender que se complementa nele todo o propósito de Deus, iniciado no livro de Gênesis, para redimir a humanidade.

O livro de Apocalipse relata sobre a visão que João teve de uma grande multidão de pessoas redimidas pelo sangue de Cristo que algum dia estará reunida diante do trono de nosso Senhor Jesus Cristo.

O ponto principal em que se fundamenta a obra de Missões no Apocalipse encontra-se no capítulo 5.9-14, onde aparece claramente a expressão: “[...] homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação” (v. 9).

Em Mateus 28.18-20, onde também aparece a palavra “toda”, implica dizer que o Apocalipse reitera o princípio da universalidade do evangelho, que deve ser pregado a todos os povos e resultar na conversão de milhões de pessoas oriundas de todas as raças. Essa ideia de universalidade, globalidade ou totalidade relacionada ao alcance do evangelho responsabiliza-nos como parte integrante do grandioso projeto de Deus, a saber, a obra missionária! (1 Co 9.16).

Diante dessa assertiva, impõe-se à Igreja, como dever básico e a partir da sua base local, a obrigação de proclamar o evangelho a todos os povos.

O texto de Apocalipse 5.13 estabelece outra base em que se assenta a obra missionária: o trabalho de cada um não será em vão.

2.1 Recompensas

“Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor” (1 Co 15.58).

“Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal” (2 Co 5.10).

O Tribunal de Cristo é um evento que acontecerá após o Arrebatamento da Igreja.

O termo “Tribunal” (palavra grega *bema*, ou *bematos*) refere-se a uma plataforma elevada de julgamento e recompensa. Esse termo é usado dez vezes no Novo Testamento. Esse julgamento é exclusivo para os salvos, para o recebimento de galardão e recompensas (1 Co 3.11-15). Não se trata de julgar se as pessoas estão salvas ou perdidas, uma vez que a questão da salvação já foi resolvida em vida.

As obras do crente feitas por motivos indignos são comparadas a feno, palha e madeira, substâncias de fácil combustão. As obras realizadas no amor de Deus e pelo amor às almas são como o ouro, prata e pedras preciosas, que resistem à prova de fogo. A Bíblia Sagrada menciona as coroas que estão reservadas para o povo de Deus:

1. Coroa da Vida (Tg 1.12; Ap 2.10)

É a coroa especial do mártir ou aquele que estiver tão consagrado ao Senhor que alegremente daria a sua vida na causa de Cristo.

A palavra “testemunha” em Atos 1.8, no original grego, é *mártir*, fato que ensina que a verdadeira testemunha de Jesus é quem está pronto a ser morto pelo nome de Cristo.

2. Coroa de Glória (1 Pe 5.2-4)

Essa coroa está reservada para os servos fiéis que trabalharam não por amor ao lucro, nem para exercer domínio, mas trabalharam de boa vontade, “pelo amor a Deus e às almas” (1 Ts 2.19,20; Dn 12.3; Pv 11.30). As próprias almas que ganhamos para Cristo são como “coroa” (Fp 4.1).

3. Coroa da Justiça (2 Tm 4.8)

Essa coroa está reservada aos que amam a vinda de Cristo.

4. Coroa Incorruptível (1 Co 9.25-27)

Essa coroa está reservada aos que venceram a carne, não vivendo segundo as cobiças da carne, mas, sim, vivendo no Espírito (Gl 6.8).

2.2 Alcançando o mundo até a volta de Jesus

Em meio a tantas transformações, a Igreja encontra-se diante de um grande desafio: como alcançar o mundo com a mensagem do evangelho, antes da volta de Cristo?

“E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim” (Mt 24.14).

Pacto de Lausane

O Pacto de Lausane foi um grande congresso mundial de evangélicos que ocorreu em 1974 em Lausanne, Suíça, com presença de mais de 150 nações.

INTRODUÇÃO

“Nós, membros da Igreja de Jesus Cristo, procedentes de mais de 150 nações, participantes do Congresso Internacional de Evangelização Mundial, em Lausanne, louvamos a Deus por sua grande salvação, e regozijamo-nos com a comunhão que, por graça dele mesmo, podemos ter com ele e uns com os outros. Estamos profundamente tocados pelo que Deus vem fazendo em nossos dias, movidos ao arrependimento por nossos fracassos e desafiados pela tarefa inacabada da evangelização. Acreditamos que o evangelho são as boas novas de Deus para todo o mundo, e por sua graça, decidimo-nos a obedecer ao mandamento de Cristo de proclamá-lo a toda a humanidade e fazer discípulos de todas as nações. Desejamos, portanto, reafirmar a nossa fé e a nossa resolução, e tornar público o nosso pacto”.

9. URGÊNCIA DA TAREFA EVANGELÍSTICA

“Mais de dois bilhões e setecentos milhões de pessoas, ou seja, mais de dois terços da humanidade, ainda estão por serem evangelizadas. Causa-nos vergonha ver tanta gente esquecida; continua sendo uma reprimenda para nós e para toda a igreja. Existe agora, entretanto, em muitas partes do mundo, uma receptividade sem precedentes ao Senhor Jesus Cristo. Estamos convencidos de que esta é a ocasião para que as igrejas e as instituições para-eclesiásticas orem com seriedade pela salvação dos não-alcançados e se lancem em novos esforços para realizarem a evangelização mundial. A redução de missionários estrangeiros e de dinheiro num país evangelizado algumas vezes talvez seja necessária para facilitar o crescimento da igreja nacional em autonomia, e para liberar recursos para áreas ainda não evangelizadas. Deve haver um fluxo cada vez mais livre de missionários entre os seis continentes num espírito de abnegação e prontidão em servir. O alvo deve ser o de conseguir por todos os meios possíveis e no menor espaço de tempo, que toda pessoa tenha a oportunidade de ouvir, de compreender e de receber as boas novas. Não podemos esperar atingir esse alvo sem sacrifício. Todos nós estamos chocados com a pobreza de milhões de pessoas, e conturbados pelas injustiças que a provocam. Aqueles dentre nós que vivem em meio à opulência aceitam como obrigação sua desenvolver um estilo de vida simples a fim de contribuir mais generosamente tanto para aliviar os necessitados como para a evangelização deles.

(João 9:4; Mateus 9:35-38; Romanos 9:1-3; 1 Coríntios 9:19-23; Marcos 16:15; Isaias 58:6,7; Tiago 1:27; 2:1-9; Mateus 25:31-46; Atos 2:44,45; 4:34,35)“.

Hodiernamente, estamos vivendo o grande avanço da ciência e na tecnologia, neste tempo denominado Pós-Modernidade, o que possibilita a Igreja a capacidade de alcançar a raça humana inteira com o Evangelho de Cristo.

O alerta gravado pelo apóstolo João, aplica-se à Igreja de hoje (Ap 1.1-3): “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou e as notificou a João, seu servo, o qual testificou da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que

tem visto. Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo” (Ap 1.1-3).

Senhor Jesus Cristo ainda continua chamando a sua Igreja. Esse alerta final precisa ser proclamado até a volta de Jesus. Nesta última hora da Igreja neste mundo, uma nova geração de voluntários precisa responder ao chamado universal (Mt 28.19-20) para que mais almas salvas estejam preparadas para ouvir a voz de Cristo quando o mesmo Senhor descerá do Céu com alarido, com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus (1 Ts 4.16,17).

2.3 Pregar o evangelho, responsabilidade de todo cristão

A *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, aprovada pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, organizada pela Comissão de Teólogos e presidida pelo pastor Esequias Soares da Silva, trata sobre a Igreja no capítulo XI. Transcrevemos uma parte do tópico 6, que fala sobre a Missão da Igreja:

Entendemos que a função primordial da Igreja é glorificar a Deus: “quer comais, quer bebais ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10.31). Isso é feito por meio da adoração, da evangelização, da edificação de seus membros e do trabalho social. A Igreja foi eleita para a adoração e louvor da glória de Deus, recebendo, também, a missão de proclamar o evangelho da salvação ao mundo todo, anunciando que Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e que em breve voltará. O evangelho é proclamado a homens e mulheres, sem fazer distinção de raça, língua ou classe social, pois, “o campo é o mundo” (Mt 13.38). Jesus disse: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28.19 – ARA), “e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8). Portanto, entendemos que é responsabilidade da Igreja a obra missionária. (SOARES, 2017, p. 122, 123)

Estamos levando o evangelho do Reino a todo o mundo? (Mc 16.15,16). A urgência da pregação do evangelho em todo o mundo reside no fato de que o Senhor não retornará até que esse objetivo seja cumprido (Mt 24.14). À luz da grande urgência da pregação

do evangelho, o que você tem feito em prol do Reino de Deus? (Ec 9.10; 2 Co 5.10; Ap 22.12). Há obreiros suficientes do evangelho em nosso meio para cumprir a Grande Comissão? Por que sempre há tão poucos?:

E, depois disso, designou o Senhor ainda outros setenta e mandou-os adiante da sua face, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir. E dizia-lhes: Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara. (Lc 10.1,2)

Jesus admoesta a todos os crentes a estarem sempre conscientes de que os perdidos têm uma alma eterna, de valor incalculável, e que terão de passar a eternidade no Céu ou no Inferno e que muitos poderão ser salvos se alguém tão somente lhes anunciar o evangelho.

Será que os jovens crentes enxergam a grande urgência desse trabalho? (Jo 4.35). Estamos prontos a dar a vida por esta tão grande obra? (At 20.24).

Se a igreja não atender ao apelo divino da Grande Comissão, se houver omissão por parte dos líderes das igrejas, se ninguém se dispuser a ir como missionário, se o mundo não receber o evangelho nesta dispensação da graça, o Senhor Jesus Cristo voltará, levará os que fizeram a sua vontade, mas deixará os negligentes e desobedientes à sua ordem (Mt 24.45-51; 25.14-30).

Em 1 Coríntios 9.16, o apóstolo Paulo está ciente dessa responsabilidade ao dizer: “Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim se não anunciar o evangelho!”.

Paulo foi comissionado dessa maneira no momento da sua conversão (At 9.6,15; 22.21). Se não pregar, sofrerá grandes aflições. Não explica a natureza da aflição, mas é suficiente perceber que o fracasso em pregar o evangelho seria calamitoso para ele. O apóstolo afirma no versículo 17 que, se ele prega o evangelho porque quer, ele tem a sua recompensa. Se ele prega porque tem de pregar, ele simplesmente cumpre o seu papel de despenseiro do evangelho (1 Co 4.1).

A expressão “ai de mim se não pregar o evangelho” tem dois sentidos claros: a obrigação e a punição. Quando Paulo escreve “ai de

mim se não pregar”, o sentido primeiro é o da obrigação em pregar. Escreve ele: “pois sobre mim pesa essa obrigação”. Pregar o evangelho é, antes de tudo, um ato de obediência a Deus.

Oremos fervorosamente pela obra missionária a fim de arrebatarmos almas para Cristo antes da sua volta! (Jd 22,23).

Como responder positivamente diante dos desafios que se colocam diante de nossa responsabilidade de pregar o evangelho até o arrebatamento da Igreja? O segredo encontra-se em Zacarias 4:6: “E respondeu e me falou, dizendo: Esta é a palavra do SENHOR a Zorobabel, dizendo: Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos”.

Embora essa mensagem tenha sido entregue a Zorobabel, é aplicável a todos os crentes. Zorobabel, governador de Judá, foi quem reconstruiu o Templo de Jerusalém quando os israelitas voltaram do exílio. A construção enfrentou várias dificuldades, mas Zorobabel não desistiu. Deus enviou os profetas Zacarias e Ageu, no tempo do rei Dario, para encorajá-lo. Ageu repreendeu os israelitas por terem esquecido a obra do Templo e animou-os a voltar ao trabalho (Ag 1.2-4). Zacarias encorajou Zorobabel, profetizando que ele veria o Templo reconstruído (Zc 4.9-10).

Por causa dos profetas, Zorobabel decidiu continuar o trabalho e conseguiu completar a construção do Templo. Nem o poderio militar, nem o político, nem as forças humanas poderão efetivar a obra de Deus. Só conseguiremos fazer a sua obra se formos capacitados pelo Espírito Santo (Jz 6.34; Is 31.3). Jesus iniciou o seu ministério no poder do Espírito (Lc 4.1,18), e a igreja foi revestida pelo poder do Espírito Santo no dia de Pentecostes para cumprir a Grande Comissão (At 1.8; 2.4). Deus espera que sejamos cheios do Espírito Santo, movidos pelo Espírito Santo e na força do Espírito Santo.

Fomos levantados por Deus para servirmos nossa geração. Que o Senhor unja cada um de nós com o seu Espírito.

O poder que recebemos do Espírito Santo tem como finalidade capacitar-nos para sermos testemunhas em todo o mundo. “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8). A palavra poder é *dinamós*, de onde vem a palavra “dinamite”. Não cremos que Deus iria

conceder à sua Igreja um poder tão grande se fosse apenas para essa Igreja ficar nos templos orando, cantando, ouvindo sermões, etc. O poder do Espírito Santo foi outorgado à Igreja com uma finalidade bem específica: “Ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra”.

II - A VOLTA DE JESUS ATRELADA À OBRA MISSIONÁRIA

1. A relação da volta de Jesus e Missões

A volta de Jesus Cristo, sem sombra de dúvida, está ligada à obra missionária. O fim virá somente depois que todas as nações ouvirem o evangelho da verdade, isto é, quando a Igreja houver completado a sua missão evangelizadora de âmbito mundial.

Muitos intérpretes da Bíblia creem que o “fim” nesse versículo refere-se à ocasião em que “os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro”, e os fiéis da igreja de Cristo serão “arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar com o Senhor nos ares” (1 Ts 4.16,17).

Jesus fala aos discípulos como se o que Ele estivesse predizendo fosse ocorrer naquela mesma geração. Essa, portanto, era a expectativa da Igreja do Novo Testamento e deve ser também a esperança de todos os que creem em Jesus Cristo em todos os tempos. Devemos esperar que o Senhor volte em nossa geração (1 Co 15.51). O crente deve ter em mente, em todo o tempo, iminência da vinda de Cristo e, ao mesmo tempo, difundir o evangelho.

Os cristãos deverão estar sempre trabalhando pela salvação eterna das almas de homens e mulheres, com toda a paixão e capacidade de persuasão de que disponham. Devemos também trabalhar intensamente em prol da salvação da sociedade, livrando-a do holocausto em massa, ainda que isso nos pareça uma causa sem esperança. Vejamos o que nos diz o Senhor Jesus:

[...] Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me; porque aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á. Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma? (Mt 16.24-26)

Como nosso Pai no Céu não quer que ninguém pereça (2 Pe 3.9), todos os cristãos devem estar ansiosos para atender a esse chamado e ter uma paixão por ganhar almas: “O fruto do justo é árvore de vida, e o que ganha almas sábio é” (Pv 11.30).

A expressão “árvore de vida” significa que o homem justo não somente escolhe o caminho da vida, como também exerce uma influência geradora de vida sobre outros. “O que ganha almas” é literalmente “um que toma ou adquire almas”. O significado é o de “capturar” outros com ideias ou influência. Jesus disse aos discípulos para que fossem pescadores de homens (Lc 5.10).

O evangelho do Reino é o evangelho pregado no poder e na justiça do Espírito Santo e acompanhado dos sinais principais do evangelho. Somente Deus saberá quando isso será realizado segundo o seu propósito. O dever do crente é ser fiel e alcançar “todo o mundo” até que o Senhor volte para levar a sua igreja ao Céu (Mt 28.19,20; Jo 14.3; 1 Ts 4.13).

É oportuna e bastante apropriada a transcrição do comentário da *Bíblia de Estudo Pentecostal* (CPAD) de Mateus 28.19, a seguir:

IDE... ENSINAL...BATIZANDO. [...] A igreja deve ir a todo mundo e pregar o evangelho a todos, de conformidade com a revelação do Novo Testamento, da parte de Cristo e dos apóstolos (Ef 2.20). Esta tarefa inclui a responsabilidade primordial de enviar missionários a todas as nações (At 13.1-4).

O evangelho pregado centraliza-se no arrependimento e na remissão (perdão) dos pecados (Lc 24.47), na promessa do recebimento do “dom do Espírito Santo” (At 2.38), e na exortação de separar-nos desta geração perversa (At 2.40), ao mesmo tempo em que esperamos a volta de Jesus, do céu (At 3.19,20); 1 Ts 1.10.

O propósito da Grande Comissão é fazer discípulos que observarão os mandamentos de Cristo. Este é o único imperativo direto do texto original deste versículo. A intenção de Cristo não é que o evangelismo e o testemunho missionário resultem apenas em decisões de conversão. As energias espirituais não devem ser concentradas meramente em aumentar o número de membros da igreja, mas, sim, em fazer discípulos que se separam do mundo, que observam os mandamentos de Cristo e que o seguem de todo o coração, mente e vontade (Jo 8.31).

Note-se, ainda, que Cristo nos ordena a concentrar nossos esforços para alcançar os perdidos e não em cristianizar a sociedade ou assumir o controle do mundo. Aquele que creem em Cristo devem abandonar o presente sistema mundano e separar-se da sua imoralidade (Rm 13.12; 2 Co 6.14), e ao mesmo tempo expor a sua malignidade (Ef 5.11).

Os que creem em Cristo e no evangelho devem ser “batizados” em água. Este ato representa o compromisso que assumiram, de renúncia à imoralidade, ao mundo e à sua própria natureza pecaminosa e de se consagrar sem reservas a Cristo e aos propósitos do seu reino (At 22.16).

Cristo estará como seus seguidores obedientes, através da presença e do poder do Espírito Santo (Mt 1.23; 18.20). Devem ir a todas as nações e testemunhar somente depois que do alto seja revestidos de poder (Lc 24.49; At 1.8).

Micônio, amigo de Martinho Lutero, certa noite sonhou e, no seu sonho, viu um ceifeiro que se agitava tentando sozinho colher uma vasta seara; ele olhou do outro lado do monte e viu um só pastor esforçando-se para sozinho recolher no aprisco um grande rebanho. Com grande esforço reconheceu o ceifeiro e o pastor como sendo o mesmo, tratava-se do íntimo amigo Martinho Lutero. Então disse Micônio: “Até aqui só orei, de hoje em diante descerei a colina e ajudarei o meu amigo”.

2. O chamado para a igreja

As nações para Jesus! Esse deve ser nosso sonho. Esse deve ser nosso desafio, e esse deve ser nosso alvo. Nossas orações devem abranger os povos do mundo inteiro; nosso dinheiro deve estar apoiando missionários nos confins da terra; nossa vida deve estar sendo gasta nesse propósito; nossos filhos devem estar sendo treinados com a visão missionária e colocados à disposição do Senhor para os seus propósitos.

Preliminarmente, devemos agradecer a Deus pelo despertamento missionário que temos visto no Brasil nesses últimos tempos. As igrejas têm entendido corretamente a premência de serem testemunhas “tanto... como” (At 1.8), ao mesmo tempo, “tanto” locais, “como” mundiais, necessitando de orar mais intensamente e de recursos humanos e financeiros para que possam alcançar os perdidos.

Quanto mais confiantes no arrebatamento, mais objetiva e esperançosa será nossa vida cristã e, por conseguinte, mais dinâmico e eficaz será o trabalho missionário da Igreja.

A mensagem bíblica do evangelho tem de estar fundamentada na proclamação da morte, da ressurreição e da esperança do arrebatamento da Igreja.

A obra missionária começou com as palavras de Jesus em Atos 1.8 e continuará até que Ele venha (1 Co 11.26). Que o Espírito Santo continue despertando a Igreja nesses últimos dias que antecedem a volta do Senhor Jesus Cristo para arrebatar a sua Igreja!

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Isael de. **Dicionário Movimento Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD.
- BATISTA, Airton Correa. **Missões: O Grande Desafio de Deus.** São Paulo: IEQ.
- BOSCH, David J. **Missão Transformadora.** São Leopoldo: Editora Sinodal.
- BOYER, Orlando. **Espada Cortante.** Rio de Janeiro: CPAD.
- BOYER, Orlando. **Pequena Enciclopédia Bíblica.** Rio de Janeiro: CPAD.
- BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI – Antigo e Novo Testamentos.** São Paulo: Vida.
- CABRAL, Elenai. **Filipenses: A humildade de Cristo como exemplo para a Igreja.** Rio de Janeiro: CPAD.
- CARSON, D. A. **Comentário Bíblico Vida Nova.** São Paulo: Vida Nova.
- CARVALHO, César Moisés. **Pentecostalismo e Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: CPAD.
- CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia.** São Paulo: Candeia.
- Comentário Bíblico Beacon.** Rio de Janeiro: CPAD.
- Comentário Bíblico Matthew Henry.** Rio de Janeiro: CPAD.
- Comentário Bíblico Pentecostal – Novo Testamento.** CPAD. Rio de Janeiro-RJ.
- Comentário do Novo Testamento – Aplicação Pessoal.** Rio de Janeiro: CPAD.

Curso de Formação em Missiologia. Editora OGC Médicos com uma Missão. Colombo-PR.

DAVIDSON, F. **O Novo Comentário da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova.

Declaração de Fé das Assembleias de Deus (CGADB – CPAD).

Dicionário Bíblico Eerdmans. Flórida: Editorial Patmos.

Dicionário Bíblico Wycliffe. Rio de Janeiro: CPAD.

DOUGLAS, J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova.

Doutrinas Bíblicas – Uma Perspectiva Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD.

FERNANDES, Anderson. **Além das Fronteiras.** Brasília: Editora Cristã.

FILHO, Edvaldo. **O Segredo da Obra Missionária.** São Paulo: Autor da Fé editora.

FILHO, Felizardo Batista da Silva. **O Projeto do Pai: Missões.** São Paulo: Alfa & Ômega Editora.

FILHO, Juarez Marcondes. **Semeando entre os Espinhos.** Curitiba.

GABY, Wagner. **A Missão Integral da Igreja.** Rio de Janeiro: CPAD.

GILBERTO, Antonio. **Teologia Sistemática Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD.

GOMES, Geziel. **Porque sou Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD.

GREENWAY, Roger. **Ide e fazei discípulos – Uma introdução às missões cristãs.** São Paulo: Editora Cultura Cristã.

Guia Prático de Missões. EMAD. Rio de Janeiro: CPAD.

HEIDERICK, Enilson. **A Graça da Liberalidade.** Suzano-SP: Publicações Grammata.

- HORTON, Stanley M. **Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD.
- HOSKINS, Bob. **Tarefa Inacabada.** Deerfield-Flórida: Editora Vida.
- IGREJA: Pentecostalismo, Missiologia e Discipulado.** EN-SINAÍ. Curitiba: AEIEADC.
- Introdução e Comentário (Diversos livros da Bíblia) Série Cultura Bíblica.** São Paulo: Vida Nova.
- LIDÓRIO, Ronaldo. **Restaurando o Ardor Missionário.** Rio de Janeiro: CPAD.
- NELSON, Wilton M. **Nuevo Diccionario Ilustrado de la Biblia.** EUA: Editorial Caribe.
- Novo Comentário Bíblico Contemporâneo – Atos.** São Paulo: Editora Vida.
- Novo Comentário Bíblico Contemporâneo – Mateus.** São Paulo: Editora Vida.
- Novo Dicionário Bíblico Champlin.** São Paulo: Hagnos.
- O Novo Testamento Interpretado – Versículo por Versículo.** Rio de Janeiro: CPAD.
- OLIVEIRA, Olinto de. **Missões: A Hora chegou.** Rio de Janeiro: CPAD.
- Para que o mundo ouça a sua voz. Documentos de Lausane.** Belo Horizonte: Comissão Brasileira de Evangelização.
- PAULA, Oséas Macedo de. **Manual de Missões.** Rio de Janeiro: CPAD.
- PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as Doutrinas da Bíblia.** Flórida: Vida.
- PETERS, George W. **Teologia Bíblica de Missões.** Rio de Janeiro: CPAD.

- PIPER, John & MATHIS, David. **Cumprindo a Missão.** Rio de Janeiro: CPAD.
- PIROLO, Neal. **A Missão de Enviar—Como Sustentar o seu Missionário.** Londrina-PR: Editora Descoberta.
- POMERVILLE, Paul A. **A Força Pentecostal em Missões.** Rio de Janeiro: CPAD.
- RICHARDS, Lawrence O. **Comentario Bíblico del Maestro.** Miami-Florida: Editorial Patmos.
- SILVA, João Gomes da. **Missões: Uma Tarefa Inacabada.** Rio de Janeiro: Alfalit.
- SILVA. Rayfran Batista da. **Por que o desafio missionário é urgente?** São Luiz.
- Simpósio Nacional de Missões em Curitiba-PR. (Apostila).**
Missionária Kelem Gaspar e outros. SENAMI/CPAD.
- SMITH, Timothy Dudley. **Cristianismo Autêntico:** Textos selecionados da obra de John Stott. São Paulo: Editora Vida.
- TAYLOR, William D. **Missiologia Global para o século XXI.** Londrina: Editora Descoberta.
- TUCKER, Ruth A. **Missões: Até os Confines da Terra.** São Paulo: Shedd Publicações.
- YORK, John V. **Missões na Era do Espírito Santo.** Rio de Janeiro: CPAD.

ATÉ OS CONFINS DA TERRA

A Grande Comissão tem como objetivos proclamar o Evangelho em palavras e ações a toda criatura; discipular os novos convertidos, tornando-os fiéis seguidores de Cristo; e integrá-los espiritual e socialmente na igreja local.

O “Ide” é para toda a Igreja. Ela não pode omitir-se à responsabilidade com as missões nacionais e transculturais. Todavia, para que a Grande Comissão seja eficaz, é essencial que o Espírito Santo habite nas pessoas com poder (Lc 24.49; At 1.8).

Nesta obra, o pastor Wagner Gaby descontina uma ampla visão acerca das missões em uma perspectiva bíblica e pentecostal, bem como sua realidade no mundo atual. Ele também apresenta um modelo de missões baseado na igreja de Antioquia, qual o seu propósito e nos convida a pregar o Evangelho a todos os povos até a volta de Cristo.



WAGNER TADEU DOS SANTOS GABY

É pastor presidente da Assembleia de Deus em Curitiba. Conferencista, advogado, comentarista das *Lições Bíblicas* da CPAD e escritor de diversas obras, entre elas, *As Doenças do Século*, *Planejamento e Gestão Eclesiástica e Relações Públicas para Líderes Cristãos*, todas publicadas pela CPAD. É também membro da Academia Evangélica de Letras e da Casa de Letras Emílio Conde.

